

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

LAÍS OLIVATO

**Insurgência impressa:  
Uma análise do periodismo no primeiro  
movimento de independência mexicano (1810-1814)**

**São Paulo  
2012**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**Insurgência impressa:  
Uma análise do periodismo no primeiro movimento  
de independência mexicano (1810-1814)**

LAÍS OLIVATO

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em História  
Social do Departamento de História da  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas da Universidade de São Paulo.

ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> GABRIELA PELLEGRINO SOARES

**São Paulo**

**2012**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

O46i Olivato, Laís  
Insurgência impressa: uma análise do periodismo no primeiro movimento de independência mexicano (1810-1814) / Laís Olivato ; orientadora Gabriela Pellegrino Soares. - São Paulo, 2012.  
127 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. História do México. 2. Independência da Nova Espanha. 3. Imprensa insurgente. I. Soares, Gabriela Pellegrino, orient. II. Título.

**NOME: OLIVATO, Laís**

**TÍTULO: Insurgência impressa:** Uma análise do periodismo no primeiro movimento de independência mexicano (1810-1814)

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em História  
Social do Departamento de História da  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas da Universidade de São Paulo.

**Aprovada em:**

**Banca Examinadora**

Prof. Dr. ....

Instituição .....

Julgamento .....

Assinatura .....

Prof. Dr. ....

Instituição .....

Julgamento .....

Assinatura .....

Prof. Dr. ....

Instituição .....

Julgamento .....

Assinatura .....

## **Agradecimentos**

O desenvolvimento desta dissertação tornou-se possível graças a colaboração e ao afeto de inúmeras pessoas com quem eu dividi ideias, pensamentos, angústias e conhecimentos nos últimos três anos. Gostaria de agradecer tanto aqueles que acompanharam de perto as dificuldades do trabalho de pesquisa acadêmica e seus frutíferos resultados, assim como os que, com diferentes interesses e generosidades, tornaram mais prazeroso esse processo.

Primeiramente agradeço à minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Gabriela Pellegrino Soares, pelo acolhimento constante. Suas leituras minuciosas, as críticas, as discussões, a motivação, a compreensão e, principalmente, a amizade foram imprescindíveis para minha formação.

À Prof<sup>a</sup> Maria Lígia Coelho Prado que fez parte da minha trajetória acadêmica desde a Graduação. Suas aulas e seu entusiasmo pela História da América Latina foram fundamentais para minhas escolhas na pós-graduação. Com ela aprendi a me apaixonar cada dia mais pelo estudo da História e pelo povo latino-americano.

Aos amigos historiadores e pesquisadores, Vanessa Pacheco, Renan Perondi, Bruno Galeano, Marcio Botelho, Lucas Jorge de Freitas, Lorena Leite, André Navajas Madio, Rafael Viegas, Marina Garcia de Oliveira, Camila Souza Lima, György Henyei Neto e Caio Pedrosa da Silva interlocutores fiéis dessa pesquisa. Foram bons companheiros e, ocasionalmente, revisores detalhistas de meus textos.

À Vivian Krauss e Camilla Fontes, pelas madrugadas dedicadas a preciosas discussões historiográficas, a paixão pelo mundo e ao cultivo da amizade. São pessoas inesquecíveis.

Às ex-alunas, Livia Orsati e Giovanna Crescitelli, que me ensinaram sobre a importância de ser professora em momentos de dúvidas e crises profissionais. Obrigada pelos

sorrisos, pelas palavras de afeto, pelo reconhecimento, pelos momentos lúdicos e pelo conhecimento dividido.

Aos meus colegas de trabalho, que compartilham diariamente o gosto pela profissão e pelo debate acadêmico, Patrícia Andrade da Silva, Carolina Gabriel de Paula, Valter Roitman, Bruna Renata Cantele, Vanessa Sobrino, Mirtes Timpanaro e Paulo Ramirez.

Ao meu grande amigo Roberto do Valle, por toda a ajuda técnica no trabalho com as fontes documentais da pesquisa. Pelo carinho, disposição e atenção fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Às minhas amigas, Mayara Zaneli, Fernanda Nogueira e Talita Medinilha pela paciência, compreensão e amor que só os piracicabanos entendem.

À minha irmã Luiza Olivato, eterna companheira de vida. Obrigada pelas sugestões assertivas, bom-humor, revisões e paciência em todos os momentos.

Aos meus pais, Luiz e Renata Olivato, minhas referências sempre. Incentivaram-me a seguir meus sonhos e a superar adversidades com amor.

Por fim, não posso deixar de citar o acolhimento dos mexicanos em viagem para pesquisas ao México. Era o primeiro dia do ano de 2010, quando encontrei uma senhora indígena muito simples em frente à Catedral na Cidade do México. Ela disse viajar de muito longe para poder assistir a primeira missa do ano com todos os milhares de mexicanos que ali estavam. Pediu que eu permanecesse ao seu lado para sentir, naquele país estrangeiro, a força de seu povo.

Ao povo mexicano.

**Resumo:** A imprensa insurgente encomendada por Miguel Hidalgo e por José Morelos, durante o movimento de independência da Nova Espanha, marcou uma ruptura com a imprensa oficial no início do século XIX. Ao levantar os problemas sociais do Vice-Reino e estratégias para combatê-los, configurou um novo espaço de debate político que respondia prioritariamente às urgências de notícias da guerra e à publicação de constantes manifestos em que se justificava a causa separatista. Analisar o desenvolvimento dos impressos durante a independência constitui um mecanismo para compreendermos a formação de espaços de sociabilidade num momento de debate intenso sobre a formulação de uma identidade mexicana. Os jornais revolucionários podem ser lidos, a partir desta perspectiva, não apenas como um lugar de discussão, mas como um elemento que se vincula a outras instâncias de ação social e estabelece uma comunicação a fim de formar opiniões políticas.

**Palavras Chave:** Independência da Nova Espanha – História do México – periodismo insurgente



**Abstract:** The insurgent press demanded by Miguel Hidalgo and José Morelos, during the independence movement of New Spain, established a rupture with the official media from the early 19<sup>th</sup> century. When putting through the light the social problems of the Vice-Reign and the strategies to fight against it, a new space for political debate was created, answering mainly to the urgency of the news from the war and the publication of constant manifests in which the independence is a mechanism for us to understand the formation of places for sociability in a moment of intensive debates on the construction of a Mexican identity. The revolutionary newspapers can be read, through this perspective, not only as a place for arguments, but also an element connected to other social practices and establish a communication with the mission to create political opinion.

**Key words: Independence of New Spain - Mexican History – insurgence periodism**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	p. 13
<b>1: A escrita da independência</b>	
1.1 O grito de Dolores .....	p. 21
1.2 Novos debates e perspectivas .....	p. 36
<b>2: Revolução impressa</b>	
2.1 A imprensa na Nova Espanha .....	p. 53
2.2 Construção do periodismo insurgente .....	p. 64
2.3A mediação das ideias políticas na construção da luta .....	p. 79
<b>3: As ideias insurgentes</b>	
3.1 A dinâmica simbólica .....	p. 90
3.2 O rei oculto <i>versus</i> a Pátria Americana .....	p. 91
3.3 A proteção da Virgem e as luzes da razão .....	p. 102
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	p. 114
<b>ANEXOS</b> .....	p. 121

## Índice de imagens

### **Figura 1:**

Mapa com as principais localidades citadas no texto .....p. 12

### **Figura 2:**

Vicente Riva Palacio, Julio Zárate (1880) "México a través de los siglos" Tomo III: "La guerra de independencia" (1808 - 1821) ..... p. 20

### **Figura 3:**

*Semanário Americano*, número vinte e três do dia 20 de dezembro de 1812.....p. 52

### **Figura 4:**

*El Correo Americano del Sur* número quatro do dia 18 de março de 1813.....p. 89



## Introdução

As reflexões aqui apresentadas buscam compreender a formação dos canais de mediação política e cultural entre os líderes rebeldes e a população da Nova Espanha durante o primeiro movimento de independência mexicano. Por meio da análise de uma série de jornais publicados entre 1810 e 1814<sup>1</sup>, é possível traçar um panorama da formação do diálogo entre diferentes grupos sociais no contexto de ruptura com o Antigo Regime para a configuração de uma dinâmica popular à luta emancipacionista.

A insurgência iniciada há duzentos anos pelo Padre Miguel Hidalgo de Costilla e, posteriormente, continuada por Padre José Maria Morelos y Pavón e Ignacio López Rayón coloca o problema da construção de um espaço de debate e de uma nova consciência política. O questionamento à soberania política, às hierarquias sociais, ao problema da liberdade de imprensa e à subordinação da população indígena aparecem em evidência nessa conjuntura.

O momento foi crucial para favorecer a mobilização dos setores populares. Com a captura de Fernando VII pelos franceses, instaurou-se em todo o Império uma discussão sobre o papel da população como instância soberana de exercício do poder. Na Nova Espanha, o movimento de Hidalgo e Morelos dialogava diretamente com essa questão.

Durante a trajetória da luta, os *curas ilustrados* contaram com a ajuda de homens letrados que apoiaram a insurgência e publicaram textos para formular um ponto de encontro possível entre o discurso promovido por *criollos* em relação aos anseios dos setores populares, considerando sua participação neste momento. Atuando como mediadores políticos e culturais, os editores dos jornais insurgentes produziram um interessante material impresso

---

<sup>1</sup> *El Despertador Americano* (Guadalajara, 1810-1811), *El Ilustrador Nacional* (Sultepec, 1812) substituído pelo *El Ilustrador Americano* (1812-1813), *Semanario Patriótico Americano* (Huichapa y Tlalpujahuá, 1812, 1813), *Gazeta del Gobierno Americano, en el Departamento del Norte* (Yuriria, 1812) e o *Correo Americano del Sur*, (Oaxaca, 1813).

que evidenciava os principais debates políticos do momento de formação da luta emancipacionista. O diálogo destes com os setores populares foi capaz de unir os diferentes setores sociais, que permaneceram afastados durante os séculos da colonização.

Nos últimos anos, os estudos sobre populações indígenas nas Américas têm se desenvolvido numa perspectiva histórico-antropológica que tende a valorizar os índios como sujeitos ativos dos processos históricos nos quais se inserem<sup>2</sup>. Assim, ao longo desta dissertação, pretendo explorar o diálogo entre os editores ilustrados e a população como fundamental na formação da rebelião. Para tanto, é necessário traçar um quadro panorâmico sobre como os mestiços indígenas se integraram ao movimento inicialmente liderado por Hidalgo e o momento histórico que permitiu a ampliação da participação popular.

De antemão, considero que o processo de emancipação da Nova Espanha se distingue dos demais movimentos hispano-americanos por três motivos centrais. Primeiro, foi iniciado no interior de uma província do vice-reinado e não na capital. Segundo, seus principais líderes eram sacerdotes que conduziam uma população rural. Por último, o caráter eminentemente popular que teve a insurreição em sua primeira etapa – 1810-1815. Além disso, é importante destacar que neste processo o diálogo entre religião e política esteve muito estreito, muitas vezes confundindo seu papel na formação discursiva do movimento. Para a compreensão dessas especificidades, a dissertação está dividida em três partes centrais.

No primeiro capítulo, *A escrita da independência*, o movimento de independência foi analisado à luz dos novos debates historiográficos que surgiram em ocasião das comemorações do bicentenário no ano de 2010. Além de contribuição para o avanço das pesquisas acadêmicas, a utilização política do evento para a formação de uma memória

---

<sup>2</sup> Essa forma de análise foi trabalhada por John Monteiro, para quem os “avanços recentes nos estudos etno-históricos, no entanto, vêm minando (...) perspectivas arraigadas desde há muito introduzindo uma nova conjunção entre pesquisa documental e perspectivas antropológicas para produzir um renovado retrato das respostas ativas e criativas dos atores indígenas que, apesar de todas as forças contrárias, conseguiram forjar espaços significativos na história colonial, de modo que não é mais admissível omiti-los do registro histórico.” MONTEIRO, John **Revista História** 149, 2º - 2003, 109.

histórica mexicana merece destaque para a compreensão da conjuntura atual. No dia 18 de setembro, em ocasião destas festividades, o presidente do México, Felipe Calderón declarou que:

O ano de 2010 será, sem dúvidas, tempo de júbilo e alegria. Em cada lugar, em cada escola, em cada bairro ou praça pública, viveremos intensamente o orgulho de sermos mexicanos, o orgulho de prover desse nosso passado rico em complexidade, dramatismo e glória, porém celebraremos também o orgulho de nosso futuro. Um orgulho que construiremos juntos, com a firme determinação de engrandecer cada dia nossa Pátria, como foi o ideal de nossos libertadores; porque, finalmente, a Pátria é de todos, a Pátria é para todos<sup>3</sup>.

O discurso de Calderón evidencia um imaginário social sobre a independência que percorre o México até os dias de hoje, além de fazer parte da idealização sobre a construção da identidade nacional de seu povo. O fato de não representar apenas a separação com a Espanha, mas também o momento fundador da Pátria é recuperado constantemente pelo discurso político. Em decorrência das festividades oficiais do governo e da relevância do tema para os mexicanos, o número de publicações, acadêmicas ou não, sobre o movimento iniciado em 1810 aumentou significativamente. Muitos historiadores têm se debruçado sobre tarefa de reinterpretar esse passado, seja criticamente, ou para torná-lo mais heróico.

Em uma entrevista dada em 2011 ao *Periódico y Agencia de Noticias Imagen del Golfo*<sup>4</sup>, o historiador Enrique Florescano alertou que as comemorações pelo Bicentenário produziram uma “nova historiografia” oficial que se preocupou em apagar as diversidades regionais do país por trás de um discurso de unidade nacional que serviria para atender às exigências políticas do momento histórico do país atualmente. Contudo, temos que reconhecer

---

<sup>3</sup> [http://www.bicentenario.gob.mx/index.php?catid=68:arco-bicentenario&id=259:discurso-del-presidente-felipe-calderon-hinojosa&option=com\\_content&view=article](http://www.bicentenario.gob.mx/index.php?catid=68:arco-bicentenario&id=259:discurso-del-presidente-felipe-calderon-hinojosa&option=com_content&view=article) acessado em novembro de 2010. (Optou-se por traduzir as citações das obras historiográficas originalmente em espanhol para facilitar a leitura do texto)

<sup>4</sup> Entrevista com Enrique Florescano Disponível em <http://www.imagendelgolfo.com.mx/resumen.php?id=234538> acessado em março de 2011.

a existência de uma produção historiográfica acadêmica de peso que, buscando analisar as especificidades dos acontecimentos do México em 1810, vem questionando a utilização de antigos métodos e fontes de uma antiga “história oficial”. A partir desse debate, é possível reconstruir um breve panorama histórico dos principais eventos que cerceiam as distintas produções historiográficas que analisaram a luta de Hidalgo e Morelos como uma parte constituinte da cultura política<sup>5</sup> do país nos últimos anos.

No segundo capítulo da dissertação, *Revolução impressa*, delinearei o percurso dos jornais insurgentes produzidos durante a luta política do início do século XIX. *El Despertador Americano* (Guadalajara, 1810-1811), *El Ilustrador Nacional* (Sultepec, 1812) substituído pelo *El Ilustrador Americano* (1812-1813), *Semanario Patriotico Americano* (Huichapa y Tlalpujahua, 1812, 1813), *Gazeta del Gobierno Americano, en el Departamento del Norte* (Yuriria, 1812) e o *Correo Americano del Sur*, (Oaxaca, 1813)<sup>6</sup> atuaram como intermediários nesse debate entre letrados e populares, mundo urbano e o rural dos indígenas e, inclusive, entre uma ilustração específica da Nova Espanha e as tradições populares.

Para estabelecer a relação desses mediadores políticos e a população durante o processo de construção da luta política, utilizei as cartas pessoais dos líderes insurgentes, especificamente uma antologia documental de cartas enviadas por Morelos, publicadas por

---

<sup>5</sup> Marta Abreu propõe uma definição pertinente do conceito de cultura política no livro *Cultura política e leituras do passado*. Para a autora, “o interesse pelo conceito se deve ao fato que ele permite explicar ou compreender o comportamento político de atores individuais e coletivos, privilegiando suas próprias percepções, lógicas cognitivas, memórias, vivências e sensibilidades. Considerado “um sistema de representações, complexo e heterogêneo”, o conceito torna-se útil ao historiador que rejeita anacronismos e não deseja estabelecer interpretações normativas ou unívocas. De modo geral, pode-se dizer que as culturas políticas têm formas pelas quais se manifestam e se evidenciam mais frequentemente, como um projeto de sociedade, de Estado ou uma leitura compartilhada de um passado comum. Têm igualmente algumas instituições-chave, como a família, os partidos, os sindicatos, as Igrejas, as escolas, embora grupos sociais diversos também possam ser importantes para sua transmissão e recepção. Por outro lado, as culturas políticas exercem papel fundamental na legitimação e regimes ou na criação de identidades, sendo seus usos extremadamente eficientes e pragmáticos. Em todos os casos, as culturas políticas articulam ideias, valores crenças, símbolos, ritos, vocabulário, imagens e memórias em prol de lutas políticas e culturais.” ABREU, Marta, SOIHET, Rachel e GONTIJO, Rebeca (orgs) **Cultura política e leituras do passado**: historiografia e ensino de história Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007. p. 13- 14.

<sup>6</sup> Todos os periódicos insurgentes citados ao longo do texto estão disponíveis no sítio virtual Antorcha.net.



Ernesto Lemoine Villicaña<sup>7</sup>, para compreender o diálogo entre esses grupos em meio a um novo espaço público na Nova Espanha. É interessante observar a distinção das duas fontes documentais utilizadas nesta pesquisa. Enquanto os jornais eram elaborados durante as batalhas e confrontos militares do movimento e destinados à população da Nova Espanha, as cartas eram elaboradas cuidadosamente pelos líderes insurgentes antes de serem enviadas aos seus correspondentes, fossem eles integrantes da luta em outras frentes de combate ou *criollos* politizados das principais cidades rebeldes.

Para Roger Chartier, a criação de uma esfera pública de debate definiu um novo espaço público na Europa do século XVIII e nos Estados da América Latina do século XIX. Para além da definição de Jürgen Habermas, para quem as novas formas de sociabilidade ocorriam a partir de encontros entre pessoas privadas que discutiam e criticavam os assuntos do Estado e das autoridades em cafés, clubes e salões literários, havia também o espaço da sociabilidade escrita, Chartier utiliza o texto “O que é Iluminismo” de Kant para definir o espaço público como um local associado à produção, circulação e apropriação do escrito. Conforme o iluminista, o “iluminismo é mais um processo, uma tendência, um movimento que terá concluído quando cada um possa atuar produzindo textos como sábio e recebendo outros como leitor”<sup>8</sup>.

Segundo François Xavier Guerra e Annick Lempérière,

público nos remete sempre à política: a concepções da comunidade como associação natural ou voluntária, ao governo, à legitimidade das autoridades. Longe de ser somente o qualificativo neutro e cômodo de um “espaço” ou de uma “esfera” que se opõe sempre, implícita ou explicitamente ao campo do “privado”, à esfera dos indivíduos e das famílias, das consciências e das propriedades, o público é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto da política: seja a do Antigo Regime (o bem comum, os

<sup>7</sup> TORRE VILLAR, Ernesto de la **Testimonios Historicos Guadalupanos**. México, FCE, 1982 e, VILLICANA, Ernesto Lemoine **Morelos: su vida revolucionaria a través de sus escritos y de otros testimonios de la época** México: UNAM, 1965.

<sup>8</sup> CHARTIER, Roger **Cultura escrita, Literatura e História**: conversa de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit Porto Alegre, Artmed, 2001, p. 64-65.

cargos públicos, a “felicidade pública” dos ilustrados) ou a revolucionária (a *salut public* dos jacobinos) ou a do constitucionalismo liberal (os poderes públicos legitimados pela soberania do povo)<sup>9</sup>

Contudo, é interessante notar que a ambição iluminista de tornar a população mais “sábia” com a utilização da leitura e da escrita não ocorria dessa forma. No século XIX, a valorização ilustrada da cultura letrada nem sempre contemplava o grande público.

O papel dos editores dos periódicos insurgentes foi fundamental para a construção dos canais pelos quais ocorreu a difusão das ideias do movimento. Discutir a trajetória de personagens como José María Cos, Carlos María Bustamante, Francisco Severo Maldonado e André Quintana Roo é compreender uma parte importante da formulação discursiva da luta política travada pelas lideranças populares, assim como o entendimento de que este debate não permanecia estagnado, mas era constantemente reformulado nos impressos.

O terceiro capítulo, *As ideias insurgentes*, compreende uma análise discursiva dos jornais rebeldes. A dinâmica de construção do movimento ao longo destes periódicos está composta de elementos que permitiram a aproximação da população com os ideais políticos de Hidalgo e Morelos. O ódio aos *gachupines*<sup>10</sup>, o simbolismo do culto à Virgem de Guadalupe, a justificativa moral da luta por meio de argumentos religiosos, a constante evocação de Fernando VII como guardião do Império espanhol e liderança oculta dos rebeldes eram constantes nos primeiros jornais insurgentes. Aos poucos, esse discurso tradicional

<sup>9</sup> GUERRA, François Xavier e LEMPÉRIÈRE, Annick **Los espacios públicos en Iberoamérica: ambigüedades y problemas**. Siglos XVIII-XIX. Mexico: Fondo de cultura económico, 1998, p. 7.

<sup>10</sup> De acordo com Alfredo Ávila, "durante o período do vice-reinado, os descendentes de espanhóis eram considerados como tal, espanhóis, sem importar o lugar em que tivessem nascido. Por essa razão, quando fizemos referência aos que nasceram no território da atual Espanha, os chamaremos espanhóis europeus ou espanhóis peninsulares para distingui-los dos espanhóis americanos, nascidos no vice-reinado. Os termos *gachupin* e *crioulo*, que na época tinham uma carga pejorativa, serão empregados quando fizemos referência à retórica e tais termos das fontes estudadas. "*Crioulo*" referia-se ao nascido na América, filho ou descendente de espanhóis europeus, enquanto que "*gachupin*" era chamado o espanhol europeu que ocupava cargos e empregos no vice-reinado ou que havia enriquecido na América; ainda que, pouco a pouco, começou a ser utilizado para designar qualquer espanhol peninsular." ÁVILA, Alfredo e PUGA, Gabriel T. Do francês ao gachupin: a xenofobia no discurso político e religioso da Nova Espanha, 1760-1821 In: PAMPLONA, Marco A. e MÁDER, Maria Elisa (org) **Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas** - Nova Espanha São Paulo: Paz e Terra, 2008 p. 120.

associado à política do Antigo Regime foi substituído por novos debates que permeavam a discussão por um novo Estado Nacional. A partir de 1813, conforme as fontes documentais, o separatismo político da insurgência prevalecia diante aos antigos argumentos que, no início, haviam permitido uma identificação popular de grande fôlego com a causa.

A construção do debate político sobre a formação do movimento de Hidalgo e Morelos passava, então, pelo questionamento das antigas estruturas sobre as quais estavam alicerçadas as características sociais do Antigo Regime em confronto com literatura ilustrada que chegava à Nova Espanha aos poucos. Coube aos jornais insurgentes sintetizar essas discussões que estavam no seio da configuração da luta armada e nas balizas políticas do movimento.



## Capítulo 1

### A escrita da independência

#### 1.1 O grito de Dolores

Quando em 1808, Napoleão Bonaparte aprisionou Fernando VII e colocou a Espanha sob os domínios políticos de José Bonaparte, o movimento civil de resistência peninsular organizou uma Junta Suprema na qual se reuniam os representantes do Império Espanhol na ilha de León, em frente a Cádiz. O objetivo era formar um governo paralelo que se mantivesse fiel ao rei cativo. No momento em que as notícias chegaram a Cidade do México, capital do vice-reinado da Nova Espanha, o vice-rei José de Iturrigay passou a conviver com uma crise política que se arrastou por toda a Ibero-América.

Nas reuniões, tertúlias e textos publicados a partir de 1808, tanto na metrópole, quanto nas colônias, o tema central era o desaparecimento do rei espanhol. A discussão foi dividida entre aqueles que defendiam que a soberania tinha sido partilhada com o povo e julgavam, portanto, ser necessário convocar uma Junta Local em todas as províncias americanas e aqueles que acreditavam que quem governava era a península, e a Nova Espanha deveria continuar a obedecer às decisões da metrópole, representada naquele momento pela Junta de Cádiz.

Conforme Maria Elisa Mäder e Marco Pamplona,

A invasão napoleônica da Península Ibérica em 1808 provocou

mudanças definitivas no mundo colonial ibérico; em Portugal, ocasionou a transferência da família real para o Brasil; na Espanha, a abdicação do rei Carlos IV em nome de seu filho, Fernando VII e a captura deste último por Napoleão, criaram uma situação de crise da monarquia que acabou permitindo aos reinos da península e da América viverem, por algum tempo, uma fase de intensa experimentação política. Entre 1808 e 1812, coube aos povos na península e na América assumirem os poderes detidos pelo rei e debaterem sobre o fundamento e o conceito de soberania, sobre representação, a ideia de Nação, e a necessidade de dar uma Constituição à monarquia. Estes homens começaram a compartilhar sentimentos e a engendrar um novo vocabulário político, e, por meio de ideias e ações, resignificaram valores e configuraram novas práticas políticas no interior de suas sociedades.<sup>11</sup>

Na Nova Espanha, para apoiar os *criollos* que defendiam a soberania local, o vice-rei José Iturrigay facilitou a formação de uma junta com os principais representantes do vice-reino. Contudo, os defensores do poder peninsular organizaram um golpe e assassinaram os principais líderes da Junta da nova-hispana, Francisco Primo de Verdad e Frei Melchor de Talamantes. Os *gachupines*, que consumaram este golpe de Estado, nomearam Pedro de Garibay o novo vice-rei. Em meados de 1809, o arcebispo Francisco Xavier Lizana substituiu Pedro de Garibay e passou a reconcentrar esforços para aumentar a cobrança de impostos e enviar fundos a Cádiz.

Foi durante o vice-reinado de Lizana que ocorreu a primeira conspiração pela independência e em defesa da Nova Espanha, organizada em Valladolid pelos *criollos*. Aprisionados facilmente pelas tropas vice-reais, os primeiros líderes rebeldes, José Maria Obeso e José Mariano Michelena<sup>12</sup>, não puderam participar do processo continuado por Ignacio Allende, um dos membros da organização, em San Miguel el Grande em Guanajuato,

---

<sup>11</sup> PAMPLONA, Marco A. e MÄDER, Maria Elisa (org) **Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas - Nova Espanha** São Paulo: Paz e Terra, 2008 p. 7-8.

<sup>12</sup> REYES, Raúl Cardiel **La primera conspiración por la independencia de México**. México: SEP, 1980.

no centro-sul da província.

Enquanto se formavam novas conspirações pela soberania local na América, em Cádiz, a Junta Suprema Nacional prosseguia a guerra contra os franceses com apoio britânico. Ao apoiar medidas violentas dos espanhóis nas batalhas, a Junta perdia cada vez mais o respaldo das forças autonomistas. Para ganhar mais adeptos, a resistência espanhola passou a reconhecer a igualdade entre os povos americanos perante a metrópole e nomeou uma regência que convocou Cortes. As eleições foram feitas para nomear os representantes das Cortes de Cádiz e elegeram 17 nomes da Nova Espanha.

Durante a primeira sessão em Cádiz, a questão americana foi logo colocada em pauta. Os americanos apresentaram uma petição que se baseava em três pontos: “igualdade nos direitos concedidos aos europeus, integração de sua representação como parte da monarquia e a aprovação de um decreto de anistia” tendo em vista o movimento insurgente que avançava em todo o sul da América. Os americanos apresentaram uma petição que se baseava em três pontos: “igualdade nos direitos concedidos aos europeus, integração de sua representação como parte da monarquia e a aprovação de um decreto de anistia”. A petição gerou um decreto no qual se afirmava que "os domínios espanhóis em ambos os hemisférios formam uma mesma e única Nação, e por isso, os naturais oriundos desses domínios europeus ou ultramarinos são iguais em direitos aos desta península"<sup>13</sup>.

Contudo, mesmo com as petições encaminhadas às Cortes, as conspirações na Nova Espanha ganhavam cada vez mais forma nesse cenário turbulento. Muitos *criollos* não reconheciam a autoridade de Cádiz ou dos franceses e, por isso, passaram a defender uma soberania política popular. Nas redondezas de Querétaro, especificamente, o *criollo* Don Miguel Dominguez e sua esposa reuniram em sua casa, sob o pretexto de discutir tertúlias literárias, homens ilustrados que articulavam um levante contra o vice-reinado. Oficiais como

---

<sup>13</sup> BERBEL, Marcia R. Cortes de Cádiz: entre a unidade da Nação Espanhola e as independências americanas In: PAMPLONA, Marco A. e MÁDER, Maria Elisa (org) **Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas - Nova Espanha** São Paulo: Paz e Terra, 2008 p. 26.

Ignacio Allende, Juan Adalma, Pe. José María Sanchez e mais uma dezena de indivíduos insatisfeitos, sobre os quais se encontrava também Miguel Hidalgo, o padre de Dolores e ex-reitor do Colégio de San Nicolás em Valladolid<sup>14</sup>, planejavam iniciar a revolução no final do mês de dezembro de 1810.

Antes que pudessem concluir os planos de ação para a luta armada, a conspiração liderada por Allende foi denunciada. Imediatamente, o intendente de Guanajuato, José Antonio de Riãno, ordenou que se fizessem as detenções. Juan Adalma e Ignacio Allende conseguiram fugir com alguns soldados para Dolores e se reuniram com o Padre Hidalgo em 15 de setembro de 1810. Nesse encontro, decidiram adiantar os planos de insurreição e, aproveitando que era domingo, Hidalgo, em lugar de missa, incitou seus fiéis a empreender uma luta contra o governo vigente. A resposta foi imediata: camponeses, trabalhadores domésticos, mineiros entre outros, se apresentaram com instrumentos e armas de luta<sup>15</sup>.

Hidalgo fazia uma interessante releitura da realidade social da Nova Espanha a partir de algumas ideias ilustradas no início do século XIX. Com o apoio financeiro de um grupo político urbano formado por profissionais liberais, conduziu a população indígena camponesa rebelde contra o vice-rei. Seu discurso popular e heterogêneo foi carregado de símbolos e mensagens polivalentes que traziam à tona a tradição mítica pré-colonial e traços do catolicismo espanhol, aliados com anseios de liberdade, direitos civis e soberania popular.

O pensador conservador, autor de *Historia de Méjico desde los primeros movimientos que prepararon su independencia hasta la época presente*, Lucas Alamán foi provavelmente o

---

<sup>14</sup> Valladolid de Michoacán era caracterizada em meados do século XVIII como uma cidade importante, tanto em sua vida cultural como em seu aspecto urbano. Era situada às margens das grandes rotas comerciais que partiam da capital do vice-reinado, carente em minerais para as regiões abastecedoras como Zacatecas, Guanajuato, Puebla e Guadalajara. Portanto, constituía um espaço propício para a formação de novas redes de sociabilidade das quais Hidalgo fazia parte. In: VILLICAÑA, Ernesto Lemoine **Morelos: su vida revolucionaria a través de sus escritos y de otros testimonios de la época México**: UNAM, 1965 p. 11-12.

<sup>15</sup> O historiador José Serrano em seu livro *Jerarquía territorial y transición política: Guanajuato 1790-1836* analisou como a guerra e as instituições liberais transformaram a hierarquia territorial dessa região, uma vez que as cidades ganharam mais autonomia. Para Serrano, a região foi a que mais sofreu com a guerra, uma vez que o liberalismo estava mais presente ali em forma de prefeituras, deputados provinciais, milícias cívicas e eleições. In: SERRANO, José Antonio **Jerarquía territorial y transición política: Guanajuato 1790-1836**, 2001.



primeiro a relatar que, conforme a tradição oral<sup>16</sup>, o grito de guerra que lançou Hidalgo na paróquia de Dolores foi “Viva Fernando VII! Viva a religião! Viva a Virgem de Guadalupe! Morram os *guachupines!*”. A ambiguidade dessas afirmativas, que vinculavam ao movimento símbolos do Antigo Regime ao ódio contra os espanhóis já revela algumas características do discurso ilustrado na Nova Espanha.

Miguel Hidalgo (1753-1811) é conhecido pela historiografia mexicana como o *cura ilustrado*. Estudou com os jesuítas desde os 12 anos de idade e, após a expulsão dos mesmos em 1767, o padre se dedicou à teologia, à filosofia e às artes no *Colegio de San Nicolás*. Foi um estudante de destaque que aprendeu latim, francês, italiano, nahuatl, otomi e tarasco, línguas da população indígena. Aos vinte e cinco anos foi nomeado sacerdote e com trinta e nove se tornou reitor do mesmo colégio. Destacou-se no estudo das teorias liberais que estavam em discussão na Europa ao final do século XVIII. Devido às pressões da alta hierarquia eclesiástica, foi nomeado pároco na cidade de Dolores no interior do estado de Guanajuato. Nessa cidade, o padre cuidou da instrução dos indígenas camponeses e mineradores.<sup>17</sup>

Dentro da historiografia clássica sobre a independência, um dos historiadores que mais se preocupou com a análise das ideias políticas do líder insurgente foi Juan Hernández Luna. Em *El mundo intelectual de Hidalgo*<sup>18</sup> reconhece que os projetos renovadores do professor e reitor nicolaíta se moviam nos limites da teologia. Para o historiador, o padre de Dolores poderia ser um teólogo muito original e moderno, porém de nenhuma maneira era um

---

<sup>16</sup> Lucas Alamán (1792-1853) foi um renomado intelectual mexicano que reescreveu a história mexicana após a Independência. Era filho de uma família de mineiros prósperos em Guanajuato e, aos 18 anos de idade viu as forças rebeldes de Hidalgo invadirem sua cidade. Foi também viajante, cientista, político burocrata e homem de negócio. Considerado um historiador conservador, em 1851 publicou *Historia de Méjico desde los primeros movimientos que prepararon su independencia hasta la época presente* em 5 volumes pela editora de J. Mariano Lara. In: ARCHER, Christian *Historia militar em la época de la independencia de Nueva España* In: ÁVILA, Alfredo, GUEDEA, Virginea (coord) **La independencia de México: temas e interpretaciones recientes México**: UNAM, Instituto de Investigaciones Históricas, 2010.

<sup>17</sup> LUNA, Juan Hernández, **El mundo intelectual de Hidalgo**, historia mexicana, 10, III:4, octubre-diciembre de 1953, 157-177.

<sup>18</sup> Idem.

*rousseauiano* como os liberais queriam ver.

Entender a Ilustração como um movimento plural nos ajuda a compreender a dinâmica aparentemente ambígua na formação da luta política desses homens. Em setembro de 1810, San Miguel el Grande foi ocupada e, no dia 21, a multidão popular estava em Celaya e nomeava Hidalgo seu *generalísimo* e Allende como tenente-general. No santuário de Atotonilco, o padre deu ao exército sua primeira bandeira: uma imagem da Virgem de Guadalupe. Considerado protetor e guardião do movimento insurgente, o estandarte guadalupano acompanhou toda a peregrinação do exército popular contra o exército do vice-reino.

Enquanto a maior parte da população indígena que apoiava Hidalgo era camponesa, o vice-rei contava com a ajuda de oficiais indígenas da cidade. Antes mesmo do início da insurgência em setembro, algumas comunidades indígenas já se manifestavam a respeito da captura de Fernando VII. No dia 21 de julho, os governados de San Juan e de Santiago se dirigiram ao vice-rei, por escrito, informando sua posição diante das “calamidades públicas”:

Bien conocen los indios, señor excelentísimo, que son unos miserables destituidos de proporciones para ofrecer un servicio considerable, y que tal vez se cree son los ínfimos en el valor y demás vistudes militares; pero son los primeros que sacrificarán sus cortos bienes propios y comunes, su reposo y tranquilidad, sus hijos y familias, y hasta la última gota de su sangre, por no rendir vasallaje a quien sólo merece el justo enojo de nuestra nación.<sup>19</sup>

Segundo o relato, esses representantes se referiam a 14 mil índios que poderiam ser colocados a serviço do rei cativo. O documento conta com a assinatura das autoridades indígenas de San Juan, Eleuterio Severino Guzmán e de Francisco Antonio Galício. Para

---

<sup>19</sup> Ofertas hechas al excelentísimo señor virrey por las parcialidades de indios de esta capital", 21 de julio de 1808, Suplemento a la Gazeta de México del sábado 10 de septiembre de 1808, publicado el martes 13, t. XV, n. 94, p. 665-666. In: GUEDEA, Virginia Los voluntarios de Fernando VII. **Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México**, Álvaro Matute (editor), México, Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas, v. 10, 1986, p. 11-83.

cumprir sua promessa, mandaram que se confeccionassem listas dos habitantes dos *pueblos* que compunham sua jurisdição.

Outros grupos indígenas também se voluntariaram. Em Querétaro, o corregedor de letras Miguel Domínguez informou que:

estamos todos los caciques de esta dicha nobilísima ciudad dispuestos a plantar diez mil hombres de Honda y piedra y de más armas que se puedan adquirir en toda la jurisdicción de esta ciudad; y últimamente estamos resueltos a derramar primero hasta la última gota de sangre que tenemos que desamparar la defensa de la ley de Dios y de nuestro Católico Monarca (Que Dios Guarde).<sup>20</sup>

Na cidade de Texcoco, ofereceram ao vice-rei "sus personas, sus cortos intereses, seis mil indios y todos los vecinos de razón del propio Tezcoco y sus contornos, para que vuestra excelencia, como primer jefe de la nación, cuente con este corto, sincero obsequio, dispuestos todos a defender la religión, el rey y la patria".<sup>21</sup>

Quando o movimento de Hidalgo se iniciou, em San Juan, no dia 28 de setembro, os habitantes do *pueblo* indígena encaminham ao vice-rei Venegas um documento que diziam que o mesmo fazia parte de uma "alucinação delinquente" e que chegava com pesar a informação de "que cuenta en su número con algunos indios que les auxilian". Tanto as autoridades como os demais integrantes da comunidade entendiam que "los únicos dueños de este reino" eram Fernando VII e seus sucessores. Por isso, expressavam que quem queria se separar da península "cuando aún existe allá quien resista a la dominación extranjera, no puede ser fiel a Fernando VII sino que imposibilita en cuanto está de su parte su restitución al

---

<sup>20</sup> Representación de la república de naturales de Querétaro al virrey Iturrigaray, Querétaro 27 de julio de 1808, Suplemento a la Gazeta de México del miércoles 31 de agosto de 1808, publicado el viernes 2 de septiembre, t. XV, n. 87. In: GUEDEA, Virginia Los voluntarios de Fernando VII. **Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México**, Álvaro Matute (editor), México, Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas, v. 10, 1986, p. 11-83.

<sup>21</sup> "Otras ofertas hechas por la ciudad de Texcoco y las repúblicas de naturales de su jurisdicción", septiembre de 1808, Suplemento de la Gazeta de México del miércoles 14 de septiembre de 1808, publicado el viernes 16, t. XV, n. 96, p. 677. In: Idem.

trono"<sup>22</sup>. Como o vice-rei não tinha um exército bem treinado e organizado aceitou inicialmente a ajuda dessas autoridades indígenas para combater os insurgentes.

Doze dias depois de iniciada a marcha, os insurgentes estavam nas portas de Guanajuato, uma das cidades mais ricas da Nova Espanha, e Hidalgo exigiu a redenção do intendente Riaño, mostrando um crescimento numericamente significativo de seu exército:

Sabe usted ya el movimiento que ha tenido lugar en el pueblo de Dolores, la noche del 15 del presente: su principio, ejecutado con el número insignificante de 15 hombres ha aumentado prodigiosamente en tan pocos días. Me encuentro actualmente rodeado de más de cuatro mil hombres que me han proclamado su Capitán General.<sup>23</sup>

O intendente buscou asilo ao lado dos *gachupines* e resistiu à tentativa de ocupação dos insurgentes. Em resposta, a multidão comandada pelo *generalísimo* invadiu e saqueou a cidade por dois dias. Tal fato passou a gerar grande temor dos *criollos*, que permaneceram fiéis à Coroa.<sup>24</sup>

Após determinar várias penas para aqueles que não cumpriram o mandato, Hidalgo lançou um novo decreto que suspendia alguns impostos:

Es también el ánimo piedoso de S. E., quede totalmente abolida para siempre la paga de tributos para todo género de castas, sean las que fueren, para que ningún juez ni recaudador exijan esta pensión, ni los miserables que antes la satisfacían la paguen, pues el ánimo del Excmo. Sr. Capitán General es beneficiar a la Nación Americana en cuanto le sea posible.<sup>25</sup>

---

<sup>22</sup> Exposición de la parcialidad de San Juan, 27 de septiembre de 1810, en Juan E. Hernández y Dávalos, Colección de documentos para la historia de la guerra de Independencia de México de 1808 a 1821, 6 v., México (Biblioteca de "El Sistema Postal de la República Mexicana"), José María Sandoval, 1878-1881, t. II, p. 115-116. In: GUEDEA, Virginia Los voluntarios de Fernando VII. **Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México**, Álvaro Matute (editor), México, Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas, v. 10, 1986, p. 11-83.

<sup>23</sup> Carta de Hidalgo al intendente Riaño (nº1) 181 In: TORRE VILLAR, Ernesto **Historia documental de México**, México, UNAM, 1974 p. 44.

<sup>24</sup> El bando original de Ansoena en AGN, Operaciones de Guerra, t. 4, f. 77 In: VILLICAÑA, Ernesto Lemoine **Morelos: su vida revolucionaria a través de sus escritos y de otros testimonios de la época México**: UNAM, 1965 p. 34-35.

<sup>25</sup> Idem.

Tal decreto contribuiu para a popularização do movimento de Hidalgo. Muitos dos indígenas que lutavam ao lado do vice-rei, pertencentes às comunidades de San Juan, Querétaro e Texcoco, passaram para o exército insurgente. Rapidamente, por todo o território da Nova Espanha surgiram novos levantes. José María Morelos<sup>26</sup>, padre de Carácuaro e ex-aluno de Hidalgo, apresentou-se e recebeu a tarefa de tomar Acapulco. José Antonio Torres começou a vencer tropas do intendente de Guadalajara. As propriedades de espanhóis americanos e peninsulares começaram a sofrer constantes saques nesta etapa do movimento.

O bispo de Valladolid, Abad y Queipo, que outrora havia se identificado com os problemas sociais e com a causa de seu amigo e ex-aluno Hidalgo, não hesitou em excomungá-lo. Quando as tropas atingiram a cidade com aproximadamente 80 mil revoltosos, o bispo anunciou sua decisão ao pároco e facilmente rendeu os habitantes da cidade para evitar um massacre.

Un ministro del Dios de la Paz, un sacerdote de Jesucristo, un pastor de almas (no quisiera decirlo), el cura de Dolores don Miguel Hidalgo (que había merecido hasta aquí mi confianza y mi amistad), asociado de los capitanes del regimiento de la Reina, don Ignacio Allende, don Juan Adalma, y don José Mariano Abasolo, levantó el estandarte de la rebelión, y encendió la tea de la discordia y anarquía, y seduciendo una porción de labradores inocentes, les hizo tomar las armas; y, cayendo con ellos sobre el pueblo de Dolores el 16 del corriente amanecer, sorprendió y arrestó los vecinos europeos, saqueó y robó sus bienes; y pasando después a las siete de la noche a la villa de San Miguel el Grande, ejecutó lo mismo apoderándose en una y otra parte de la autoridad y del gobierno. El viernes 21 ocupó del

---

<sup>26</sup> José Maria Morelos y Pavón nasceu em 1765 na cidade de Valladolid de Michoacán vindo de família de *criollos* e mestiços. Na sua infância, por problemas econômicos de sua família, trabalhou como carpinteiro. Com as poucas economias de sua mãe, entrou no seminário em 1790. Neste período conheceu o professor Miguel Hidalgo que, embora não tenha sido seu mestre direto, foi considerado assim por Morelos que o considerava seu mestre de cultura, de vida e de Revolução. Em 1797, fômu-se no ministério sacerdotal e se ordenou presbítero. Tornou-se pároco em Carácuaro, uma cidade muito pobre formada por índios e mestiços que viviam da agricultura de subsistência. Em 1810, juntou-se a insurgência iniciada por Hidalgo, seu ex-professor, e recebeu a missão de libertar o sul da Nova Espanha. Na declaração escrita em seu julgamento inquisitorial, Morelos declarou que “siempre contó com la justicia de la causa, em que habría entrado, aunque no hubiera sido sacerdote”. Foi preso e fuzilado em 1815. In: HERREJÓN, Carlos **Morelos**, Antología documental México: Consejo Nacional de Fomento Educativo, 1985.

mismo modo a Celaya; y según noticias, parece que se ha extendido ya a Salamanca e Irapuato. Lleva consigo los europeos arrestados, y, entre ellos, al sacristán de Dolores, al cura de Chamacuero , y a varios religiosos carmelitas, amenazando a los pueblos que los ha de degollar si le oponen alguna resistencia. E insultando a la religión y a nuestro soberano, don Fernando VII, pintó en su estandarte la imagen de nuestra augusta patrona, nuestra Señora de Guadalupe, y puso la inscripción siguiente: Viva la Religión. Viva nuestra madre santísima de Guadalupe. Viva Fernando VII. Viva la América y muera el mal gobierno.<sup>27</sup>

Alguns anos antes, entre 1804 e 1806, o bispo Abad y Queipo havia escrito uma interessante obra sobre as dificuldades econômicas pela qual passava a colônia. O texto *Representación a nombre de los labradores y comerciantes de Valladolid*<sup>28</sup> é um protesto contra os novos impostos cobrados a partir das reformas borbônicas, especificamente relativos ao pagamento à tesouraria de uma taxa por cada empréstimo feito. A falta de terras da Igreja na Nova Espanha fazia com que o clero recorresse a empréstimos feitos de fazendeiros, mineiros, comerciantes e empresários, que integravam a aristocracia vice-reinal. O bispo defendia, então, uma união de interesses entre estes dois grupos num programa reformista.

Conforme o historiador Rafael Rojas<sup>29</sup>, o programa político de Abad y Queipo incluía, além da abolição dos tributos pessoais sobre a terra para o clero e a aristocracia, a inserção dos índios, negros e mulatos a fim de consolidar o “terceiro estado” na Nova Espanha para integrar o povo nas decisões do reino. Segundo David Brading, o bispo foi o “progenitor intelectual do liberalismo mexicano.”<sup>30</sup> Contudo, seu repúdio ao movimento de Hidalgo

<sup>27</sup> *Decreto de excomuniación de los insurgentes dado por el obispo Abad y Queipo* (1810) In: TORRE VILLAR, Ernesto **Historia documental de México**, México, UNAM, 1974 p. 37.

<sup>28</sup> ROJAS, Rafael **La escritura de la independencia**: el surgimiento de la opinión pública en México, México: Taurus, 2003 p. 31-32.

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> BRADING, David **Orbe indiano**. De la monarquía católica a la república criolla, México, FCE, 1991 p. 611-613

estava, como apontado na carta de excomunhão, principalmente, fundado sobre a recusa feita o seu ex-aluno às tradições políticas da Nova Espanha e à ideia de subversão da ordem proposta pelo padre de Dolores.

O contexto social e econômico dos anos de movimento armado foi marcado por secas, colheitas perdidas e aumento nos preços dos grãos. As regiões mais afetadas pelo desemprego e pela fome se localizavam justamente no centro do vice-reinado. Vale destacar que a maior parte dos integrantes do movimento era pessoas do campo e das minas com planos e ideias políticas próprias, muitas vezes difíceis de serem especificadas. Se fossem capturados pelo Exército Oficial, poderiam ser executados, açoitados, encarcerados ou condenados a trabalhos forçados. Contudo, mesmo com as dificuldades, uma legião de mestiços e indígenas se juntava à causa da insurgência por verem no movimento de Hidalgo uma possibilidade de melhora política e social na Nova Espanha.

Com o fracasso da administração de Pedro de Garibay, o vice-rei Venegas iniciou a organização da defesa. Don Félix María Calleja recebeu ordens de avançar para a Capital e levava um estandarte com a imagem da Virgem de Remédios para supostamente proteger a tropa oficial contra a multidão de Hidalgo. Toda aquela multidão heterogênea onde os uniformes se perdiam entre trajes de rancheiros, índios, mestiços e até alguns espanhóis, encontrou-se frente a mil soldados realistas no dia 30 de outubro em Monte de las Cruces. Essa batalha foi a maior vitória dos insurgentes. Contudo, a cidade se recolheu. Muitos insurgentes desertaram em poucos dias, além disso o exército rebelde dissipado enfrentou uma grande derrota em Aculco. Allende marchou rumo a Guanajuato para buscar mais apoio e Hidalgo foi até Guadalajara.

A cidade recebeu com tanto entusiasmo o *generalísimo* que Hidalgo planejou estender o movimento com a ajuda do padre José María Mercado para tomar Tepic e San Blas e Don José María González para rebelar as províncias internas do ocidente.

Os recursos econômicos da região deram mais segurança ao movimento. O padre insurgente começou a planejar um novo governo e a editar o primeiro jornal, *El Despertador Americano*. Em 29 de novembro decretou o fim da escravidão e do tributo indígena. No dia 5 de dezembro declarou de uso exclusivo dos indígenas as terras da comunidade e também autorizou a execução de espanhóis prisioneiros<sup>31</sup>.

Enquanto as tropas de Calleja se reorganizavam para atacar Guadalajara, Allende se apressou em reunir o exército rebelde para proteger o *generalísimo*. No dia 17 de janeiro de 1811, cinco mil soldados convocados nas cidades do vice-reino pelo exército realista enfrentaram noventa mil rebeldes provocando a sua total dispersão na batalha de Puente de Calderón.

Os chefes iniciaram sua fuga para noreste e em Saltillo decidiu-se que Ignacio Lopez y Rayón continuaria a luta iniciada por Hidalgo. Apriados, Ignacio Allende e Miguel Hidalgo foram fuzilados em julho de 1811.

Em um interessante artigo sobre os líderes da independência na América Latina, Maria Lígia Coelho Prado descreve os arrependimentos de Hidalgo em seu julgamento após a captura.

Hidalgo, movido por suas crenças, pegou em armas e liderou um movimento revolucionário. Viveu profundos dramas de consciência ao fazer conviver a doutrina católica com as práticas violentas da luta armada. Foi um homem perturbado por fortes sentimentos de remorso e arrependimento, mas também uma figura de extrema coragem, desobedeceu a Igreja, enfrentou a excomunhão e sofreu acusações de toda ordem, sem abandonar os objetivos nos quais acreditava.<sup>32</sup>

A postura do padre antes do fuzilamento reflete a ambiguidade também presente na

---

<sup>31</sup> O [Decreto contra la esclavitud, las gabelas y el papel sellado de Miguel Hidalgo](http://www.cervantesvirtual.com) está disponível no sítio <http://www.cervantesvirtual.com>, acessado em 23/11/09.

<sup>32</sup> PRADO, Maria Lígia Coelho *América Latina no Século XIX: Tramas, Telas e Textos* São Paulo, Edusp, 2004, p. 68.



produção de seu discurso político. Ao mesmo tempo em que lutava pela manutenção da religião católica e empreendia uma luta com o estandarte da Virgem de Guadalupe, propunha transformações significativas para a ordem social, política e econômica do Antigo Regime como a abolição de castas, distribuição de terras e defesa dos direitos dos indígenas e mestiços.

O triunfo sobre Hidalgo não significou a restauração da ordem no território da Nova Espanha, pois os movimentos de conspiração continuaram a existir em todo o país. Rayón cumpriu a missão que lhe foi delegada e em agosto de 1811 instalou a “Junta Suprema Gubernativa de América” em Zitácuaro. Morelos seria encarregado da administração.

José María Morelos y Pavón (1765-1815) reuniu um novo exército insurgente após a morte do *generalísimo* em 1811. Embora menos numeroso, era mais disciplinado que o de Hidalgo. Suas tropas mestiças procediam das camadas médias e baixas da sociedade e conseguiram facilmente dominar Chilpancingo, Tixtla, Chilapa, Taxco, Izúcar e Cuautla. Seus grandes colaboradores foram o fazendeiro Hermenelgildo Galeana e o padre Mariano Matamoros, que receberam o título de sub-gerais do exército. Entre seus fiéis seguidores estavam as famílias Bravo, Guadalupe Victoria, Mier y Terán e Guerrero. Por dois meses, Morelos resistiu ao cerco do general Calleja em Cuautla, o que seria considerado heroico por seus admiradores da época e inclusive por grande parte da historiografia clássica. Sua popularidade, a partir das conquistas militares, era propagada por toda a Nova Espanha, como relatada em uma carta de um espião dirigida a Don Luís, bispo de Oaxaca.

Ésta, señor, es una guerra que jamás se ha visto; una persecución de la Iglesia y del Trono que no tiene ejemplo. Valerse de Díos contra Díos y del Rey contra el Rey, sólo es invención del hereje Hidalgo; pero, a pesar de todo, las gentes están engañadas, porque a los prisioneros obsequia con dinero y ropa Morelos, y envía a uno u otro que le parece propio para seducir a sus casas. Los indios oyen estas cosas y esperan que los enriquezca aquel maldito, quien también dice que los viene a aliviar de

contribuciones parroquiales, así como los alivió del tributo.<sup>33</sup>

Muitos letrados perseguidos se refugiaram junto ao seu exército, sendo assim, contribuíram para a organização dos ideais políticos do novo governo. No dia 14 de setembro de 1813, Morelos apresentou na abertura do Congresso de Chilpancingo seu texto *Sentimientos de la Nación* que sintetizava seu ideário político. Começava afirmando que “a América é livre e independente da Espanha e de qualquer outra nação” e que “a soberania emana imediatamente do povo e é depositada em seus representantes”. O Congresso publicou no dia 6 de dezembro a declaração da independência e Morelos foi nomeado para o poder executivo, intitulado de “siervo de la Nación”<sup>34</sup>.

Durante as reuniões do Congresso, Morelos orientou Rayón a retirar o nome de Fernando VII do texto *Elementos de la Constitución*.

En cuanto al punto quinto de nuestra Constitución, por lo respectivo a la soberanía del Sr. D. Fernando VII, como es tan pública y notoria la suerte que le ha cabido a este grandísimo hombre, es necesario excluirlo para dar al público la Constitución.<sup>35</sup>

Foi a primeira vez que um chefe insurgente negou a utilização da imagem de Fernando VII na campanha militar. Além disso, Morelos se posicionou claramente a respeito das Cortes de Cádiz, assunto não mencionado por Hidalgo até então. Para ele,

las Cortes de Cádiz han asentado más de una vez que los americanos eran iguales a los europeos, y para halagarnos más, nos han tratado de hermanos; pero si ellos hubieran procedido con sinceridad y buena fe, era consiguiente que al mismo tiempo que declararon su independencia, hubieran declarado la nuestra y nos hubieran dejado libertad para establecer nuestro gobierno,

<sup>33</sup> VILLICAÑA, Ernesto Lemoine **Morelos**: su vida revolucionaria a través de sus escritos y de otros testimonios de la época México: UNAM, 1965. Doc. 8 p. 165.

<sup>34</sup> HERREJÓN, Carlos **Morelos**, Antología documental México: Consejo Nacional de Fomento Educativo, 1985, p. 160.

<sup>35</sup> VILLICAÑA, Ernesto Lemoine **Morelos**: su vida revolucionaria a través de sus escritos y de otros testimonios de la época México: UNAM, 1965. Doc. 41 p. 90

así como ellos establecieron el suyo.<sup>36</sup>

No discurso de abertura do Congresso de Chilpancingo, desapareceu o termo jurídico *Nueva España* para dar origem ao *Estado Mexicano*. Redigido por Carlos María Bustamante – editor do *Correo Americano del Sur* em Oaxaca – o texto declarava que a soberania correspondia à nação mexicana e declarava o fim total da obediência ao trono espanhol. O Congresso obteve faculdades legislativas e Morelos foi aclamado chefe do poder executivo. Contudo, as delimitações de funções políticas não ficaram muito claras.

O *Siervo de la Nación* seguiu sua campanha de volta a Valladolid com o objetivo de conquistar Michoacán, Guadalajara e Guanajuato. Porém, Calleja<sup>37</sup>, que havia assumido o papel de Chefe Político da Nova Espanha (com a obediência à Constituição de 1812, o papel do vice-rei havia sido extinto), começou empreender cada vez mais golpes contra o movimento insurgente. Recuperou Acapulco e limitou a atuação militar de Morelos. Em junho de 1814, Calleja recebe reforços peninsulares e consegue retomar o poder absoluto no território da Nova Espanha.

No dia 5 de novembro de 1815, Morelos foi capturado e feito prisioneiro pelo tribunal da Inquisição no México. Submetido a julgamento inquisitorial e eclesiástico, o padre foi fuzilado no dia 22 de dezembro em San Cristóbal Ecatepec.

A campanha de Calleja contra a insurgência resultou em sua dispersão. Em setembro

---

<sup>36</sup> VILLICAÑA, Ernesto Lemoine **Morelos**: su vida revolucionaria a través de sus escritos y de otros testimonios de la época México: UNAM, 1965. Doc. 53 p. 165.

<sup>37</sup> Ernesto Lemoine Villacaña fez uma interessante caracterização de Calleja em que compara suas ações à de Hernán Cortez: “Entre 1810 y 1816, el enemigo más poderoso y terrible de la revolución fue Calleja. Junto a él, los virreyes Venegas y Apodaca son figuras secundarias. Militar de carrera, ambicioso, de reacciones rápidas, astuto, ayuno de sentimentalismo, seguro de sí, convencido hasta el fanatismo de que la preservación de la Colonia era asunto de vida o muerte para él, pocas veces España nos envió un funcionario con una personalidad y un carácter tan reciamente definidos - y, a la vez, tan funestos - como Calleja. Llegado a Nueva España en la comitiva del segundo Conde de Revillagigedo, vivía entre nosotros desde 1789. Al estallar la revolución tenía, en consecuencia, vientiún años de experiencia regional. (...) Calleja haya sido la *manu militari* más eficaz que utilizó Venegas para reprimir el movimiento libertador. Aculco, Guanajuato, Calderón y Zitácuaro, más que triunfos importantes en su carrera, fueran verdaderas masacres de insurgentes, que atestiguaron lo que podía esperarse de este hombre, tan hábil en el arte de la guerra como sádico y sanguinario para enseñarse con los vencidos. Reencarnación de Hernán Cortez, y ardiente defensor de la herencia de éste, no fue remiso en preparar braceros para quemar pies ni disponer ceibas para ahorcar a cuantos considerara involucrados en el pecado de insurgencia. El terror, físico y moral, fue su objetivo, conservar el virreinato, ¡ a cualquier precio!” In: Idem.

de 1816, o chefe político é substituído por Juan Ruiz de Apodaca que iniciou uma política de conciliação.

Após seis anos de guerra civil, os povoados continuavam insatisfeitos com os impostos exorbitantes e as destruições. Os territórios estavam fragmentados e Apodaca não conseguia restabelecer a ordem colonial por completo.

Em 1820, de volta ao poder político na Espanha, Fernando VII jurou a Constituição de 1812 e convocou eleições para deputados nas Cortes. Na Nova Espanha, a grande maioria dos *criollos* era favorável à independência. Os eclesiásticos e burocratas convocam o coronel Agustín de Iturbide para fazer um *pronunciamento* que favorecesse a ideia da independência.

Iturbide, oriundo de Valladolid, havia militado ao lado de Calleja sendo um de seus melhores oficiais. Dirigido aos americanos, seu discurso chegou a convocar Fernando VII, ou algum dos infantes, a ocupar o trono da Nova Espanha e assegurar a religião católica. O *Plan de Iguala* de fevereiro de 1821 foi enviado às principais personalidades do país e amplamente aceito entre os militares.

## 1.2 Novos debates e perspectivas

Os estudos sobre as independências na América Latina têm ganhado um grande número de publicações recentes em razão das comemorações do bicentenário, que vem marcando uma reestruturação política da memória histórica em nossa sociedade atual<sup>38</sup>. Estes atos de rememoração promovidos por atividades patrocinadas pelos governos, universidades e

---

<sup>38</sup> Conforme Benedict Anderson em *Comunidades Imaginadas*, as narrativas históricas que aparecem para formar as biografias das nações estão carregadas de memória e esquecimento. “A consciência de estarem inseridas no tempo secular e serial, com todas as suas implicações de continuidade e, todavia, de ‘esquecer’ a vivência dessa continuidade – fruto das rupturas do final do século XVIII – gera a necessidade da narrativa de uma ‘identidade’”. ANDERSON, Benedict **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. São Paulo, Cia das Letras, 2008, p. 279.

institutos de pesquisa promoveram o aumento de estudos que privilegiam a discussão sobre a entrada ou não destes países na modernidade, a partir do início da suposta adoção de um discurso liberal no debate político em 1808.

Essa nova produção se preocupa em circunscrever estes eventos à luz da formação do nacionalismo e, para tanto, tem delimitado sobre quais circunstâncias as ideias presentes na Europa se encontraram com as discussões que ocorriam na América na virada do século XVIII. Produziram aqui uma nova cultura política capaz de formar os Estados nacionais de orientação liberal. Não se trata, portanto, de descartar a participação política europeia nos rumos da independência da América Latina, mas sim de evidenciar como os atores políticos americanos e as discussões políticas locais que produziram os movimentos de insurgência<sup>39</sup>.

Contudo, antes de abordar estes novos temas, é necessário traçar um breve panorama sobre as discussões mais pertinentes acerca deste momento histórico. Dentre a historiografia clássica sobre o tema da independência na Nova Espanha, está Luis Villoro, autor de *El proceso ideológico de la revolución de independencia*, publicado pela primeira vez em 1951. Em seu prólogo, na primeira edição, o Villoro declara que trabalha com o conceito de “classe” que, em suas palavras, “pode nos servir para assinalar a circunscrição do mundo social vivido

---

<sup>39</sup> Uma das críticas mais contundentes feitas a essa nova historiografia é o excessivo papel atribuído à análise das Cortes de Cádiz. Sobre esse assunto, o historiador Roberto Breña ressaltou que “a despeito da maneira como o liberalismo de Cádiz foi capaz (ou não) de responder a certos grupos sociais e a certas questões políticas que hoje nos parecem fundamentais desde a perspectiva liberal do século XXI, acredito que se o lugar que a Constituição de Cádiz ocupa na história da Espanha é indiscutível, não acontece o mesmo quando nos trasladamos ao outro lado do Atlântico. De cara, por uma razão muito simples: alguns territórios americanos já haviam declarado a sua independência (a capitania geral da Venezuela) ou já eram praticamente independentes (o vice-reinado do Rio da Prata), quando foi promulgada a Constituição de Cádiz em setembro de 1812. O que não quer dizer, certamente, que não tenham recebido não só o influxo do texto (como fica manifesto em muitos dos documentos constitucionais redigidos em ambos os territórios nos anos seguintes), mas que estiveram a par dos dois anos de debates que foram realizados na Assembleia reunida em Cádiz desde setembro de 1810. Uma atenção que esteve precedida pelo que Guerra denominou de “o biênio crucial” (1808-1809), durante o qual a modernidade política peninsular exerceu uma enorme influência sobre as ideias políticas americanas (na época, mais tradicionais) através da numerosa imprensa metropolitana que chegava por navios aos territórios americanos. Territórios que estavam ávidos por notícias e informações de todo tipo, na medida em que sabiam muito bem quão grave era a situação vivida pela península.” In: BREÑA, Roberto Uma reflexão sobre as comemorações dos bicentenários, a questão do liberalismo (espanhol) e a peculiaridade do caso novo hispânico. In: PAMPLONA, Marco A. e MÁDER, Maria Elisa (org) **Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas** - Nova Espanha São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 193-194.

por cada homem e constitui um ponto de referência indispensável para situar o objeto”<sup>40</sup>. Sua análise se concentra, portanto, na leitura da Independência como um processo revolucionário que colocou em choque diversos movimentos antagônicos de diferentes estratos sociais.

A obra de Villoro percorreu a construção das classes sociais e seus respectivos interesses ao longo da colonização da Nova Espanha, até a crise provocada pela formação da concepção de soberania nacional entre os *criollos*. O autor marcou a captura de Fernando VII pelo exército napoleônico para iniciar esse processo de cisão ideológica. Seu objeto central de estudo era a “ideologia”, entendida como um conjunto de crenças, ideias e propostas condicionadas pela formação intelectual de diferentes classes sociais. Por isso, em sua análise sobre a sociedade vice-reinal, fez uma subdivisão social da classe europeia, da classe *eurocriolla* (formada por espanhóis americanos que obedeciam à metrópole), uma classe *criolla* ou classe média e as classes populares, considerada a classe mais problemática pela simplificação que as agrupa.

A insurgência iniciada por Hidalgo em Dolores foi descrita por Villoro como um momento “vivência do instante”<sup>41</sup>. O padre foi interpretado como um representante do movimento de uma vasta comunidade humana. “Hidalgo coloca a liberdade como fundamento e, nesse precioso instante, buscou se encontrar com a fonte originária de toda a ordem social: o povo.”<sup>42</sup> Tornou-se o símbolo de luta contra a opressão a que estavam sujeitas as classes proletárias, a miséria e a falta de organização que as impediam de projetar por si mesmas uma possibilidade revolucionária. Entretanto, a tradução dessa liderança instantânea para as classes populares foi um movimento de desordem em que predominou a violência.

Além de analisar as classes que compuseram o movimento de independência, Villoro descreveu as ideias políticas de representatividade que permearam a revolução,

---

<sup>40</sup> VILLORO, Luis **El proceso ideológico de la Revolución de Independência** México: Cien de México (1ª ed. 1951), 2002. p. 70.

<sup>41</sup> VILLORO, Luis **El proceso ideológico de la Revolución de Independência** México: Cien de México (1ª ed. 1951), 2002, p. 76.

<sup>42</sup> Idem. p. 77.

principalmente no tocante à formação do Congresso de Chilpancingo.

A transposição do poder do caudilho popular, em contato direto com o povo, seguido e aceitado unanimemente por este, a uma assembleia deliberante, revela a intenção (talvez inconsciente) da classe média em ditar a direção da revolução ao seu aliado camponês: a ideia representativa é o instrumento dessa implantação. O choque do Congresso com os caudilhos populares resultava inevitável; nele se manifesta a junção entre duas classes e movimentos.<sup>43</sup>

Por outro lado, segundo o autor, quando Iturbide chegou ao poder em 1820, a nova Assembleia declarou que o Congresso encarnava a soberania somente como nacional, sem haver nenhuma referência àquela originária do povo de que falava o movimento de Hidalgo.

Luis Villoro marcou a historiografia da independência mexicana, já que pensou nesse movimento como um conflito social. Por esse motivo, a religião foi vista como um tema secundário em sua obra. O autor preferiu tratar das condições econômicas que motivaram os envolvidos no conflito. Não mencionou o misticismo manifesto pelos indígenas liderados por Hidalgo e nem as implicações sociais que tal fato acarretou para os populares que após a derrota de seus líderes foram fortemente reprimidos pelo vice-reinado com prisões e excomunhões.

Outro historiador que buscou interpretar os grupos sociais que compuseram o movimento de Hidalgo, mas numa corrente histórico-antropológica, foi Eric Van Young. Em *The Other Rebellion: popular violence, ideology, and mexican struggle for Independence, 1810-1821*, publicado em 2001<sup>44</sup>, o autor analisou como os dirigentes *criollos* e os seguidores indígenas se uniram nesse momento. Partindo do princípio que os dois grupos possuíam ideias tão diferentes sobre a política e a realidade social, Van Young foi além das explicações

---

<sup>43</sup> VILLORO, Luis **El proceso ideológico de la Revolución de Independência** México: Cien de México (1ª ed. 1951), 2002 p. 121.

<sup>44</sup> Eric Van Young **The Other Rebellion: popular violence, ideology, and mexican struggle for Independence, 1810-1821**, Stanford, California, Stanford Press, 2001.

econômicas para a rebelião.

Parece-me que a resposta popular do meio rural às condições da mudança econômica, a privação material e a crise a curto prazo de finais da Colônia foi tão variada ao longo do país, que deveriam se considerar também outras origens, além das econômicas, da ação política coletiva e as formas ainda mais anônimas de protesto que tiveram lugar em suas margens (...) Este livro se dedica a argumentar que o coração de grande parte da insurgência popular se encontra na defesa da comunidade indígena rural como projeto moral, político, e inclusive teleológico; e não o agravamento econômico como tal<sup>45</sup>.

Diferentemente de Villoro, Van Young reconheceu que, para lidar com a documentação disponível sobre a independência, foi necessário compreender os termos do imaginário permeados por símbolos religiosos dos envolvidos. Logo, o historiador traçou o perfil da autenticidade das emoções religiosas da população do campo baseado no que considera “verdadeiro”. Assim, esses sentimentos seriam facilmente manipulados pelos *criollos* como pressupõe,

que houve elementos que um observador histórico agora denominaria ideologia secular na expressão política popular, ainda que os próprios atores históricos não fizeram distinção entre o tipo de pensamento ‘secular’ e o ‘religioso’. (...) Por isso, não deveria nos surpreender que as manifestações mais ferventes da ideologia popular insurgente foram de caráter religioso, como o poderoso símbolo da Virgem de Guadalupe. De todo o repertório de manifestações, o sentimento milenarista/messiânico é o mais interessante e em algumas formas mais difícil de captar. Aqui o “problema ideológico” seria se poderíamos explicar melhor a forma e genealogia dessas crenças, vinculando-as com estruturas materiais – como seguramente faríamos com uma ideologia secular de mudança econômica e política – ou talvez tomando as como entendimentos culturais desenvolvidos em um reino simbólico relativamente autônomo, ou inclusive abordando as mediante

---

<sup>45</sup> VAN YOUNG, Eric **La otra rebelión: la lucha por la independencia de México, 1810-1821** traducción de Rossana Reyes Vega México, FCE, 2006 p. 74.



alguma combinação de ambos enfoques<sup>46</sup>.

Como é possível observar a partir desse fragmento, a obra de Van Youg se vale do conceito de messianismo para legitimar suas conclusões. Fernando VII representaria, segundo essa interpretação, a verdadeira liderança do movimento, uma vez que os relatos indígenas utilizados pelo autor apontam que o rei andava mascarado ao lado de Hidalgo para salvar a população da opressão do inimigo francês.

Em *The Othe Other Rebellion*, Eric Van Young oferece uma interessante análise do que ele denomina "ideologias populares" durante a guerra iniciada em 1810. O ponto de partida é que os diversos grupos subalternos que deram apoio à insurgência de Miguel Hidalgo tinham aspirações muito diferentes da direção *criolla*. Enquanto essa estava formada por ilustrados (católicos, mas ilustrados), a maioria da população rural tinha como objetivo a conservação de sua comunidade, com seus próprios valores cristãos e tradicionais. Por isso, o messianismo, a xenofobia, o medo e a religião teriam tido um papel mais importante que as ideias de liberdade e independência na união de milhares de pessoas na guerra. O monarquismo messiânico foi, para Van Youg, o motivo que levou os indígenas a aderirem ao movimento.

Outro ponto importante a ser ressaltado é a figura da Virgem de Guadalupe que aparecia como elemento mais forte da mediação do discurso feito pelos padres do que a “presença” do rei Fernando VII, também com um caráter messiânico, que pressupõe manipulação dos indígenas e não elementos importantes que compõem um discurso político. Explorarei melhor essa questão no terceiro capítulo.

Ao contrário de Van Youg, Jacques Lafaye, em *Quetzalcoatl Y Guadalupe: la formacion de la conciencia nacional en Mexico*, analisou a presença da religião<sup>47</sup> como sendo

---

<sup>46</sup> VAN YOUNG, Eric **The Other Rebellion**: popular violence, ideology, and mexican struggle for Independence, 1810-1821, Stanford, California, Stanford Press, 2001. p. 78

<sup>47</sup> LAFAYE, Jacques **Quetzalcátl y Guadalupe**: la formación de la conciencia nacional en México.

uma continuidade no processo de formação da consciência política nacional mexicana. Pois, a identidade mexicana, para o autor, foi construída a partir da junção do ideário mítico indígena representado por Quetzacoátl e da fé cristã consagrada com a aparição da Virgem de Guadalupe. Enquanto os indígenas conservaram sua antiga religião no nível ritualístico e adotaram, ao mesmo tempo, novos símbolos cristãos, o cristianismo também se viu contaminado, sobretudo em sua moral. A fé religiosa e a fé nacional deveriam ser correspondentes e complementares, mas para que houvesse uma aproximação efetiva do mundo mítico indígena com o cristão, era necessário que o catolicismo se “mexicanizasse”. Para o autor, um novo espírito milenarista foi absorvido pela Igreja Católica e, assim, criou-se uma visão messiânica da Conquista e da Independência.

De acordo com o historiador, esse período de formação identitária teria ocorrido anteriormente, em 1767 com a expulsão dos jesuítas da Nova Espanha, considerados os guardiões da fé do povo mexicano. Para ele, o evento criou um vazio espiritual e intelectual que se espalhou por toda a colônia. Por esse motivo, o movimento de independência se constituiu a partir da legitimação da soberania popular concedida aos indígenas pelos párocos ilustrados e o lugar central dado ao patrimônio religioso no centro político das decisões da nova nação. Tal análise evidencia uma hipótese otimista de Lafaye, que não reconheceu a exclusão social promovida pelos governos do século XIX no tocante às terras indígenas.

Nos discursos políticos de Morelos, podemos analisar que o padre buscou relacionar os eventos da guerra de independência com referências bíblicas e com o passado indígena. Para Lafaye, essa foi uma tentativa de elevar os fatos a um acontecimento comandado pelas mãos de Deus, o que configurou uma “guerra santa” semelhante ao Apocalipse.

Outro autor que tratou do movimento de independência por esse mesmo prisma foi Enrique Florescano<sup>48</sup>. Em sua análise sobre o período da independência, o historiador relatou

---

Abismo de conceptos. Identidad, nación, mexicano. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

<sup>48</sup> FLORESCANO, Enrique **Memoria Mexicana** México, Fondo de Cultura Económica, 2002.

as diferenças entre as aspirações de uma elite *criolla* e as das massas indígenas. O primeiro grupo, almejando alcançar um Estado Nacional; o segundo, retornando a um estado pré-colombiano e ambos motivados por uma “guerra santa”.

De acordo com o autor, a construção do Estado Nacional pelos *criollos* passava pela afirmação de uma identidade religiosa expressa pelo símbolo da Guadalupe. Já os indígenas e as massas populares estavam embebedos num furor religioso que os convencera de que eram eles os defensores da religião ameaçada pelos *gachupines*. Além disso, os dois lados classificaram seus inimigos como hereges ou partidários do Satanás e a maior punição de Hidalgo foi a excomunhão. Para Florescano, os participantes da insurgência

defendiam a religião católica e a Santíssima Virgem de Guadalupe, desejavam a instauração de um novo reino, mas no sentido religioso, e queriam continuar sendo indígenas, homens integrados nas tradições igualitárias e solidárias de suas comunidades<sup>49</sup>

Acreditamos que o movimento de independência não pode ser classificado apenas como uma “guerra santa”, pois a luta pela liberdade política e a participação popular na construção de um Estado moderno passou também por discussões como o fim da escravidão e da cobrança de tributos por castas<sup>50</sup>. É necessário frisar que a presença da religiosidade na luta política foi fundamental para seus avanços, inclusive esteve presente no primeiro capítulo da *Constituição de Apatzingán*<sup>51</sup>. Mas, a noção de soberania popular presente nos capítulos subsequentes nos revela que havia princípios liberais na sua composição que derivavam de uma ilustração específica da Nova Espanha.

A identidade nacional no processo de independência não estava, no entanto, acabada. A utilização do apelo popular, por meio dos elementos religiosos, nem sempre implicava a

<sup>49</sup> FLORESCANO, Enrique **Memoria Mexicana** México, Fondo de Cultura Económica, 2002.p. 513.

<sup>50</sup> [Decreto contra la esclavitud, las gabelas y el papel sellado \(Miguel Hidalgo\)](http://www.cervantesvirtual.com) está disponível no sítio <http://www.cervantesvirtual.com>, acessado em 23/11/09

<sup>51</sup> “**Artículo 1º.-** La religión católica apostólica romana es la única que se debe profesar en el Estado.” A *Constitucion de Apatzingán* está disponível no sítio <http://www.cervantesvirtual.com>, acessado em 23/11/09

construção de uma nação. Apenas após a morte de Hidalgo, em 1811, é que Morelos começou a delinear um projeto que contemplasse a população e, ainda assim, os documentos revelam que o termo mais correto para definir ideologicamente o movimento é soberania.

O historiador Alfredo Ávila fez uma discussão interessante a respeito deste conceito na obra *En nombre de la nación: la formación del Gobierno representativo em México (1808-1824)*<sup>52</sup>. Dialogando com a historiografia tradicional, Ávila pretendeu estudar os grupos sociais formados em corporações, a fim de compreender os conflitos sociais na Nova Espanha, que contribuíram para a formulação de um novo sentido de soberania. Enquanto as obras clássicas na historiografia da independência<sup>53</sup> apontam apenas para uma visão centrada na dicotomia entre insurgentes *versus* realistas, ou *criollos versus* peninsulares, Ávila vai mais além, pois parte da análise de uma procissão católica, reconhecendo a variedade de grupos sociais em conflito na Nova Espanha que estavam vinculados a um lugar comum: a Igreja.

Dessas procissões participavam uma grande quantidade de corporações que, segundo a cultura política do Antigo Regime, eram representantes de toda a sociedade nova-hispana. No entanto, já era possível observar em princípios de 1808, algumas rivalidades. Muitos artesãos já não se identificavam com os grêmios. O número de fazendeiros sem vinculação política estava aumentando e, assim como nas cidades, o montante de ociosos era crescente. Portanto, o crescimento demográfico e a nova realidade econômica tornavam inúteis as divisões sociais tradicionais. Além das doutrinas e as políticas da Ilustração, que contribuíam para destruir a antiga ordem.

Na interpretação de Ávila, a data determinante para a formação do movimento de

---

<sup>52</sup> ÁVILA, Alfredo **En nombre de la nación: la formación del Gobierno representativo em México (1808-1824)** México, Taurus-Centro de Investigación y Docencia Económicas, 2002.

<sup>53</sup> Ver VILLORO, Luis **El proceso ideológico de la Revolución de Independencia** México: Cien de México, 1951; HAMNET, Brian **Roots of insurgency: Mexican Regions, 1750-1824**, Cambridge, Cambridge University Press, 1986; BENSON, Nettie Lee (editor), **México and the Spanish Cortes, 1810-1822. Eight essays**, Austin, University of Texas Press, 1966; TUTINO, John **From insurrection to revolution in Mexico: social bases of agrarian violence, 1750-1940**, Princeton, N.J., Princeton University Press, 1986; ANNA, Timothy, **The fall of the royal government in Mexico City**, Lincoln University of Nebraska Press, 1978; HAMMIL, Hugh **The Hidalgo revolt. Prelude to Mexican independence**, Gainesville, University of Florida Press, 1966; LYNCH, John **The Spanish-American revolutions (1808-1826)**, New York, Norton, 1973.

independência foi 1808, quando Napoleão Bonaparte invadiu a Espanha, aprisionou Fernando VII e deixou o império acéfalo. Na Nova Espanha, os membros do *Ayuntamiento* – a instituição política que representava a Corte espanhola na colônia - convocaram a reunião de uma Junta de Autoridades do Reino que tinha como intuito defender a soberania do rei exercendo os poderes políticos em nome do monarca ausente. As Juntas foram criadas como agrupamentos políticos cuja finalidade era enunciar os interesses de todas as possessões espanholas do atual México.

Os deputados enviados à Junta eram *criollos* eleitos por suas localidades como procuradores, mas seus poderes estavam limitados ao cumprimento das ordens dos cabildos. Todavia, uma nova cultura política começou a se impor nessas Cortes, onde foi estabelecida a igualdade legal que tornou a Nova Espanha uma unidade soberana, na qual os deputados deixaram de ser meros procuradores para se converterem em representantes nacionais, mesmo que não deixassem de representar os interesses privados de certos grupos ou indivíduos importantes das províncias. Por isso, Ávila não considera que o *Ayuntamiento* estivesse disposto a formar uma nova nação, pois não foi proposto, nesse período, a constituição de um corpo social de indivíduos livres e iguais com um ideal comum.

Para compreender o vocabulário político do período a que se refere, o Ávila recorre ao político mexicano Mariano Otero que, no século XIX, afirmava que:

A soberania do povo [...] tomada em seu rigoroso e genuíno sentido, não é mais que um direito abstrato, um principio que assegura unicamente que não há um poder superior ao da sociedade e que reconhece nessa uma faculdade legítima para ancorar as condições de sua existência.<sup>54</sup>

O historiador definiu Hidalgo como um caudilho que havia aproveitado de seu carisma

---

<sup>54</sup> Mariano Otero, “Examen analítico del sistema constitucional contenido em el proyecto presentado al Congreso por la mayoría de su comisión de constitución”. En *El siglo Diez y Nueve*, núms 357 y 362, 3 y 8 de octubre de 1842, en Mariano Otero, *Obras*, vol. 1 p. 209 In: Ávila, Alfredo En **nombre de la nación** México, 1999.

para conquistar o povo. A aclamação popular feita pelo Exército que lhe concedeu o título de *generalísimo* foi vista pelo autor como mais um dos indícios de sua autoridade radical. Em contradição, no movimento iniciado pelo padre em Dolores, a soberania estava radicada no povo, no exército ou nele mesmo, uma vez que os títulos concedidos pela população conferiam-lhe a legitimidade necessária para encabeçar a revolta.

Entretanto é interessante observar que a luta armada de Hidalgo também era em defesa da soberania do monarca. Somente com o avanço do movimento, a figura do padre se tornou uma representação soberana. Em vários documentos aparecem as medidas tomadas por ele e seus seguidores para transformarem socialmente a Nova Espanha. A abolição da escravidão, do tributo indígena e dos excessivos impostos do comércio regional confirma a ideia de que o movimento tentava abolir a antiga estrutura social e, com isso, o sistema de representação do Antigo Regime, ainda que não tenha formulado concretamente um novo modelo político.

As interpretações de Lafaye e de Florescano ignoraram a presença dos letrados que mediavam relações entre as lideranças populares e indígena. Ávila os considerou apenas pequenos burgueses cujo único interesse era o econômico. Em minha perspectiva, contudo, esses mediadores são chaves fundamentais para compreender a formação do movimento iniciado por Hidalgo, pois haviam se formado na Ilustração da Nova Espanha, mais aberta a conciliações filosóficas com referências do catolicismo.

O papel dos mediadores ilustrados nas independências hispano-americanas foi estudado por José Carlos Chiaramonte<sup>55</sup> no caso argentino. O historiador considerou que, por um tempo, a historiografia nacional da América Latina buscou enaltecer as independências, atribuindo sua causa à Ilustração europeia (como é o caso dos estudos de Sarmiento na Argentina). Para entender um pouco mais sobre esse fenômeno, Chiaramonte procurou refazer a rota do periodismo em seu país. Segundo ele, foi por meio dos jornais que apareceram as

---

<sup>55</sup> CHIARAMONTE, Jose Carlos **Cidades, províncias, Estados: origens da nação argentina (1800-1846)** São Paulo, Hucitec, 2009.

maiores expressões das luzes.

Para Ávila<sup>56</sup>, a historiografia revisionista de meados do século XX não negou a importância da ilustração entre os pensadores novo-hispanos de finais do século XVIII e começo do XIX, porém a enquadrou numa tradição hispânica que vinha dos humanistas do século da Conquista e da Escola de Salamanca em sua versão dominicana e jesuítica. Os estudos sobre as Luzes na Nova Espanha<sup>57</sup> foram impulsionados pelas obras de Jean Sarrailh e Ernst Cassirer<sup>58</sup> que asseguravam que a ilustração não se desvirtua em um país católico, ainda que adotasse características diferentes das que se desenvolvem em outras latitudes.

No caso específico da Hispanoamérica, observamos que esse desenvolvimento das luzes esteve ao lado da religião. Para mencionar um exemplo citado por Chiaramonte na Argentina, em 1810, Pedro Cerviño, professor da Escola de Desenho de San Carlos, associou os estudos na natureza com o estudo da religião e da fé. Para ele,

Se algum estudo pode nos elevar para estas verdades [as da religião] é o estudo da Natureza, é o estudo desta ordem admirável que nela reina e descobre em toda parte a mão sábia e onipotente que dispôs, e que nos invocando para o conhecimento das Criaturas nos indica os grandes fins para os quais fomos colocados em meio a elas.<sup>59</sup>

No caso mexicano, meu estudo não é centrado em teorias fundadas por pensadores, como o fez Chiaramonte, mas na construção desse pensamento por mediadores num momento de guerra em que era premente conquistar apoio e definir estratégias.

---

<sup>56</sup> ÁVILA, Alfredo Interpretaciones recientes em la historia del pensamiento de la emancipación In: ÁVILA, Alfredo, GUEDEA, Virginea (coord) **La independencia de México: temas e interpretaciones recientes México**: UNAM, Instituto de Investigaciones Históricas, 2010, p. 21.

<sup>57</sup> Dentre os trabalhos que trataram especificamente da ilustração na Nova Espanha podemos citar MORENO MONTES DE OCA, Rafael **La filosofía de la ilustración en México**, estudos interpretativos, tesis de maestria, México, Universidad Nacional Autónoma, Facultad de Filosofía y Letras, 1966 e CARDOZO GALUÉ, Germán **Michoacán em el siglo de las luces**, Mexico, El Colegio de México, 1973.

<sup>58</sup> SARRAILH, Jean **La España ilustrada de la segunda mitad del siglo XVIII** Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1957 e CASSIRER, Ernst **La filosofía de la ilustración**, Madrid, Fondo de Cultura Económica, 1993 (1ªed. 1923).

<sup>59</sup> CHIARAMONTE, Jose Carlos **Ciudades, provincias, Estados: origens da nação argentina (1800-1846)** São Paulo, Hucitec, 2009 p. 54.

Entre 1810 e 1814, um grupo de advogados, religiosos e indivíduos dos grupos alto e médio da população fundou uma sociedade secreta batizada pelo nome de *Los Guadalupes*. Esses intelectuais financiaram a imprensa insurgente, uma das fontes históricas centrais desta pesquisa. Eles também traficaram armas para os revolucionários e estabeleceram uma rede de informações por meio de cartas entre os exércitos insurgentes e familiares dos combatentes. Posteriormente, alguns *Guadalupes* participaram da Corte de Cádiz, no Triênio Liberal (1820-23), como é o caso de Manuel Cortázar e de José Antonio del Cristo y Conde.<sup>60</sup>

Os historiadores Ernesto de la Torre Villar e Virginea Guedea defendem a hipótese de que todo o apoio financeiro e político para a independência partiu desse grupo de letrados, que teriam de fato um projeto de construção nacional separado da Espanha. Os *guadalupanos* eram profissionais liberais de classe média formados na Ilustração que haviam se destacado no comércio e prosperado na Cidade do México.

Contudo, como se tratava de uma sociedade secreta desenvolvida à margem da Nova Espanha, o acesso à documentação é restrito e, por isso, seu estudo é feito a partir da sua relação com os insurgentes<sup>61</sup>.

Segundo Virginea Guedea,

neste esforço, eles ganharam o apoio de indivíduos desconectados que viviam em cidades controladas pelo regime colonial. Como resultado, os insurgentes começaram a receber mais ajuda desses grupos, como por exemplo, eles obtiveram uma imprensa que resultou na publicação de materiais explicando seus objetivos e se defendendo dos ataques feitos pelo regime oficial, que até então controlavam a mídia. Então apareceram muitos periódicos insurgentes. Profissionais como advogados que se juntaram aos insurgentes, ajudaram a formar uma organização política mais efetiva. Por outro lado, contribuiu para criar uma imagem de um movimento político organizado. (...) A sociedade

---

<sup>60</sup> GUEDEA, Virginia En busca de un gobierno alterno: los guadalupes de México. In: FRASQUET, Ivana **as Caras del águila**: Del Liberalismo Gaditano a la República federal mexicana UNAM, México, 1992, p. 67.

<sup>61</sup> O acesso as fontes é dificultado, pois não se encontra em uma única recopilación.



secreta conhecida como os *Guadalupes*, organizou núcleos coordenando interesses dos descontentes, incluindo vários indígenas. Inicialmente formado para ajudar os insurgentes que desejavam uma forma alternativa de governo, os *Guadalupes* enviaram primeiro a Rayón e, depois, a Morelos e Mariano Matamoros, dinheiro, armas, homens e informação.<sup>62</sup>

Portanto, a maneira mais efetiva de estudar a relação entre os *Guadalupes* e a insurgência é por meio das cartas e dos jornais insurgentes. Entendo que esse grupo havia se formado nas ideias da Ilustração europeia e as combinou com aspectos da religiosidade popular mexicana. Assim, é muito comum observar fenômenos religiosos, como utopias milenaristas, serem comparados com a ignorância originada pela falta das luzes na América.

Conforme Paul Vanderwood,

Antes de tudo, a religião é dinâmica, muda todo o tempo. Florescano enfatiza que a religião que os nativos mexicanos acreditavam foi reformulada (com a ajuda dos clérigos?) durante o período colonial, e outras vezes. A função natural da religião nos faz concluir que as pessoas colonizadas reestruturaram seu sistema religioso para ajustar-se a novos problemas causadas por mudanças sociais, políticas e econômicas. A nova religião pode carregar alguns fragmentos, ou até mesmo novas reformulações da antiga, mas a mudança natural da religião popular demanda que sejam estudadas as mudanças de grupos específicos em um certo lugar e tempo.<sup>63</sup>

Para analisar esse fenômeno, utilizarei também os jornais insurgentes produzidos ao longo do movimento como fonte central de estudo. Compreendo-os como canais de mobilização que permitem entender o modo como a ação insurgente estimulou e ressignificou

<sup>62</sup> GUEDEA, Virginia **The process of mexican idenpendence** Disponível em <http://www.historycooperative.org/journals/ahr/105.1/ah000116.html> acessado em 31/01/2008.

<sup>63</sup> VANDERWOOD, Paul J. The Millennium and Mexican Independence: Some interpretations In: consensus In: ARCHER, Christon I. (org) **The birth of modern Mexico**, 1780-1824. Wilmington, Delaware: A. Schoolarly Resources Inc. Imprint, 2003 p. 171.

uma tradição indígena e não indígena, para adaptá-la ao novo momento político e cultural. Seus editores atuavam como mediadores políticos fundamentais na construção desse discurso.

O conceito de mediação cultural faz parte dos estudos de circulação de ideias que busca compreender as dinâmicas de produção, circulação e reelaboração de ideias. Para Gabriela Pellegrino Soares, esta análise se refere a três níveis metodológicos:

- aos suportes materiais que comunicam ideias e imagens;
- às instâncias de mediação que ajudam a moldá-las e a promover sua circulação;
- aos usos e às práticas que conformam sua recepção (tema que remete ao da interiorização).<sup>64</sup>

No caso deste estudo, os suportes materiais são representados pela escrita do jornal. A mesma contribui para “modelar o conteúdo das ideias que veiculam e, da mesma forma, sugere formas específicas de recepção”.<sup>65</sup> Para a historiadora,

como a própria produção, a circulação de ideias é balizada por diferentes instâncias de mediação cultural, social, política e econômica. Essas instâncias são produtoras de discursos e estratégias que prescrevem práticas de apropriação, legitimam ou não repertórios e franqueiam caminhos para a difusão social de determinados conteúdos culturais.<sup>66</sup>

É notável observar que os editores dos jornais insurgentes atuavam como canalizadores do discurso político, tanto dos *guadalupanos* da cidade, dos profissionais liberais e dos sacerdotes, quanto da população mestiça e indígena. Esses agentes ajudam a definir os lugares simbólicos socialmente atribuídos ao suporte.

Escritos na conjuntura da guerra pela independência da Nova Espanha os “usos e as

---

<sup>64</sup> SOARES, Gabriela Pellegrino História das Ideias e mediações culturais: breves apontamentos In: JUNQUEIRA, Mary Anne e FRANCO, Stella Maris Scatena (org.) **Cadernos e seminários de pesquisa** - vol II Projeto Temático/FAPESP - Cultura e Política nas Américas: Circulação de Ideias e Configuração de Identidades São Paulo: USP-FFLCH-Editora Humanitas, 2011p. 90.

<sup>65</sup> Idem, p. 91.

<sup>66</sup> Ibidem, p. 91.

práticas que conformam (...) [a] recepção” dos jornais foi analisada pelos editores/mediadores insurgentes que relatavam o avançar da luta semanalmente em seus artigos.



## Capítulo 2

### Revolução impressa

#### 2.1 A imprensa na Nova Espanha

As publicações que chegaram à Nova Espanha ao longo dos séculos XVI e XVII eram estritamente controladas pelo poder colonial. Desde 1573, os textos que ali circularam passaram pela censura prévia da inquisição e da Coroa. Geralmente, estavam relacionados a assuntos teológicos ou a mandatos oficiais espanhóis que levavam o selo real.

A circulação de ideias, imagens e decretos políticos estava restrita a institutos religiosos ou estatais. Os seminários, conventos, universidades, tribunais inquisitoriais e prefeituras compunham as representações dos ideais da sociedade e do Estado. A divulgação de valores ou opiniões permanecia restrita aos eclesiásticos e *criollos*.

Contudo, mesmo com a limitação da circulação dos textos impressos, já era possível observar o uso frequente da escrita pelos indígenas desde o início da colonização. Conforme Gabriela Pellegrino Soares, no início do século XVI, os vice-reis faziam questão de que seus súditos apresentassem suas queixas formalmente.

Encontramos um quadro muito interessante, fomentado pela Coroa com vistas a proteger seus novos súditos americanos, os quais vinham sendo dizimados desde o início da conquista. Tratou-se de um quadro em que os indígenas, mesmo que na época em sua maioria

iletrados, fizeram largo uso mediado da escrita para defender seus interesses em âmbitos institucionais <sup>67</sup>.

Tal constatação é interessante para observarmos que havia um potencial grupo de leitores na Nova Espanha que ganhou destaque ao final do século XVIII e início do XIX. Para a historiadora Rosalba Cruz Soto <sup>68</sup>, neste período houve o aumento considerável de jornais e gazetas editadas, que tinham como interesse comum a formação de uma consciência nacional. Os debates, segundo ela, giravam em torno da ideia de “ilustrar” o povo, assim como estabelecer um diálogo com os iluministas europeus. Neste sentido, uma das primeiras manifestações da chegada da Ilustração na colônia foi a publicação de gazetas dirigidas e editadas por *criollos* interessados em aproveitar a abertura que lhes oferecia o novo espírito do século. Ao longo do XVIII, Cruz Soto identificou a publicação de oito periódicos impressos, três deles com mesmo nome, *Gaceta de México*, de 1722, dirigida por Juan Ignacio de Castorena, de 1728, por Juan Francisco Sahagún de Arévalo y Ladrón e uma última, de 1784, por Manuel Valdés.

A proliferação destes impressos muito ajudou a luta contra a Espanha, já que os *criollos* puderam mostrar à Europa o conhecimento que em vários campos se cultivava em terras novahispanas, e, por outro, o desejo desta mesma minoria ilustrada de liberar efetivamente a Nova Espanha da superstição e ignorância. Por isso, estas publicações periódicas (...) se dedicaram à tarefa de educar, difundindo todo conhecimento útil para o melhoramento da sociedade <sup>69</sup>.

A tarefa de imprimir periódicos era trabalhosa e custosa neste período. Em 1768, José Antonio Alzate, editor da *Gaceta de Literatura*, publicou que “las obras que aquí se imprimen son muy pocas, no por falta de capacidades, pues las hay muy abundantes, así en la Antigua

---

<sup>67</sup> SOARES, G. P. . Letramento e mediações culturais em pueblos indígenas do centro sul do México no século XIX. **História Revista** (UFG), v. 15, p. 97-118, 2010, p. 98.

<sup>68</sup> CRUZ SOTO, Rosalba Las publicaciones periódicas y la formación de una identidad nacional In: **Estudios de Historia Moderna Contemporanea de México** Vol. 20 Doc. 253, 2000.

<sup>69</sup> Idem.

como en la Nueva España, sino por los costos de impresión y otras dificultades notorias”<sup>70</sup>. Outro obstáculo era a falta de papéis que chegavam escassamente de Cádiz e não cobriam a demanda da colônia, uma vez que se priorizava a importação de tecidos e bebidas alcoólicas. Tal quadro contribuiu para dificultar a construção de um diálogo político consistente sobre a crise por que passava o Antigo Regime.

Nesta sociedade (da América hispânica), quem estava educado na tradição ocidental, pode travar um debate com os europeus sobre a lealdade e natureza das reformas bourbônicas. O diálogo não foi entre iguais. O reduzido número de intelectuais hispano-americanos não foi resultado unicamente das ações da Inquisição (...). Levemos em conta também que os meios para disseminar o pensamento eram mais abundantes na Europa que na América hispânica. Nas colônias, os livros eram caros e às vezes proibidos. O conhecimento vinha, então, em versões vulgarizadas e expurgadas, em compêndios artigos de periódicos. Na América, o papel era mais caro e as imprensas mais escassas, dificultando a circulação de um pensamento original. O controle ideológico era estrito, por isso o debate tinha menos participantes.<sup>71</sup>

Cruz Soto se aproveitou deste argumento para dizer que estes *criollos* objetivavam popularizar o conhecimento científico e despertar o interesse de seus leitores em novos campos, ainda que o público leitor potencial, na realidade, era um pequeno grupo instruído. O propósito educativo desta atividade era, para a historiadora, obter uma postura de orgulho pelo território novo-hispano que deveria ser exposto diante os leitores do Velho Mundo.

É importante ressaltar que estas publicações foram controladas pela censura espanhola até 1810. Apenas com a reunião das Cortes em Cádiz, a partir de 1812, começou a ser

---

<sup>70</sup> TEMPLE, William Edward, **José Antonio Alzate y Ramírez and the Gazetas de Literatura de México, 1766-1795**, tesis de doctorado en Filosofía, Tulane University, 1966, p. 15. In: CRUZ SOTO, Rosalba Las publicaciones periódicas y la formación de una identidad nacional In: Estudios de Historia Moderna Contemporanea de México Vol. 20 Doc. 253, 2000.

<sup>71</sup> TESTA, Lilián Álvarez, **Ilustración, educación e independencia. Las ideas de José Joaquín Fernández de Lizardi**, México, Universidad Nacional Autónoma de México, Coordinación de Humanidades, 1994, p. 56.

discutida uma possível liberdade na circulação dos impressos, tanto nas colônias, como na Espanha<sup>72</sup>. Aqui, podemos observar um ponto de inflexão na produção e na circulação dos escritos políticos e literários que passaria a ser determinada por um mercado editorial nascente.

Durante as discussões legislativas, em Cádiz, para a formulação de uma nova Constituição, o primeiro artigo, aprovado no dia 10 de novembro de 1810, estabelecia que, "salvo as restrições que se mencionavam no decreto, qualquer corporação e qualquer indivíduo, de qualquer estado ou condição, poderia escrever e publicar suas opiniões políticas sem necessidade de licença, revisão ou aprovação prévia"<sup>73</sup>. Foi abolido, também, o cargo de censor de imprensa e os autores caluniosos e subversivos seriam considerados pessoalmente responsáveis e poderiam ser castigados por haver abusado do novo direito que se concedia. Já os escritos de caráter religiosos, deveriam ter aprovação episcopal antes da publicação. No entanto, para vigiar a imprensa "livre"<sup>74</sup>, as Cortes estabeleceriam uma junta suprema de censura, com sede na Espanha, composta de nove membros, três dos quais seriam eclesiásticos. O objetivo era examinar obras denunciadas por membros do poder executivo ou do poder judicial e decidir se eram ou não censuráveis.

Na Nova Espanha, esta resolução tardou a chegar. Foi Carlos María Bustamante, um importante editor da *Gazeta de Mexico*<sup>75</sup>, quem denunciou a falta de aplicação da lei de liberdade de imprensa na colônia. Embora tivesse entrado em vigor na Espanha em novembro

<sup>72</sup> A liberdade de imprensa ampla e irrestrita não fazia parte das discussões de início do século XIX. Tratamos aqui, principalmente, da diminuição da censura na divulgação dos textos.

<sup>73</sup> España. Leyes y Estatutos, 1810-1822, Colección de los decretos y órdenes que han expedido las Cortes generales y extraordinarias desde su instalación de 24 de septiembre de 1810 hasta igual fecha de 1811. In: NEAL, Clarice La libertad de Imprenta en Nueva España 1810-1820 In: BENSON, N. L. **México y las Cortes Españolas 1810-1822**, México, Cámara de Diputados, 1985.

<sup>74</sup> Ver DARNTON, Robert **O grande massacre dos gatos**: e outros episódios da história cultural francesa São Paulo: Graal, 2011.

<sup>75</sup> Carlos María Bustamante (1774-1848) foi cronista, historiador, político e periodista mexicano. Fundou o *Diario de Mexico* em 1805, *El Juguellito* em 1812 e *El Correo Americano del Sur* em 1813. Na Constituição de Apatzingán foi o deputado responsável pela leitura do discurso de Morelos. Com a independência em 1821, foi eleito deputado no governo de Iturbide. Publicou *Apuntes para la historia del gobierno del general Antonio López de Santa Anna, Cuadro histórico de la revolución de la América Mexicana* (1823), e uma autobiografia, *Hay tiempos de hablar y tiempos de callar*, pouco antes de morrer.



de 1810, o Vice-rei Francisco Xavier Venegas não a promulgou imediatamente, pois temia que a liberdade fomentasse a revolução iniciada em 16 de Setembro. Os consultores de Venegas sugeriram que o mesmo recorresse à opinião dos bispos e dos chefes políticos a respeito da conveniência ou não de que a imprensa fosse livre. Os bispos de Puebla, Valladolid, Guadalajara, Mérida, Monterrey e México, assim como os intendentés das províncias em México, Oaxaca, San Luis Potosí, Guanajuato, Mérida e Zacatecas afirmaram que facilitar a circulação de impressos constituiria um meio seguro de apoiar a revolução e ganhar muitos simpatizantes para a mesma, o que resultaria em graves danos para o país. Todos opinaram que as novas liberdades conduziram à desordem e anarquia. Por outro lado, o arcebispo eleito do México e os intendentés de Guadalajara e Valladolid (Michoacán) se declararam a favor da liberdade de imprensa. Eles temiam que se não se concedesse tal liberdade, os rebeldes contariam com outro argumento favorável à causa revolucionária<sup>76</sup>. Por isso, o Vice-Rei ordenou a queima pública de papéis insurgentes de José María Cos, Francisco Velasco e Ignacio Lopez y Rayón.

Contudo, mesmo assim a lei não foi aplicada nesse ano na Nova Espanha. No dia 6 de fevereiro de 1812, o Vice-Rei foi obrigado a seguir a lei conforme as Cortes instaladas em Cádiz. O artigo 37 da Constituição - proclamada oficialmente em 19 de março de 1812 - estabelecia que todos os espanhóis, dentro das restrições das leis, tinham liberdade de escrever, imprimir e publicar suas ideias políticas sem necessidade de contar previamente com autorização<sup>77</sup>. Venegas foi forçado a acatar a lei no dia 10 de setembro de 1812.

Para a historiadora Clarice Neal,

---

<sup>76</sup> "Representaciones de los oidores de México a las Cortes de España contra la Constitución de 1812", In Carlos María Bustamante, Cuadro histórico de la revolución mexicana iniciada el 1 de septiembre de 1810 por el C. Miguel Hidalgo y Costilla, cura del pueblo de Dolores en el obispado de Michoacán, II, 262-363; Alamán, Historia de Méjico, III, 276 In: NEAL, Clarice In: BENSON, N. L. **México y las Cortes Españolas 1810-1822**, México, Cámara de Diputados, 1985, p. 98.

<sup>77</sup> España, Constitución. Constitución política de la monarquía española promulgada en Cádiz el 19 de marzo de 1812, p. 46. In: idem) In: NEAL, Clarice, In: BENSON, N. L. **México y las Cortes Españolas 1810-1822**, México, Cámara de Diputados, 1985 p. 99.

Essa nova liberdade representava no México uma inovação de grande importância que contrastava com o que antes ocorria na colônia. Na América, assim como na Espanha, a imprensa estava submetida à inspeção das autoridades civis e eclesiásticas, e ninguém poderia publicar sem prévia autorização de ambas. Os examinadores buscavam qualquer coisa contrária às leis ou aos dogmas da Igreja Católica até críticas à família real. Não se poderia publicar nenhum livro sobre América sem prévia autorização do Conselho das Índias. Tampouco poderia se enviar à América livros referentes a estas terras, tanto impressos na Espanha como no estrangeiro, sem a licença do dito conselho.<sup>78</sup>

Muitos intelectuais novo-hispanos aproveitaram este momento para elogiar a decisão das Cortes. José Joaquín Fernández de Lizardi<sup>79</sup> afirmava no primeiro número de *El Pensador Mexicano*<sup>80</sup> “así el hombre que piensa, siempre que se halla imposibilitado de comunicar sus pensamientos al Público por medio de la prensa, es un mudo intelectual”. Vale ressaltar que a liberdade pretendida por estes homens tinha certos limites. Para Lizardi, “la libertad de que hablamos es una libertad coartada a ciertos límites: es una libertad respectiva a la antigua sujeción, no es una libertad absoluta.”

Porém, a lei teve vigência na Nova Espanha por apenas dois meses. Os jornais oficiais *Diario de México* e *Gazeta de México* mencionaram o surgimento de trinta e cinco publicações novas, sem incluir os jornais do movimento insurgente. Enquanto discutia essa nova produção, o *Diario* publicou na íntegra a lei que limitava a censura e a Constituição dos

<sup>78</sup> NEAL, Clarice La libertad de Imprenta en Nueva España 1810-1820 In: BENSON, N. L. **México y las Cortes Españolas 1810-1822**, México, Cámara de Diputados, 1985, p. 103.

<sup>79</sup> José Joaquín Fernández de Lizardi (1776-1827) “foi de fato o autor do primeiro romance hispano-americano. Ele, a princípio, era jornalista, e usando de imagens literárias fluidas e linguagem metafórica, conseguiu burlar a censura colonial. Seu romance é uma obra realista e picaresca que identifica e define cada setor da sociedade mexicana em evolução. Sem recorrer à exclusão, Lizardi retratou a complexidade e as interrelações de uma sociedade em busca de identidade própria e do direito ao autogoverno, que aspirava a ver-se livre da tutela espanhola, do absolutismo e do domínio hispânico. A introspecção profunda e abrangente revelada de modo literário deu forma à opinião de que, apensar da disparidade existente entre eles, os grupos étnicos, as castas e as classes estavam prontos para formar e representar uma única comunidade.” In: GUTIÉRREZ, Natividad O nacionalismo no México: em busca das leitoras da comunidade imaginada In: PAMPLONA, Marco A. e MÁDER, María Elisa (org) *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas - Nova Espanha* São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 216.

<sup>80</sup> *El Pensador Mexicano* está disponível para consulta no sítio <http://www.hndm.unam.mx/>.

Estados Unidos. Foi um período de grande produção literária e debate político sobre a condição colonial da Nova Espanha.

Venegas consultou a Audiência da Nova Espanha e suspendeu a lei no dia 5 de dezembro afirmando que a restauraria somente ao término da revolução. Temendo ser perseguido, Bustamante fugiu da cidade do México e se uniu aos rebeldes liderados por Morelos que produziam jornais clandestinos.

Os insurgentes mexicanos protestaram contra a suspensão da nova lei de imprensa em *El Correo Americano del Sur* e pediram para o povo que se armasse. Diziam que o Vice-Rei estava violando as leis às quais pouco antes havia jurado fidelidade, especialmente as que diziam respeito à América. No dia 13 de janeiro de 1813, Morelos escreveu a Ignacio Rayón "Vemos la legalidad de su conducta. Convocaron a elecciones en México para aprehender a los electores; dieron libertad de imprenta para aprehender a los escritores"<sup>81</sup>.

Anteriormente, no *Semanário Americano*, nº 23 do dia 20 de dezembro de 1812, Andrés Quintana Roo havia publicado um interessante artigo sobre o debate liberdade de imprensa. O texto começa apontando que as boas leis e as instituições liberais não bastam para que os povos sejam preservados dos abusos da tirania. Refere-se especificamente às Cortes de Cádiz que estabeleceram um novo regime político para a Espanha e suas colônias, mas deixaram a Nova Espanha sob um governo que se sobrepunha constantemente às leis. Mencionava o decreto que o vice-rei mandou descumprir a Lei de Cádiz sobre a Liberdade de Imprensa.

Abolidas las antiguas trabas que encadenaban el pensamiento, la opinion pública se manifiesta claramente y empieza á ejercer su imperio influyendo poderosamente en las determinaciones del gobierno. No es otro el espíritu de la ley, cuya letra pone este concepto á cubierto de toda inteligencia equivocada, sancionando este principio lleno de equidad y de

---

<sup>81</sup> Carta de Morelos a Ignacio Rayón, 13 de janeiro de 1813. In: VILLICANA, Ernesto Lemoine **Morelos: su vida revolucionaria a través de sus escritos y de otros testimonios de la época México**: UNAM, 1965 p. 262.

razón: "que la facultad individual de los ciudadanos de publicar sus pensamientos e ideas políticas es un freno de la arbitrariedad de los que gobiernan".<sup>82</sup>

Andrés Quintana Roo atentava para o fato de que a lei exigia a criação de tribunais de censura e de todos os trâmites para que não houvesse abuso diante da liberdade concedida e que o reino mergulhasse na desordem. A grande questão é que na Nova Espanha não houve cumprimento desta lei. Deste modo, o editor indagava sobre o que ocorreria com os transgressores. Para o autor, o ordenado no qual o vice-rei mandou suspender a liberdade de imprensa era um ato de anulação do tribunal de censura e um testemunho da inaptidão dos membros que o compõe e da ignorância de suas atribuições.

O artigo lança ainda a hipótese de que as causas que determinaram o governo a suspender as leis diziam respeito à necessidade de privar os povos da América de seu mais legítimo meio de reivindicação por direitos, que seria a imprensa livre. Quintana Roo mencionou o discurso do orador de Cádiz, D. Alvaro Flores Estrada, que afirmava que "todo ciudadano puede hablar, escribir e imprimir libremente". Para Quintana Roo, caberia, portanto, às Cortes a faculdade de interpretar as leis e proteger a liberdade política de imprensa. Diz que uma qualificação semelhante em todos os governos é um atributo inseparável da soberania, cujo essencial dever é proporcionar leis às circunstâncias e vontades à sociedade que dirige.

A "permissão" de Cádiz para que não se cumprisse a lei na Nova Espanha é condenada pelo autor do jornal como uma medida de omissão tão criminosa quanto o descumprimento da lei na América. Para Quintana Roo a liberdade de imprensa era a base da formação da opinião pública. O que o levou a concluir que a soberania que deveria reger a América não residia nas Cortes, nem estas tinham direito de apropriar-se da mesma sem a concessão e vontade dos

---

<sup>82</sup> *Semanário Americano*, nº 23 do dia 20 de dezembro de 1812.

vice-reinos.

No necesitamos decir que quanto va expuesto en favor de la libertad de la imprenta, asegura à todos los americanos el exercicio de esta prerogativa preciosa, y que el gobierno que hemos escogido protege la libertad de pensar, intimamente convencido de la necesidad que reclama la intervencion de los ciudadanos en las deliberaciones y procedimientos de sus gobernantes.<sup>83</sup>

Por fim, o editor legitima o movimento iniciado por Hidalgo, atribuindo a ele a verdadeira regeneração nacional contra a tirania.

Ilustrad pues, al gobierno, sabios que honrais vuestra pà tria; vuestras ideas, vuestros proyectos, vuestras benéficas especulaciones serán el cimiento sobre que ha de elervarse el edificio augusto de nuestra regeneracion, que en medio de las agitaciones de la mas sangrienta guerra, empezó à levantar el gobierno nacional sobre las ruindas de la funesta tiranía.<sup>84</sup>

Ainda sobre o tema da liberdade de imprensa, a Constituição autonomista de Ignacio Lopez y Rayón (1813) consagrava uma “absoluta libertad de imprenta en puntos puramente científicos y políticos, con tal que estos últimos observen las miras de ilustrar y no de zaherir las legislaciones establecidas.” Ao mencionar os “pontos puramente científicos e políticos”, se referia à ausência de liberdade religiosa e vinculava moralmente a liberdade à esfera política.

A Constituição de Apatzingán, 1814, afirmava que “la libertad de hablar, de discurrir y de manifestar sus opiniones por medio de la imprenta, no debe prohibirse a ningún ciudadano, a menos que en sus producciones ataque el dogma, turbe la tranquilidad pública u ofenda el honor de los ciudadanos”. Ainda que também limitasse a liberdade de expressão em matéria religiosa, corresponde a um texto constitucional que decretava a intolerância a outra religião

---

<sup>83</sup> *Semanário Americano*, nº 23 do dia 20 de dezembro de 1812.

<sup>84</sup> *Idem*.

que não fosse a católica, diferentemente, Rayón, Morelos, Cos e Liceaga propunham que os termos políticos se baseasse na “honra cidadã” e não nas “autoridades estabelecidas”, isto é, a cidadania e não o poder.

Félix Calleja, que substituiu Venegas como vice-rei em 3 de março de 1813, colocou em prática toda a Constituição, à exceção do artigo sobre a imprensa<sup>85</sup>. Embora os dias de baixa censura na Nova Espanha tenham durado muito pouco, continuaram chegando da Espanha uma grande quantidade de escritos não censurados. O fato de que na península houvesse mais liberdade na publicação de impressos permitiu que se difundissem no México as notícias da imprensa livre. Graças à circulação dos periódicos, folhetos e livros vindos da Europa e dos Estados Unidos, o público mexicano se informou dos movimentos rebeldes e das mudanças políticas que estavam ocorrendo em outras colônias espanholas. Com o retorno de Fernando VII ao poder em 4 de maio de 1814, a Constituição de 1812 foi anulada, assim como a Lei de Imprensa.

Essas discussões evidenciam que estava em construção um espaço de sociabilidade na Nova Espanha por meio do aumento da circulação dos impressos desde o final do século XVIII. Conforme Roger Chartier, a circulação dos escritos também permite que haja a formação de um público sem que os indivíduos estejam necessariamente no mesmo lugar. É uma definição vinculada à produção, circulação e apropriação do escrito.<sup>86</sup>

Portanto, analisar o desenvolvimento dos impressos durante a independência da Nova Espanha constitui um mecanismo para compreendermos a formação destes espaços de sociabilidade política num momento de debate intenso sobre a formulação de uma identidade mexicana. Os jornais revolucionários podem ser lidos, com esta perspectiva, não apenas como um lugar de discussão, mas um elemento que se vincula a outros lugares e estabelece uma

---

<sup>85</sup> "Fragmento del manifiesto del Virrey Calleja a los habitantes de Nueva España, publicado en 22 de junio de 1814" In: Alba, **La Constitución de 1812**, II, 246, 247

<sup>86</sup> CHARTIER, Roger **Cultura escrita, Literatura e História**: conversa de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit Porto Alegre, Artmed, 2001, p. 64-65.

comunicação entre eles, formando assim, o que Chartier denomina de opinião pública abstrata.

Acho que as formas de sociabilidade que definem um espaço público funcionam a partir da ideia que cada um de seus membros têm da opinião pública como entidade abstrata, como tribuna, como instância de juízo ao mesmo tempo em que como justificação, na medida em que há pessoas que competem para ser os portadores. Aqui há um tema fundamental com a seguinte proposta: de um lado, um jornal define um espaço abstrato de opinião pública porque circula e cada um pode lê-lo em sua esfera privada; por outro, porque se vincula as formas específicas de sociabilidade<sup>87</sup>.

Apesar da persistência dos imaginários tradicionais do Antigo Regime, a partir de 1808 surgiu uma nova sociabilidade política na Nova Espanha que introduziu um mecanismo representativo, cuja expansão ocorreu por meio da escrita. Diferentemente da Inglaterra, França e outros países europeus, as sociedades hispânicas não haviam experimentado durante a Ilustração um transbordamento cultural dos espaços corporativos, ou como considerou Habermas, uma abertura evolutiva do espaço público. Na Nova Espanha, as sociedades secretas, os grupos locais, as disputas provinciais, as facções parlamentares eram as formas de associação que gestaram as ideias de um Estado independente e as imagens de uma nação mexicana. Essa emergência de uma publicidade política intensificou a comunicação dos grupos sociais por meio da escrita. Então, os valores originários da nova sociedade e do novo Estado se refletiram na cultura política escrita.

A produção dos jornais insurgentes durante a independência mexicana fazia parte de uma rede de relações clandestinas que buscava levar os ideais da luta e os debates políticos travados no seio da guerra ao grande público fora da imprensa oficial.

---

<sup>87</sup> CHARTIER, Roger **Cultura escrita, Literatura e História**: conversa de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit Porto Alegre, Artmed, 2001, p. 123.

## 2.2. Construção do periodismo insurgente

Como já apontado, durante o período colonial na Nova Espanha, a censura eclesiástica e civil dificultou a existência de qualquer manifestação da imprensa. Antes do *Despertador Americano*, até mesmo os livros ficcionais eram proibidos na colônia se não passassem pelo crivo enrijecido do Conselho das Índias. Os periódicos que surgiram no final do século XVIII se preocupavam apenas em descrever cerimônias, eventos religiosos e procissões. Todo material impresso deveria ser supervisionado pelo Conselho das Índias devido às condições de extrema censura que se pesava sobre qualquer documento escrito durante a época colonial.

A luta armada de Hidalgo e Morelos marcou uma ruptura com esta imprensa oficial. Ao levantar os problemas sociais do país e estratégias para combatê-los, a imprensa insurgente configurou um novo espaço de debate político na Nova Espanha. Esta respondia prioritariamente às urgências de notícias da guerra e à publicação de constantes manifestos em que se justificava a causa separatista.

O jornal é fruto do grito de Dolores do dia 15 de setembro de 1810. Iniciando o movimento contra o Vice-Rei, as tropas de Hidalgo marcharam até Guadalajara. Havia, nesta cidade, desde 1792, uma imprensa que, fundada por Mariano Valdés Girón, constituía uma das poucas oficinas tipográficas que funcionavam na Nova Espanha. Em 1810, era controlada por José Fructo Romero, já que Valdés estava fora da cidade para tratar de sua epilepsia. Foi este o local onde o primeiro número de *El Despertador Americano* foi impresso no dia 20 de dezembro de 1810 até o sétimo do dia 17 de janeiro de 1811, quando o Exército de Hidalgo foi derrotado nesta cidade.

En la capital novogalaica, Guadalajara, por la actual avenida Alcalde (antes Sto. Domingo) en el número 225, finca tradicionalmente conocida como "la casa de los perros" por poseer su fachada superior dos magníficas figuras de lebreres finamente talladas



en cantera, existía el único taller de imprenta, propiedad de Don José Fructo Romero, mismo que había adquirido de Don Mariano Téllez Girón, que según se dice, fue el introductor de este importantísimo medio de comunicación en la capital de la Nueva Galicia, amparado por la real cédula del 10 de agosto de 1792.<sup>88</sup>

*El Despertador Americano* teve, seguramente, sua eficácia. Apesar de todas as dificuldades, seus elaboradores confiavam muito em seu poder persuasivo para evitar a guerra. Numa carta de Hidalgo ao Coronel José María González Hermosillo, datada em Guadalajara no dia 5 de janeiro de 1811, observa-se o caráter que o líder do movimento atribuía ao jornal.

Acompaño a V. S. otros impresos todos silencios a los anteriores, para que haga el mismo uso que con aquellos, haber si de este modo se consigue el que no haya guerra, conozcan la justa causa que se defiende y se desapoderen del fanatismo que están por los Europeos.<sup>89</sup>

Esta primeira organização da imprensa revolucionária foi confiada a Francisco Severo Maldonado, padre de Mascota que possuía profundo conhecimento em sociologia, filosofia e teologia. Alguns autores afirmam que ele foi o primeiro mexicano a escrever sobre economia política, o que nos dá indícios de uma formação francesa.<sup>90</sup> Segundo sua biografia<sup>91</sup>, em sua

<sup>88</sup> IBARRA, Alfredo Corona, **Memorias y Revista de la Academia de Ciencias** (Antigua Sociedad Científica Antonio Alzate) Tomo LIX nos. 1-2 México 1960, p. 180.

<sup>89</sup> VERGÉS, Miguel, **La independencia Mexicana y la prensa insurgente**, Ed. INEHRM, México 1985, p. 39.

<sup>90</sup> Maldonado publicou em 1823 o texto *Proyecto de contrato de asociación para la república de los estados unidos del Anáhuac por un ciudadano del estado de Jalisco*. Era um extenso tratado, desconhecido da literatura política do século XIX mexicano, que propunha uma radical utopia republicana para a nova nação que, em muitos aspectos, se adiantava ao reformismo liberal de Valentín Gómez Farías, Melchor Ocampo e Benito Juárez. Além de um projeto laico radical que subordinaria a Igreja ao Estado, uma nova divisão de terras, que concederia títulos de propriedade individual aos habitantes dos pueblos indígenas, uma reforma educacional, que decretaria a instrução obrigatória e gratuita, Maldonado imaginava uma confederação, com amplas liberdades dos estados em suas políticas interiores e exteriores que garantiria, no entanto, uma coesão nacional por meio de uma militarização da cidadania. Somente um poderoso e profissional exército da federação, segundo Maldonado, poderia cumprir o duplo objetivo de proteger o México da possível reconquista promovida pela Santa Aliança e por Fernando VII. In: Rojas, **La escritura de independencia**, México, CIDE-Taurus, 2003, p. 218.

<sup>91</sup> IGUINIZ, J. B. **Apuntes biográficos del Dr. Francisco Severo Maldonado**, L. C., 1911 in: VERGÉS,

biblioteca havia exemplares de Voltaire, Diderot e outros intelectuais franceses pouco conhecidos na América.

No número dois do *Despertador Americano*, Maldonado convocou os demais periodistas para se juntarem aos jornais insurgentes,

El Autor de este Periódico confiesa la debilidad de sus talentos, y no hallarse Capaz de dar á la Patria y el ver que ningún literato ha acometido hasta ahora una empresa de tan conocida necesidad, le ha hecho pasar por todas consideraciones, y dedicarse á despertar á gran parte del Pueblo Americano dormido á sus intereses implora la indulgencia del Público, y protesta ceder el campo gustoso á los Periodistas que se presentaren dignos de la Nación, y la gran causa de su Libertad.<sup>92</sup>

No número 4 do *El Despertador Americano*, publicado em 3 de janeiro de 1811, Maldonado perguntava afirmativamente aos realistas por que lutavam: ¿por la defensa de la Religión, de nuestra Fe Sacrosanta [...], por el legítimo Rey de la Monarquía española, el desgraciado y cautivo Fernando [...], por vuestra Patria?”. E respondia: “pero esa misma es puntualmente nuestra causa [...], nuestro senti es el mismo que el vuestro.” A diferença, segundo ele, era que os *gachupines* haviam se convertido em vassalos do “ídolo detestado, aquel Pepe Botellas, aquel Rey de Copas, que es ahora para ellos el Rey Sabido, el Rey Filósofo, el Regenerador de las Españas”.

Mais tarde, juntou-se voluntariamente aos realistas para publicar outro periódico chamado *El Telégrafo de Guadalaxara* na mesma cidade em que foi fundado *El Despertador Americano*, agora para desqualificar o movimento rebelde. Autores como Julio Zarate, Perez Verdía, Miguel y Vergés e Iguiniz, afirmam que sua atitude é derivada de um espírito não heroico, pois o editor abandonou a causa de Hidalgo quando o exército insurgente começou a perder algumas batalhas. Maldonado passou a qualificar o *cura de Dolores* como “el apóstata

---

Miguel, **La independencia Mexicana y la prensa insurgente**, Ed. INEHRM, México 1985. p. 39.

<sup>92</sup> *Despertador Americano*, número 2 de 1810.

más rapaz y sanguinario que jamás se há visto”.<sup>93</sup>

A edição de *El Despertador Americano* foi de dois mil exemplares que eram vendidos a 25 centavos cada um<sup>94</sup>. Os textos pretendiam projetar uma ideologia de luta. Seu discurso buscou explicar as circunstâncias pelas quais os rebeldes chegaram à guerra; legitimar esta luta e pedir a colaboração da sociedade. O editor denunciou os absurdos das condições sociais do regime colonial imperante, a importância de uma nova organização social, econômica e política que poderiam promover uma possibilidade de desenvolvimento.

A região de Guadalajara era um dos melhores cenários da Nova Espanha, no início do século XIX, para esta discussão. A presença de um público com formação suficiente para ler e discutir os conteúdos dos escritos e a antiga imprensa artesanal permitiram a rápida penetração do jornal. Assim como em outras regiões americanas, os espaços de discussão em Guadalajara eram, geralmente, salões e tertúlias, boticas e barbearias, em que muitos insurgentes disfarçados de forasteiros entravam para discutir assuntos de interesse público.

Após a morte de Hidalgo, a guerra de independência seguiu. Passados um ano e dois meses do desaparecimento de *El Despertador Americano*, outro periódico surgiu para captar novos adeptos à causa insurgente. A escolha do nome *Ilustrador Nacional* é explicada em seu projeto pela conotação simbólica em ilustrar, com notícias, guerras, doutrinas nacionalistas e argumentos históricos o porquê do movimento. O interessante é que, conforme seu título, não abarca a todos os americanos, mas sim os mexicanos. Assim, este é o primeiro documento do exército insurgente em que aparece uma justaposição entre as ideias de pátria e de nação. Para o historiador José Luís Romero,

Em poucos anos, o sentimento de nacionalidade havia desperto,

---

<sup>93</sup> IGUINIZ, J. B. **Apuntes biográficos del Dr. Francisco Severo Maldonado**, L. C., 1911 in: VERGÉS, Miguel, **La independencia Mexicana y la prensa insurgente**, Ed. INEHRM, México 1985, p. 40.

<sup>94</sup> A estimativa do significado do valor do jornal é de difícil exatidão. O movimento de independência alterou a economia monetária da Nova Espanha entre 1810 e 1814. O clima de instabilidade política e militar promovia assaltos frequentes de bandoleiros nas estradas que confiscavam a prata que seria enviada ao Tesouro Nacional. Com isso, muitos *criollos* enviaram suas moedas ao exterior, gerando uma crise econômica. In: Banco de México: **La moneda mexicana**, México, D. F.: Ediciones Horz&Chapa, 2001.

havia amadurecido a luta e se converteu em uma força irreprimível. Foi um estado de consciência coletivo, acaso difuso enquanto a seus conteúdos concretos, porém de uma tremenda veemência. A ideia de nação, um pouco abstrata, se nutriu da ideia de pátria, mais vivida do que realmente existida, mais que uma ideia, um sentimento. Cada novo país – países apenas virtuais todavia, muitos deles, se concentrou em sua própria personalidade coletiva, em seus homens e em suas paisagens, e se sentiu segura não somente de si, sim também de quanto a diferenciava dos demais. Julgavam os interesses, sem dúvida, mas julgavam também as idiosincrasias, as tradições inventadas, os costumes cotidianos e as formas da fala popular. Por um sentimento recém-desperto, se mostrou às vezes transbordante e agressivo. Porém, sobretudo, se mostrou suscetível à toda forma de problemas ou de desdém. E foi singular a energia que se colocou em resposta a quem a desafiava ou desdenhava.<sup>95</sup>

*El Ilustrador Nacional* foi fundado pelo Dr. José María Cos que, conforme suas cartas, considerava impossível difundir devidamente as ideias da independência sem um periódico. Confeccionou a imprensa com suas próprias mãos, trabalhando cuidadosamente com pedaços de madeira para fabricar os tipos de letras para o jornal, inclusive, chegou a substituir a tinta, que estava em falta, pelo índigo, e lançou a partir de Sultepec o primeiro exemplar em 11 de abril de 1812, na oficina que nomeou “*La Imprenta de la Nación*”.

Formado pela Universidad de Guadalajara, Cos foi o autor do *Manifiesto de Paz* e do *Manifiesto de Guerra* do movimento insurgente. Em suas palavras, orgulhava-se muito de ser autor da *Imprenta de La Nación*.

Una imprenta fabricada por nuestras propias manos entre la agitación y estruendo de la guerra y en un estado de movilidad, sin artífices, sin instrumentos y sin otras luces que las que nos han dado la reflexión y la necesidad, es un comprobante incontestable del ingenio americano siempre fecundísimo en recursos e incansable en sus

---

<sup>95</sup> ROMERO, José Luis **Pensamiento político de la emancipación** Espanha: Biblioteca Ayacucho, 1985 p. XXXIII.

extraordinarios esfuerzos por sacudir el yugo degradante y opresor. Mas para conseguir este importante mérito de ilustraros. ¡Cuántas dificultades se han tenido que vencer! ¡Cuántos obstáculos que superar!<sup>96</sup>

O jornal foi impresso aos sábados durante os dias 11, 18 e 25 de abril e 2, 9 e 16 de maio de 1812. O exemplar era vendido a um *real* ou a cada quatro exemplares o preço era de três *reales*.

Conforme o historiador Rafael Rojas, os textos de Francisco Severo Maldonado, em *El Despertador*, e de José María Cos, no *Ilustrador*, tinham “a impetuosidade dos manifestos e proclamações e chamavam à mobilização do orgulho patriótico, protonacionalista e, inclusive, étnico dos ‘americanos’ ou ‘criollos’ contra os ‘gachupines’ ou ‘europeus’”<sup>97</sup>. O objetivo desses editores era o de desconstruir a legitimidade do domínio espanhol na América e, por isso, recorrem a alguns conceitos que anunciam o debate liberal na Nova Espanha.

*El Ilustrador Nacional* convocava a todos os mexicanos a escrever e a expressar seu pensamento, pois a liberdade de expressão, conforme o Dr. Cos, era natural ao homem. Neste momento, a causa independentista parece começar a adquirir um corpo maior, como podemos observar numa carta enviada por Cos a Morelos.

Habrá sin duda reflejado V.E. que hemos apellidado en nuestra junta el nombre de Fernando VII que hasta ahora no se había tomado para nada; nosotros ciertamente no lo habríamos hecho, si no hubiéramos advertido que nos suerte el mejor efecto; con esta política hemos conseguido que muchas de las tropas de los europeos desertándose, se hayan reunido a las nuestras: y al mismo tiempo que algunos de los americanos vacilantes por el vano de ir contra el rey, sean los más decididos partidarios que tenemos.<sup>98</sup>

<sup>96</sup> *El Ilustrador Nacional* nº 1, 11 de abril de 1812.

<sup>97</sup> Rojas, Rafael **La escritura de independencia, México**, CIDE-Taurus, 2003 p. 53.

<sup>98</sup> VERGÉS, Miguel, **La independencia Mexicana y la prensa insurgente**, Ed. INEHRM, México 1985, p. 65.

Maldonado e Cos, ainda que mantivessem a lealdade dos insurgentes a Fernando VII e se declarassem fiéis à religião católica, utilizavam argumentos típicos na Ilustração hispano-americana. Neste discurso, Hidalgo era o “Washington de México”; Allende o “intrépido”, o “capitán invicto”, “el hijo favorito de Marte”, enquanto que Venegas e Callejas eram os “visires”, “cómplices del Corso vil”, “nuevos Robespierres”, “ateos”, “materialistas” e “masones”.

Desde o título da publicação, o *Ilustrador Nacional* deixa evidente que seus editores buscavam abandonar a matriz simbólica do patriotismo que havia predominado na imprensa rebelde desde setembro de 1810. Ainda que Cos insistisse em considerar “poco patriotas” aos europeus, já que a península estava “contagiada de infidencia”, sua argumentação não prescindia de uma defesa aberta dos princípios ilustrados. Apesar de preservar a retórica religiosa da “invocación al ser supremo” e de respeitar a soberania de Fernando VII sobre a Nova Espanha, o chamado à constituição de uma “nación americana”, por meio de uma representação autônoma baseada nos “preciosos frutos de paz y de verdad sazonados por la ilustración y convencimiento íntimo de los entendimientos” revela uma ruptura significativa com o início da insurgência.

O jornal foi substituído pelo *El Ilustrador Americano*, provavelmente, por uma discordância interna a respeito do nome do jornal. Graças à sociedade de *Los Guadalupes*, a Imprensa improvisada por Cos foi substituída por uma oficina nova.

Em abril de 1812, a associação conseguiu comprar de um catalão que morava em Valencia um número de letras de imprensa suficiente para confeccionar o periódico. A quantia de oitocentos pesos estipulada para a venda do material foi dada por José María Llave, Juan Raz y Guzmán, Benito J. Guerra e Manuel Díaz.

A dificuldade de fazer chegar o material de imprensa aos insurgentes devia-se aos espiões do Vice-Rei, que controlavam todo o comércio local, prontos para denunciar os

homens que colaboravam com o Exército rebelde.

Foram as esposas de *Los Guadalupe* que saíram para buscar o material da imprensa e levá-lo até Sultepec. O material foi carregado em cavalos, carroças e até mesmo embaixo das vestimentas dessas senhoras. Foram acompanhadas pelo advogado Raz y Guzmán montado a cavalo. As senhoras diziam com naturalidade que estavam se dirigindo a San Angel para ir até uma feira de caridade e convidavam os soldados a participarem. Assim, chegaram em Tizapán com os utensílios da imprensa onde José Robelo os recolheu e levou até Tenango, lugar em que Rayón cuidou do restante do transporte até Sultepec<sup>99</sup>.

Esta narrativa foi descrita com grande paixão por Henry Lepidus na *Historia del Periodismo Mexicano*. Segundo ele,

A causa del poco espacio que se disponía dentro del coche, las canastas fueron colocadas en el suelo, debajo de las piernas y de los largos vestidos de las señoras. Cuando la guardia intento buscar en las canastas, las señoras hicieron gran alharaca, acusando a los soldados de abrigas malas intenciones. Estos se vieron obligados a registrar la parte superior de las canastas con los dedos, y con somera inspección, se permitió al carruaje.<sup>100</sup>

Dr. Cos expôs logo na abertura do *Ilustrador Americano* que o jornal estava pronto para receber qualquer contribuição, inclusive dos adversários que quisessem expor seu ponto de vista. Não se lutava, reitera, contra os europeus, mas sim a favor de uma causa. O jornal publicou os planos aprovados da Suprema Junta organizada por Morelos e Rayón, que são de

---

<sup>99</sup> Nesta travessia, merece destaque a figura de Leona Vicario, tida pela historiografia clássica como uma das mulheres mais importantes do movimento de independência do México. Conforme o *Calendario de las Heroínas* feito por José Joaquín Fernández de Lizardi, em 1825, "ela se tornou um pilar de grande utilidade na causa da independência, por inventar meios de estabelecer comunicação com os rebeldes, escondendo e enviando-lhes armas, vestuário e papel. Conta-se que ela escondeu em sua longa e ampla saia o prelo portátil com o qual o jornal anti-hispânico, *El Ilustrador Nacional*, era impresso de maneira rudimentar e clandestina". Mais tarde, Leona se casou com o editor do *Ilustrador Nacional*, Dr. José María Cos. In: GUTIÉRREZ, Natividad O nacionalismo no México: em busca das leitoras da comunidade imaginada PAMPLONA, Marco A. e MÁDER, Maria Elisa (org) **Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas** - Nova Espanha São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 226.

<sup>100</sup> VERGÉS, Miguel, **La independencia Mexicana y la prensa insurgente**, Ed. INEHRM, México 1985, p. 45.

autoria de José María Cos, evidenciando que sua participação intelectual na luta foi de caráter imprescindível para o avanço das ideias do movimento.

Morelos, por exemplo, escreveu em 15 de março de 1813 de Paso del Reparo de Juchilán à Ignacio Rayón:

El número de notas de la carta del Americano que explica la Excomunióón, no se ha podido reimprimir en Oaxaca por ser muy corta la imprenta, y lo que es más no me ha quedado un número porque importaba repartillos respecto a que la falsa excomunióón reinaba mucho de esta provincia. Necesito muchos números del expresado, y dos Juegos enteros de todo el ilustrador y semanario que espero me remita Vm. E. en el primer correo. Yo remito ocho de los malos de Oaxaca.<sup>101</sup>

Colaborou juntamente com o Dr. José María Cos no *Ilustrador Americano*, Andrés Quintana Roo e Leona Vicario, que mais tarde seria sua esposa. O jornal teve trinta e oito números e dois extraordinários. A partir do número 27 de 17 de outubro de 1812, passou a ser impresso em Tlalpujahuá para onde a *Imprenta de La Nación* foi carregada desde Sultepec pelo exército de Rayón. Era distribuído às quartas e aos sábados de cada semana.

A trajetória do *Ilustrador Americano* permite constatar o amadurecimento político do separatismo na época de Morelos. O *Plan de Paz*, do dia 10 de junho de 1812, ainda mantinha a ambiguidade entre autonomia e independência, uma vez que considerava “España y América son partes integrantes de la monarquía, sujetas al Rey, pero iguales entre sí y sin dependencia o subordinación de una respecto de la otra”<sup>102</sup>. Contudo, quatro meses depois, os editores articularam abertamente um discurso separatista. Para eles, era necessário “ver a la patria luchando por su independencia y declamar contra los derechos en que se funda es lo último de la maldad, pero reconocer su justicia y confesarla, y permanecer en una vergonza

<sup>101</sup> VILLICANA, Ernesto Lemoine **Morelos**: su vida revolucionaria a través de sus escritos y de otros testimonios de la época México: UNAM, 1965 Doc. 30.

<sup>102</sup> *Ilustrador Americano Plan de Paz* do dia 10 de junho de 1812.



apatia es el extremo del egoísmo.”<sup>103</sup>

Com a mesma imprensa em que era impresso o *Ilustrador*, foi tirado também o *Semanario Patriotico Americano* a partir de 19 de julho de 1812. O objetivo deste jornal era estabelecer uma comunicação entre os principais generais da campanha que fosse conhecida de todos. Assim, a Suprema Junta poderia se comunicar abertamente com os insurgentes.

En un tiempo en que la nación oprimida por el intervalo de tres siglos pelea por conquistar su libertad, y por reintegrarse en el goce de sus derechos, es de suma importancia la publicación de escritos, que al mismo tiempo que sirvan de confirmarla en su heroica revolución, manifiesten a la luz de todo el mundo la justicia, la necesidad y conveniencia de los motivos que han alarmado contra la obstinación de sus tiranos.

A este fin se dedica el presente periódico. Su objeto no es otro que generalizar por medio de él los principios de sana política, y las máximas primitivas del derecho de las naciones en que está fundada la equidad de nuestras pretensiones.<sup>104</sup>

Este periódico foi editado por Andrés Quintana Roo e teve a colaboração de Francisco Lorenzo de Velasco e José María Cos. No número 9, 13 de setembro de 1812, foi inserida a “Carta de um americano al Español sobre su número XIX” que continuou nos dias 20 e 27 de setembro e 4 de outubro terminou no número 13, 11 de outubro de 1812. Esta pequena obra foi responsabilidade do Fr. Servando Teresa de Mier, que em viagem à Espanha, teve notícias sobre o levante de Hidalgo e se tornou um apologista aos direitos do México. Em 1811, publicou esta carta em Londres que foi reproduzida pela primeira vez no *Semanario Patriotico*. A figura de Dr. Mier era conhecida e sua relação com o movimento lhe garantiu mais legitimidade.

O *Semanario Patriotico Americano* aparecia aos domingos, compunha-se de um número de páginas variáveis e sua extensão era irregular, sujeitava-se o preço do exemplar

<sup>103</sup> *Ilustrador Americano* do dia 10 de outubro de 1812.

<sup>104</sup> *Semanario Patriotico Americano* do dia 19 de julho de 1812.

semanal. O último número conhecido corresponde a 17 de janeiro de 1813, o 27º da série. Porém, o autor do último artigo não mostra o seu desfecho e informa que irá continuá-lo no próximo número, o que sugere a perda do último exemplar ou a impossibilidade de sua confecção por algum evento imprevisível da guerra.

Os artigos ou discursos seguiam sua própria terminologia e eram de caráter persuasivo e nunca terminam no mesmo número que começavam, pois pretendiam estabelecer uma sequência na coleção. Nesse jornal, merece destaque um trabalho de Andrés Quintana Roo sobre liberdade de imprensa no número 23 do dia 20 de dezembro de 1812, já mencionado anteriormente.

Como aconteceu com o *Ilustrador Nacional*, o *Semanario Patriotico* foi impresso a partir do dia 18 de outubro de 1812 em Tlalpujahua. A partir desta data, atuou como impressor Ignacio Gomez, insurgente que foi fuzilado por ordem do brigadeiro Ciriaco de Llano em Maravatío no dia 6 de junho de 1815.

Outros dois periódicos foram editados a mando de Morelos para a divulgação da guerra em áreas mais afastadas da cidade do México. Foram eles: *Gazeta del Gobierno Americano em el Departamento del Norte* e *Correo Americano del Sur*.

O primeiro nasceu a partir de um projeto estruturado pela Suprema Junta. Em Sultepec na data de 16 de junho de 1812, Ignacio Rayón, José Sixto Verdugo, José María Liceaga e o secretário Antonio Basilio Zambrano propuseram uma separação dos membros da Junta para que todos divulgassem pelo país as ideias do movimento.

Esta decisão foi julgada urgente por toda a Junta e José María Liceaga foi nomeado Capitão Geral dos Exércitos do Norte e fundou a *Gazeta del Gobierno Americano en el Departamento del Norte*.

Há somente três números do jornal. A abertura do dia 11 de agosto que descreveu as motivações que levaram a separação da Junta. E outros dois do dia 23 e 30 de setembro de

1812.

Por no privar más tempo al público de las noticias interesantes de lo ocurrido en el ataque al convoy, se imprimen, separadamente del periódico que está para comenzar a publicarse, los siguientes partes originales dados al Exmo. Sr. D. José María Liceaga por los comandantes de las divisiones que atacaron conforme al plan e instrucciones de S.E.<sup>105</sup>

A *Gazeta del Gobierno Americano en el Departamento del Norte* era de tamanho muito reduzido (11,5cm x 15,5cm) e a impressão era ruim. No rodapé é possível lermos *Isla Liceaga - Imprenta Nacional del Norte*. A ilha pertencia à Celaya e estava na lagoa de Yuriria em Michoacán. Ali, José María Liceaga criou uma fortaleza que acreditava ser impenetrável por estar defendida por pedras e varas cercadas por um muro de espinhos. Construiu uma fábrica para produzir canhões, pólvoras e uma casa de fundição de moedas. O ataque de Iturbide à ilha começou no dia 9 de setembro de 1812. Por isso, Liceaga precisou fugir, abandonando o jornal e toda a imprensa. Antes de ter sido editor, havia lutado ao lado de Hidalgo nos combates de Monte de las Cruces e de Aculco e ficou conhecido como um dos dragões da causa insurgente.

Após a conquista de Oaxaca, Morelos autorizou a publicação do jornal *Correo Americano del Sur* para propagar seus avanços militares. A edição foi feita por Carlos Maria Bustamente que também participava das publicações oficiais do *Diario del Mexico* desde 1805. Apesar de fazer parte da imprensa oficial, o editor se juntou ao exército de Morelos, em que foi encarregado da direção do jornal insurgente no sul do país. Nessa região, o padre estabeleceu um governo próprio para expressar as ideias dos integrantes do movimento.<sup>106</sup>

Enquanto perdia territórios ao norte, no sul a ocupação de Oaxaca por Morelos foi um

<sup>105</sup> *Gazeta del Gobierno Americano en el Departamento del Norte* nº 1, 11 de agosto de 1812.

<sup>106</sup> A imprensa insurgente fazia um interessante contraponto com a chamada imprensa oficial da Cidade do México representada principalmente pelo *Diário del México* publicado a partir de 1805.

grande feito para o movimento. Em uma carta, Ignacio Rayón dizia que “de una provincia que vale por un reino, custodiada de mares por Oriente a Poniente y por montañas por el Sur en la raya de Guatemala, y por el Norte de las Mixtecas”<sup>107</sup>.

Por isso, Morelos logo se preocupou com a publicação de um jornal rebelde utilizando a imprensa de Oaxaca. Encomendou esta realização ao Dr. José Manuel de Herrera, padre de Huamostitlán e antigo realista a serviço das tropas de Mateo Mussito, em que desempenhava o papel de capelão. Quando Morelos ocupou Chautla, Herrera se escondeu atrás do altar maior da capela principal e passou a servir os insurgentes cuidando da organização de uma ação de graças na Catedral para Morelos em dezembro de 1812. Passou depois à direção do *Correo Americano del Sur* até a chegada de Carlos María de Bustamante que assumiu, posteriormente, a direção.

O *Correo Americano del Sur* foi impresso na oficina do Padre Idiaquez, sempre muito fervoroso à causa da insurgência. Era muito difícil encontrar material para fabricar os tipos. Idiaquez precisou fundir letras para a imprensa de Tlalpujahua utilizando como matéria-prima as armas do exército e, mesmo assim, Morelos precisou lhe enviar ainda pranchas de estanho para que fabricasse mais, pois confessou a Rayón em uma carta que a imprensa era ruim “por ser muy corta la imprenta”<sup>108</sup>.

O primeiro número do *Correo Americano del Sur* é do dia 25 de fevereiro de 1813. Foi precedido por um prospecto dirigido “al publico” em que era expresso o entusiasmo dos rebeldes em terem adquirido aquele meio de propaganda.

...cuando apenas nos lisonjamos de haber conseguido el auxilio de la imprenta, este precioso auxilio, quizá de mayor necesidad que las bocas de fuego para batir el formidable coloso que nos oprime, y cimentar sobre sus ruinas el grandioso edificio de

---

<sup>107</sup> VILLICANA, Ernesto Lemoine **Morelos**: su vida revolucionaria a través de sus escritos y de otros testimonios de la época México: UNAM, 1965 Doc. 60, p. 264.

<sup>108</sup> Idem.

nuestra amada libertad .<sup>109</sup>

A imprensa também foi utilizada para reimpressão de alguns números do *Ilustrador Americano* e do *Semanario Patriotico*, cujos exemplares que chegavam ao sul eram escassos. Sobre o jornal, o editor afirmava que

Este periódico saldrá a luz los jueves. La extensión de cada número se reducirá a un pliego, cuyos ejemplares se venderán al precio de dos reales en las casas de la Aduana y Estanco em esta Ciudad.<sup>110</sup>

Foram publicados 39 números conhecidos atualmente do *Correo Americano del Sur* e cinco números extraordinários. A eficácia do *Correo Americano del Sur*, como a de outros periódicos insurgentes, foi devido aos chefes insurgentes darem uma excessiva importância à difusão da imprensa. Morelos acreditava que com o *Correo Americano del Sur*, os partidários dos espanhóis mudariam de lado aderindo à sua causa.

Em uma carta escrita a Carlos María Bustamante antes de sua chegada em Oaxaca afirma que:

Acompaño a V. S. los últimos números del Correo Americano del Sur para que circule especialmente en los países enemigos y donde existen algunas chaquetas para que estos las rompan y V.S. propague con justicia el curso de nuestras proezas.

Iguana, mayo 8 de 1813<sup>111</sup>

Desde o primeiro instante, as autoridades vice-reinais e eclesiásticas tomaram medidas para evitar a propagação dos impressos e periódicos insurgentes. A audácia de Cos e de Francisco Velasco em facilitar a chegada do *Plan de Paz* e do *Plan de Guerra*, impressos em Sultepec com os equipamentos de Dr. José María Cos, foi responsável pelo início da

<sup>109</sup> *Correo Americano del Sur* é do dia 25 de fevereiro de 1813.

<sup>110</sup> Idem.

<sup>111</sup> VILLICANA, Ernesto Lemoine **Morelos**: su vida revolucionaria a través de sus escritos y de otros testimonios de la época México: UNAM, 1965 Doc. 78 p. 291

impressão de artigos pelo Vice-Rei Francisco Javier Venegas no *Diario de Mexico* de 3 de junho de 1812:

Declaro cómplices en la expedición, a todos los que copiaron, leyesen y oyesen leer semejantes papeles sediciosos, sin dar prontamente cuenta a las injusticias (...) y para su seguridad siempre que quieran no sonar en los autos que se hagan – los delatores se pondrán sus nombres en testimonio reservado, de modo que no conste del proceso: todo cual se entienda sin perjuicio de proceder averiguación de sus autores <sup>112</sup>

Logo, o papel de mediação exercido pelos editores dos jornais foi fundamental para a propagação do movimento, pois não se tratava apenas de informar a população sobre os últimos acontecimentos, mas de dialogar com grupos que serviam de interlocução para a formação de um debate político mais complexo.

A mediação é também um processo (material e simbólico) de incorporação de relações em que ocorreram reconstruções da memória e do saber. Para entendê-la, é necessário destacar seus agentes e suas práticas, “pois são eles que, através de suas competências específicas no domínio dos códigos, propõem conexões de sentido plausíveis e/ou verossímeis para a situação” <sup>113</sup>.

Por isso, no caso específico dos jornais insurgentes, precisamos destacar os editores para compreender a relação entre a população e os códigos do movimento explicitados nestas fontes documentais. Qual era o interesse político destes editores e qual grupo social eles representavam? Como surgiu a ideia de utilizar a imprensa escrita para atingir seguidores à causa rebelde? Qual era o interesse dos *guadalupanos* neste movimento?

Provavelmente, havia uma rede de relações políticas entre a guerra iniciada por

---

<sup>112</sup> MIGUEL Y VERGÉS, José María, **La Independencia Mexicana y la Prensa Insurgente**, El Colegio de México 1985. *Diario de Mexico* de 3 de junho de 1812, p. 21.

<sup>113</sup> MONTERO, Paula Índios e missionários no Brasil: para uma teoria da mediação cultural In: MONTERO, Paula. (org.) Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural. São paulo, Globo, 2006; p. 50.

Hidalgo e alguns liberais que moravam nas grandes cidades. Nesse caso, trata-se de dar atenção às relações sociais que constituem (sustentam, resistem, interferem, informam) o processo de mediação implicado na ação insurgente, e por meio das quais se articulam diversos códigos culturais, diferentes estratégias individuais, coletivas e institucionais, assim como diferentes fluxos de informações.

### 2.3 A mediação das ideias políticas na construção da luta

Como já apontado, a raiz central do periodismo revolucionário independentista foi a constituição de uma fonte permanente de contato entre os ideais insurgentes e diferentes setores e atores sociais. A palavra escrita ocupou um lugar importante na transmissão de códigos, representações sociais e padrões culturais aos que aspiravam construir uma nova soberania na América. Esse acesso de comunicação também permitiu a criação do espaço de luta ideológica, justificação e reivindicação da luta política em contraponto a uma imprensa oficial sujeita a interesses políticos e econômicos vinculados ao Vice-Rei. Seu alcance se expandia para além do número de leitores, pois as leituras individuais no ambiente rural, de início do século XIX, estavam envoltas de uma rede de sociabilidades muito concretas e tradicionais na qual era constante declamação de textos em voz alta na praça pública<sup>114</sup>.

Por se constituírem num recurso de fácil e rápida circulação entre a população, os jornais foram um importante mecanismo de propagação dos novos ideais políticos.<sup>115</sup> Para a

---

<sup>114</sup> GUERRA, François Xavier e LEMPÉRIÈRE, Annick **Los espacios públicos en Iberoamérica: ambigüedades y problemas. Siglos XVIII-XIX.** Mexico: Fondo de cultura económico, 1998, p. 13.

<sup>115</sup> Conforme a historiadora Dorothy Frank de Estrada, “no início do século XIX, surgiram outras motivações cívicas ou políticas, para que o povo aprendesse a ler. Segundo a Constituição de Cádiz de 1812, o exercício do direito de votar estaria reservado para os cidadãos que soubessem ler e escrever. Por outro lado, o aumento do número de periódicos políticos, serviu como estímulo para que o público se informasse sobre a guerra e acerca das possíveis maneiras de constituir um novo governo.” In: ESTRADA, Dorothy Frank de *La enseñanza de la lectura en la Nueva España, 1700-1821* **História de la lectura en México-** Seminario de Historia de la Educación en Mexico El Colegio de Mexico, Centro de Estudios Históricos, 2000 p. 50.

historiadora Rosalba Cruz Soto<sup>116</sup>, uma consequência dos acontecimentos de 1808 foi a politização de novas camadas sociais na Nova Espanha, com tudo o que isto envolve: a crítica, a análise e a necessidade de ter uma voz para a participação política.<sup>117</sup> É nessa conjuntura que o número de periódicos se multiplica, como uma expressão dessa opinião pública em ascensão. François Xavier Guerra e Annick Lempérière afirmam que esse fenômeno faz parte de uma série de características próprias do espaço público nascente.

Em primeiro lugar, a concepção da opinião: embora livre do “despotismo”, não se livra da busca da unanimidade e, por parte dos governantes, do medo constante da expressão de ideias contrárias. Isso está relacionado, em segundo lugar, com o ideal vivo de “tranquilidade pública”, ideal contraditório com a necessária mobilização do povo para ativar a dinâmica revolucionária e legitimar as autoridades diante a expressão da vontade geral. Por fim, longe de unificar o público em torno dos novos valores, o surgimento da opinião e as sociabilidades modernas reconstituem uma nova hierarquia. O acesso aos impressos, a leitura individual, a opinião dos “sábios” e a informação política produzem uma profunda divisão entre o público, do qual se exclui, de agora em diante, a maioria considerada como “ignorante”.<sup>118</sup>

O estudo do periodismo insurgente evidencia como a palavra impressa foi uma das fontes de contato entre os ideais revolucionários e diferentes setores e atores sociais. É por sua mediação que foram transmitidos códigos, representações sociais e padrões culturais que, mais tarde, colaborariam para construir um discurso sobre uma nova nação mexicana. Segundo Carlos Fregoso Gennis, Hidalgo foi o primeiro líder insurgente a utilizar o

---

<sup>116</sup> CRUZ SOTO, E. Rosalba *El movimiento de independencia y la prensa novohispana* In: [www.bicentenario.org.mx/modules.php?name=Paginas&file=album&aid=59](http://www.bicentenario.org.mx/modules.php?name=Paginas&file=album&aid=59) acessado em 19 de novembro de 2007

<sup>117</sup> Segundo Darnton, o povo se torna politizado a partir do contato com os conflitos de poder. In: DARNTON, Robert **Os best-seller proibidos da França pré-revolucionária** trad. Hidegard Feist Companhia das Letras p. 204

<sup>118</sup> François Xavier Guerra e Annick Lempérière **Los espacios públicos en Iberoamérica: ambigüedades y problemas. Siglos XVIII-XIX.** Mexico: Fondo de cultura económico, 1998. P. 17



instrumento da imprensa escrita em sua luta<sup>119</sup>.

No começo do século XIX, como assinalou Mercedes de Vega<sup>120</sup>, havia um “substrato cultural comum” que projetou elementos para tomar diferentes partidos desde a união da monarquia hispânica (em especial na sua etapa constitucional) até a ruptura. Um mesmo indivíduo, inclusive, poderia assumir, por longo tempo frente às diferentes conjunturas, posições ideológicas contraditórias. Carlos María Bustamante, por exemplo, procurou por todos os meios a seu alcance promover primeiro a unidade com a Espanha que lutava contra Napoleão e, depois, promoveu o discurso emancipacionista do grupo insurgente de Morelos. Para Roberto Castelán Rueda, “a arma mais poderosa de Bustamante foi a palavra, em especial a imprensa. Arma poderosa, a tal grau que sua versão do movimento independentista terminou sendo ‘o’ relato da independência e moldou a imaginação de várias gerações de mexicanos”<sup>121</sup>.

Bustamante e outros publicistas utilizaram seus textos como um meio para negociar demandas de índole política, algo que no Antigo Regime havia sido difícil de fazer. Rojas<sup>122</sup>, analisou como nos principais periódicos independentistas se repetiam os tópicos e estruturas de seus rivais realistas. A escrita destes editores insurgentes era simétrica. Essa atenção à forma permitiu a Carlos Herrejón<sup>123</sup> descobrir no discurso cívico da época da independência as mesmas características do sermão ilustrado neoclássico, cujos objetivos eram instruir o público e ser útil para contribuir a formação de uma opinião acerca do poder político.

Numa carta do dia 18 de setembro de 1813 endereçada a Bustamante, Morelos insistia

---

<sup>119</sup> GENNIS, Carlos Fregoso **Las ideas insurgentes y su difusión en la prensa del occidente mexicano: estudio de caso *El Despertador Americano***. Disponível em <http://sincronia.cucsh.udg.mx/fregoso.htm> acessado em novembro de 2007.

<sup>120</sup> VEGA, Mercedes **Bibliografías básicas y cohesión cultural: la biblioteca del Colegio de Guadalupe en Zacatecas**” en *La independencia de México y el proceso autonomista novohispano 1808-1824*, coordinado por Virginea Guedea, México, Instituto Mora-Universidad Nacional Autónoma, Instituto de Investigaciones Históricas, 2001, p. 409-428.

<sup>121</sup> RUEDA, Castelán **La fuerza de la palabra impresa**. Carlos María de Bustamante y el discurso de la modernidad, México, Universidad de Guadalajara- Fondo de Cultura Económica, 1997.

<sup>122</sup> ROJAS, **La escritura de independencia**, México, CIDE-Taurus, 2003.

<sup>123</sup> HERREJÓN, Carlos **Del sermón al discurso cívico**. México 1760-1834, Zamora, El Colegio de Michoacán, 2003.

para que o publicista estivesse presente no Congresso de Chilpancingo, pois seriam os seus textos fundamentais para a estrutura da nova nação. Além disso, aponta que o editor deveria utilizar obra de *Los Guadalupes*, que era imprescindível para a escrita de um texto constituinte. Sabemos que este era um grupo importante da Cidade do México que financiava materialmente as empreitadas de Hidalgo e Morelos.

Ernesto de la Torre Villar em *Los Guadalupes y la independencia* entende este grupo como parte das lojas maçônicas e das sociedades secretas. Para o autor, eram importantes núcleos liberais responsáveis por promover ações independentistas.<sup>124</sup>

Conforme a documentação, ao saber por meios clandestinos da insurgência, os pormenores do ocorrido no Congresso de Chilpancingo, a organização de *Los Guadalupes*, enviou felicitações a Morelos, no dia 3 de novembro de 1813.

Ahora, Serenísimo Sr, que veremos cerca nuestra felicidad, el colmo de nuestra dicha y la suspirada libertad que tanto deseamos..., ahora sí ya seremos dueños del suelo en que nacimos, nos veremos pronto en paz y lo veremos todo, todo, pues nos entregamos en las manos de V. A., único seguramente destinado por el Altísimo para terminar nuestro cautiverio.<sup>125</sup>

Os *Guadalupes* enviavam aos insurgentes as publicações periódicas que circulavam na Cidade do México como o *Diario de Mexico*, as *Gacetas*, publicações europeias como El *Español* impresso em Londres, os diários das *Cortes de España* e uma grande quantidade de folhas soltas com muitas informações políticas e econômicas.

Outro publicista de grande importância que dialogou com o movimento insurgente e contrainsurgente a partir da cidade foi Fernández de Lizardi. Autor de *El Pensador Mexicano*, dedicou os primeiros números do jornal a a elogiar a nova ordem de “soberania nacional”, inaugurada pela Constituição de Cádiz - “que nos transforma de esclavos en vasallos” -, e a

<sup>124</sup> TORRE VILLAR, Ernesto **Los "Guadalupes" y la independencia**. Con una selección de documentos inéditos. México, Jus, 1966.

<sup>125</sup> VILLICAÑA, Ernesto Lemoine **Morelos**: su vida revolucionaria a través de sus escritos y de otros testimonios de la época México: UNAM, 1965, Doc. 141, p. 419.

criticar o “antigo despotismo” na América.

Para ele, todos os prejuízos do governo “pré-gaditano” se agravavam nas colônias devido aos habitantes deste reino que não eram considerados como verdadeiros súditos. O sistema jurídico estamental, de privilégios e impostos, que Abad y Queipo havia denunciado, converteu aos *criollos*, castas e índios da Nova Espanha em servos e até mesmo em escravos da arbitrariedade do rei. Conforme Lizardi,

La causa, pues, de la insurrección es la queja de los americanos. Esta es relativa al mal gobierno pasado: este fue el más impolítico que se ha visto, y la queja se reduce a que los americanos se les han atado las manos para la industria, y se les han cerrado las puertas para los empleos [...] por esta maldita antipatía de *criollos* y *gachupines* fomentada cerca de tres siglos por los indignos de una y otra especie, pues es menester considerarlos como animales de “distinta especie”, ya que ellos no han querido ser unos por la religión, por la sociedad y por el origen. Sí, monstruos malvados, vosotros los déspotas y el mal gobierno antiguo habéis inventado la insurrección presente, que no el Cura Hidalgo, como se ha dicho: vosotros, unos y otros, otros y unos, habéis talado nuestros campos, quemado nuestros pueblos, sacrificado a nuestros hijos, y cultivado la cizaña en este continente.<sup>126</sup>

Estas palavras, impressas em plena cidade do México, em 1812, nos persuadem da existência de uma corrente *criolla* que se via, possivelmente, como mediadora intelectual num conflito entre insurgentes e contrainsurgentes.

Tanto Bustamente como Lizardi respeitaram em seus textos as três restrições à liberdade de imprensa que estabelecia a própria Constituição de Cádiz, em seus artigos 12, 14 e 168, isto é: a natureza inquestionável da religião católica, do governo monárquico e do rei, cuja pessoa era considerada “sagrada e inviolável”. Bustamante, apesar da ironia das primeiras palavras do *Juguellito* - “¿Con quién podemos hablar? [...] ¿Estamos seguros?” - acatou esses interditos. Fernández de Lizardi foi, inclusive, mais além, chegando a valorizar as vantagens

<sup>126</sup>

ROJAS, *La escritura de independencia*, México, CIDE-Taurus, 2003, p. 57.

de ditas restrições em regras que impediriam que a imprensa se convertesse em um espaço para o sacrilégio e a sedição.

Tampoco aplaudo la libertad absoluta de la imprenta; sino la restrictiva: no quiero que cada uno sea libre para imprimir blasfemias contra la Religión, y libelos contra el gobierno: nada menos. El discurso es una prenda dada al hombre por la liberalidad del Ser supremo, y sería una ingratitud execrable hacer del beneficio armas contra el mismo benefactor. Sería igualmente horroroso que abusáramos de esta liberalidad contra el mismo Gobierno que nos la concede [...] Ah! (exclamará algún entusiasmado) que con la libertad de imprenta se le abre la puerta a la herejía. A este espíritu espantadizo le dijera yo: la libertad de que hablamos es una libertad coartada a ciertos límites: es una libertad respectiva a la antigua sujeción; no es una libertad absoluta: y con esta tan fácil distinción está deshecho el trampantojo más escrupulos.<sup>127</sup>

O fechamento do *Juguellito* e a suspensão temporal de *El Pensador Mexicano*, no começo de 1813, foram provocados por distúrbios populares que acompanharam as primeiras eleições da prefeitura da Cidade do México, celebradas em novembro do ano anterior. Bustamante, que era candidato a eleitor pela paróquia de San Miguel, esteve particularmente envolvido naquela desordem, e acabou viajando a Zacatean onde se uniu às tropas de José María Morelos. Contudo, mesmo se convertendo no principal redator do jornal insurgente *Correo Americano del Sur*, Bustamante manteve seu discurso dentro das mesmas restrições políticas e religiosas que estabelecia a Constituição de Cádiz. Entre o primeiro e o último número daquele periódico não houve um só artigo que questionasse a soberania de Fernando VII, seus direitos dinásticos sobre a América, nem aniquilar a monarquia católica que ele encarnava.

A causa da insurgência, segundo Bustamante, não era outra que a de defender e preservar a pátria nova-hispana, para Fernando VII, do governo “pecaminoso e ímpio” de

<sup>127</sup>

ROJAS, *La escritura de independencia*, México, CIDE-Taurus, 2003. p. 61.

Francisco Javier Venegas, cúmplice dos Bonapartes, que tentavam subjugar a nação espanhola. A guerra, segundo aqueles insurgentes, não somente era pelo trono da Espanha contra “os revolucionários franceses”, aliados dos “contrainsurgentes vice-reinais”, e sim também pela nova ordem constitucional a partir das reformas borbônicas.

A certeza do limite na escritura política novo-hispana exemplificada em Carlos María Bustamante e Joaquín Fernández de Lizardi, nos mostra que as revoluções modernas não são simplesmente “filhas das Luzes”, mas sim movimentos paradoxais em que se envolvem algumas relações entre Antigo Regime e modernidade.

Bustamante e Fernández de Lizardi remetem a uma comunidade de leitores que não corresponde plenamente a cidadania de uma república moderna e que, mais bem, deveria se associar com o “reino de súditos” das monarquias constitucionais europeias da primeira metade do século XIX. Dita concepção de uma liberdade permeada pela monarquia fernandina e a religião católica, o mesmo na imprensa gaditana que na insurgente, está relacionada com o predomínio, entre 1808 e 1821, de um imaginário crioulo, liberal e autonomista, dentro do movimento de independência, que se resistirá à assimilação dos discursos e práticas do republicanismo americano<sup>128</sup>.

Para José Luis Romero, este tipo de ilustração associava-se a um imaginário das comunidades rurais. Para ele, enquanto as independências das colônias inglesas da América do Norte e a Revolução Francesa ocorreram em espaços urbanos, nas áreas rurais, por outro lado, essas ideias não chegaram a penetrar.

No había allí clases medias sino dos grupos sociales extremos, sin posibilidad alguna de conciliación; ni había posibilidades humanas o técnicas de comunicación. Por el contrario, largos siglos de dependencia habían logrado constituir un sistema pasivo de consentimiento por parte de los grupos sometidos, que veían en la protección del señor la única

---

<sup>128</sup>ROJAS, *La escritura de independencia*, México, CIDE-Taurus, 2003.p. 62-63.

posibilidad de sobrevivir o de mejorar. Tradicionalismo, actitud mágica más que religiosa, obediencia espontánea y, sobre todo una actitud inerte frente al contorno y frente al futuro caracterizaba el comportamiento de los grupos rurales.<sup>129</sup>

Contudo, a confecção desses jornais, feita na maior parte do tempo por membros do clérigo, revela a existência de um diálogo entre os grupos urbanos, dentre os quais destacamos *Los Guadalupe*, Carlos María Bustamante e Fernández Lizardi, que permearam a construção do movimento.

Outro personagem envolvido na formulação dos ideais políticos da independência foi “o doutor José María Cos”. Considerado um homem respeitado em Zacatecas, foi escolhido por seus conterrâneos para dialogar com o movimento insurgente e evitar que ocorresse no norte a mesma destruição noticiada a partir de Guanajuato.

Por empreitada própria dirigiu-se ao Sul, onde encontrou o exército revolucionário em Aguascalientes. Foi recebido com salvas de palmas pelos rebeldes que lhe entregaram a imagem da Virgem de Guadalupe. Depois de recolher notícias sobre o movimento, de volta a Zacatecas, Cos foi abordado pelo exército vice-reinal e recebeu ordens para se apresentar a Calleja e lhe comunicar sobre os empreendimentos dos insurgentes.

Embora tenha informado o vice-rei por escrito sobre as intenções dos rebeldes, foi considerado um traidor pelo governo oficial. O exército insurgente o capturou após a comunicação feita ao vice-rei e o levou a Zitácuaro, onde estava instalada a Junta de Gobierno, cujos membros, encabeçados por Ignacio López y Rayón o receberam com desconfiança. Contudo, percebeu que sua situação ambígua diante os dois exércitos poderia prejudicá-lo e se juntou aos insurgentes.

Quando Zitácuaro foi invadida pelas tropas realistas, Cos seguiu a Junta e foi até

---

<sup>129</sup> Romero, José Luis **Crisis históricas e interpretaciones historiográficas**: textos escogidos de José Luis Romero Argentina: Miño y Dávila, 2010 p. 152.

Sultepec, onde escreveu seus “Plan de Paz” e “Plan de Guerra”, que circularam entre os rebeldes. Segundo Bustamante, Cos se converteu a insurgência pois,

Ya he dicho que la conducta del ayuntamiento y corporaciones de Zacatecas fue desaprobada por el virrey Venegas, que jamás quiso se entrase en contestaciones con los insurgentes, sino que se les hiciese eterna guerra como a bestias feroces. El Dr. Cos fue preso de orden suya, y aunque logró sincerarse no le dio la satisfacción que convenía a su estado; pidióle pasaporte para España, y se lo denegó redondamente; conoció entonces que necesitaba abrazar un partido y prefirió el de la revolución como justo.<sup>130</sup>

Contudo, *El Ilustrador Nacional*, primeiro periódico editado por José María Cos não contava com espaço suficiente para as ideias políticas do autor e foi dedicado a informar os acontecimentos bélicos do movimento de independência. Já *El Ilustrador Americano* teve um caráter mais politizado. Em todos seus exemplares, Cos publicou com grande fervor patriótico, manifestos a favor da insurgência com a participação de Andrés Quintana Roo e Ignacio López y Rayón.

A experiência desses personagens fazia parte de um espaço de circulação de ideias que se formava aos poucos na Nova Espanha na passagem do século XVIII para o XIX. Contudo, tais espaços não eram ocupados por salões burgueses como apontou Habermas para o estudo do caso francês, inglês e alemão. Em uma sociedade privada de notícias de assuntos impressos até 1808, havia sido nas ruas e nas praças o desenvolvimento desses espaços de sociabilidade de caráter político. Tratava-se muito mais de práticas coletivas e públicas mais difundidas que a leitura silenciosa. Os agentes de mediação aqui citados ajudavam a definir esses lugares simbólicos, que aos poucos surgiam. Para Gabriela Pellegrino Soares,

o século XIX assiste a uma redefinição do lugar ocupado pelos mediadores culturais, que passam a se dedicar à conquista e à formação do “público”,

---

<sup>130</sup> JUSTO, Sierra, URBINA, Luis G. UREÑA, Pedro Henríquez, RANGEL, Nicolás **Antología del centenario, estudio documentado de la literatura mexicana durante el primer siglo de Independencia**, México, edición facsimilar, primera parte, V. II, SEP, 1985, p. 167-169.

em abstrato, associado ao conjunto de cidadãos e, crescentemente, ao mercado. A perspectiva universalizante contrasta, em certo sentido, com o trato com grupos sociais específicos, como um círculo cultural aristocrático ou uma comunidade de fiéis.<sup>131</sup>

Para se conectarem com a população insurgente, esses mediadores criaram um discurso que os aproximava dos anseios populares e os relacionava com símbolos que faziam parte do imaginário dessa população.

---

<sup>131</sup> SOARES, Gabriela Pellegrino História das Ideias e mediações culturais: breves apontamentos In: JUNQUEIRA, Mary Anne e FRANCO, Stella Maris Scatena (org.) **Cadernos e seminários de pesquisa** - vol II Projeto Temático/FAPESP - Cultura e Política nas Américas: Circulação de Ideias e Configuração de Identidades São Paulo: USP-FFLCH-Editora Humanitas, 2011, p. 93.





## Capítulo 3

### As ideias insurgentes

#### 3.1 A dinâmica simbólica

Ao longo do capítulo, buscarei identificar os símbolos que permitiram o diálogo entre os insurgentes e a população, presentes nesses jornais. Esses organizavam para o povo um repertório imaginário no qual ele se movia. A evocação de passagens bíblicas, analogias à história do mundo ocidental, e ao passado indígena e a utilização das imagens da Virgem de Guadalupe e de Fernando VII foram alguns dos vários fundamentos utilizados para construir esse discurso. Acredito que esses signos designem não somente valores de condutas, mas também um conjunto de relações sociais que permitiram um campo de articulação entre ideias e ações. Eles se transformaram, no momento de luta, em horizontes ideológicos e pragmáticos. Conforme Baczko,

(...) Os signos designam tanto o objeto como as reações do sujeito sobre esse objeto, a função do símbolo não é somente a de introduzir valores e modelar condutas individuais e coletivas, todo símbolo está inscrito em uma constelação de relações com outros símbolos, as formas simbólicas vão desde o religioso ao mágico, do econômico ao político, formam um campo onde se articulam as imagens, as ideias e as ações<sup>132</sup>

---

<sup>132</sup>

BACSKO, Bronislaw **Los imaginarios sociales: memorias y esperanzas colectivas**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2001 p. 17.

Não basta apenas a análise de um imaginário simbólico, mas suas transformações em prática que movem grupos sociais. Eles orientam e formam valores e normas ao mesmo tempo em que mobilizam vontades e afetos dinâmicos. Dessa forma, são interpretados como armas políticas que representam os conflitos e os meios de dominação simbólica capazes de definir as identidades coletivas.

Portanto, a partir da análise das motivações “simbólicas” e suas mutações durante o movimento de independência mexicano é que poderemos compreender, significativamente, o processo de mediação cultural entre as lideranças, os *guadalupanos* e a população mestiça que compunha o exército insurgente.

### 3.3 O rei oculto *versus* a Pátria Americana

Durante a liderança de Hidalgo, no movimento de insurgência a única personalidade espanhola respeitada era a do rei Fernando VII, que havia sido aprisionado pelos franceses em 1808. O monarca era representado como uma figura protetora do movimento. Segundo o historiador Enrique Florescano, a mentalidade mítica dos indígenas sacralizou a imagem do monarca, pois, no lugar de pedir sua cabeça, o aclamou e o converteu em um poder protetor da ação insurgente. Era uma fonte de justiça que operava de acordo com sua sacralidade<sup>133</sup>. Já Eric Van Young afirmou que o rei era uma figura messiânica, conforme a tradição católica, mas também um herói dentro de um imaginário mítico. Para o autor, a aparente ambiguidade da representação de Fernando VII, na realidade da guerra, se apresentou como a conjunção de símbolos que uniam dois mundos, o do conquistador e o do conquistado, num cenário de luta pela soberania de um só povo, o mexicano.

Estudar a sacralização de Fernando VII no movimento de Hidalgo e, posteriormente,

---

<sup>133</sup> Conforme Marc Bloch em *Os reis taumaturgos*, uma das origens da sacralidade do monarca na Idade Média era o poder de seu toque capaz de curar doenças de seus súditos. O costume teria divinizado a realeza e propiciado sua legitimidade durante todo o Antigo Regime. BLOCH, Marc **Os reis taumaturgos** São Paulo: Companhia das Letras, 1983, p. 71.

sua ausência durante a liderança de Morelos, nos permite observar a mudança provocada na conjuntura política ao longo da insurgência.

As ciências humanas colocam em evidência que todo poder político é rodeado por representações coletivas e que, para ele, o âmbito do imaginário e do simbólico é um lugar estratégico e de importância capital. Entre os séculos XII e XIII, a partir do momento em que se consolidaram os poderes monárquicos na Europa, foram elaborados centros de representações ao redor da realeza. Conforme Ernest Kantorowicz, em *Os Dois Corpos do Rei*<sup>134</sup>, o rei começou a ser representado nessa conjuntura como um ser reunido em dois corpos diferentes: um corpo natural e visível, que nasce, sofre e morre, e outro corpo político e invisível, perfeito e incapaz de fazer mal, que não morre jamais e persiste além dos corpos individuais. Para ele, “o Corpo político da realeza manifesta-se como uma imagem dos 'espíritos e anjos sagrados' porque representa, como os anjos, o Imutável no Tempo. Foi alçado a alturas angelicais, um fato para o qual se deve atentar.”<sup>135</sup>

Assim, a figura do rei estava rodeada de um respeito religioso e era considerada um vínculo que unia as diversas comunidades políticas da monarquia. Para os rebeldes mexicanos do início do século XIX, romper essa união com o rei significava contrariar todo o processo histórico que deu legitimidade às instituições políticas desde a Idade Média.

Peter Burke analisou a construção da figura de Luís XIV, da França, por meio da fabricação feita pela Corte, e por artistas a ela vinculados, de imagens simbólicas que supervalorizaram a sacralização do monarca. O autor considerou que o estudo do rei enquanto figura mítica pode auxiliar, metodologicamente, o historiador que se debruça nesse tema.

Poderia ser útil, por exemplo, pensar este livro como um estudo do mito de Luís XIV. À primeira vista a expressão parece apropriada, porque Luís XIV era constantemente comparado com os deuses e heróis da

---

<sup>134</sup> KANTAROWICZ, Ernest **Os dois corpos do Rei**: um estudo sobre teologia medieval Rio de. Janeiro: Cia das Letras, 2000.

<sup>135</sup> Idem, p. 22.

mitologia clássica, como Apolo e Hércules. Entretanto, o termo 'mito' poderia ser empregado de uma maneira mais ambiciosa, e também mais convertida. Poderíamos definir mito como uma história com significado simbólico (como um triunfo do bem sobre o mal), em que os personagens, quer sejam heróis ou vilões, ganham dimensões maiores que na vida. Cada história se situa no ponto de interseção entre o arquétipo e uma conjuntura, em outras palavras, entre imagens herdadas e acontecimentos específicos e individuais.<sup>136</sup>

A construção de um mito na realeza pressupõe, também, o papel empregado pela mesma na questão da soberania política. Enquanto o monarca do Antigo Regime deposita em si mesmo a imagem do sagrado e do político, o rompimento do sistema significaria uma mudança nas concepções sociais dentro de um imaginário coletivo. Contudo, analisar Fernando VII como um mito durante a insurgência, nos leva a teorizar sobre qual é o significado das figuras míticas dentro de uma sociedade.

(...) É preciso reconhecer a enorme dificuldade em defini-lo com precisão: surgidos antes da História, como signos codificados das percepções dos povos, os mitos conservam o mistério de sua origem; determinar suas fronteiras é, pois, uma tarefa provavelmente tão árdua quanto a de definir os limites do subconsciente.

Devemos, portanto, contentar-nos em saber que se trata de sentimentos, aspirações, temores, desejos e sonhos de um povo; que os mitos são, em suma, produtos da imaginação coletiva, próprios a uma civilização e a uma época determinada, que podem tomar a forma de imagens, lendas, tradições e gestas épicas, e que frequentemente eles se inscrevem em livros sagrados.<sup>137</sup>

Portanto, se optarmos pela análise de Fernando VII enquanto um mito, no momento

---

<sup>136</sup> BURKE, Peter **A Fabricação do Rei**: a construção da imagem pública de Luís XIV Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 18.

<sup>137</sup> MAGASICH-AIROLA, Jorge e BEER, Jean-Marc **América Mágica**: quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o paraíso. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 17-18.

inicial da insurgência, não teremos bases metodológicas suficientes para compreender a imaginação coletiva dos rebeldes em um momento de ruptura política com o Antigo Regime e com a própria noção de soberania. O estudo dos mitos parece viável para a análise de conjunturas estáveis e, não em momentos de turbulências.

Conforme Xavier-Guerra,

O desejo de reforma social e política é, efetivamente, universal em 1808. Fernando VII é mais que uma pessoa concreta, é símbolo da regeneração, a expectativa de uma nova sociedade na qual reinará a justiça e que se encarnará nas constituições. (...) A doutrina absolutista da origem divina do poder do rei cai sem debate na medida em que não oferece base teórica nenhuma para resistência.<sup>138</sup>

Neste sentido, utilizar o nome de Fernando VII como guardião da insurgência em 1810 é uma maneira de garantir a manutenção provisória da estrutura social a qual os rebeldes estavam acostumados, e incitar a população a se juntar ao movimento. Os qualificativos empregados a Napoleão nos documentos históricos representam uma imagem invertida desses valores do Antigo Regime. Napoleão foi infiel à palavra dada e à amizade que os reis e a pátria lhe haviam dado, constituindo a ruptura com a sacralização do monarca presente no imaginário coletivo dos europeus desde a Idade Média. Em um pronunciamento feito ao Exército realista para tentar convertê-los à causa insurgente em 1812, Morelos fez uma interessante caracterização do imperador francês.

¿Pretendéis sea presa del francés nuestra querida patria que se extinga de este precioso reino la sagrada religión, que se conviertan los sagrados templos en casas de prostitución, que sobreviniendo todo aquel cúmulo de males que no podéis dejar de conocer, ni yo me atrevo a prorrumpir sin lágrimas, seas instrumento inmediato de vuestra aniquilación temporal y espiritual? ¿Peleáis por despojar al Señor omnipotente de esta

---

<sup>138</sup> XAVIER-GUERRA, François **Modernidad e independencia**, México, Fondo de Cultura Económica, 2000, p. 122.

preciosa heredad y entregarla a Satanás? No comprendo ni alcanzo cómo tenéis valor para coadyuvar a la más bárbara empresa que han visto los siglos.<sup>139</sup>

Este fato se torna evidente num curioso episódio registrado por um anônimo em 2 de fevereiro de 1811 no qual Morelos interroga um prisioneiro e expõe os motivos de sua luta:

Éste [Morelos], un día llamó al soldado declarante y le dijo:

- Amigo de Xamiltepeque, venga vuestra merced acá.

Le preguntó que si mucho había robado en el puerto, le respondió:

- Yo, señor, no sé robar, porque no es lícito robar, según nuestra ley.

- ¿Cuál es tu ley?

- La cristiana.

- Eso no sabes tú y están engañados de los gachupines, que ni saben lo que les iba a suceder; ahí tengo el fierro con que los iba [a] señalar para entregarlos a Pepe Botella, quien los había comprado, a los hombres a cuatro reales y las mujeres a uno y medio reales y los muchachos a dos reales. Esto es cierto y tengo cómo hacérselo bueno a los gachupines; ahí tengo los papeles en que habían hecho la venta y yo los voy a defender. El rey Fernando es cierto que estuvo preso en Francia, pero los ingleses lo quitaron y lo trajeron a este reino, que luego que quitemos a los gachupines ya está ganado, y entonces sale nuestro rey a gobernar y Nuestra Señora de Guadalupe, que es tan milagrosa, está en nuestra ayuda.<sup>140</sup>

Contudo, ao analisar os jornais insurgentes, Fernando VII não aparece apenas como um messias que livrará a Nova Espanha das malevolências trazidas pelo imperador francês, mas como o guardião da soberania de dois povos: o espanhol e o mexicano. No jornal *Ilustrador Americano* número cinco do dia 10 de junho de 1812, o editor elencou alguns princípios em que o movimento se funda:

<sup>139</sup> Segunda Reconvención de Morelos a los americanos que militan en las filas realistas 1812, março, Cuautla In: HERREJÓN, Carlos **Morelos**, Antología documental México: Consejo Nacional de Fomento Educativo, 1985, p. 78.

<sup>140</sup> VILLICANA, Ernesto Lemoine **Morelos**: su vida revolucionaria a través de sus escritos y de otros testimonios de la época México: UNAM, 1965 p. 169.

Principios naturales y legales en que se funda,

1. La soberanía reside en la masa de la nación;
2. España y América son partes integrantes de la monarquía; sujetas al rey, pero iguales entre sí y sin dependencia o subordinación de más respecto de la otra. (...)

Plan de Guerra - Principios indubitables en que se funda

1. La guerra entre hermanos y conciudadanos no debe ser más cruel que entre naciones extranjeras;
2. Los dos partidos veligerantes reconocen á Fernando séptimo los americanos han dado pruebas evidentes, jurándolo y proclamándolo su augusto nombre en sus títulos y providencias, y estampándolo en sus monedas y dineros numerario, en este supuesto estriña el entusiasmo de todos, y sobre este pie he caminado siempre el partido de la insurrección (...).<sup>141</sup>

Como é possível observar no fragmento acima, já ocorria, em 1812, a divisão entre Espanha e América sem dependência ou subordinação entre ambas. Contudo, a monarquia seguia sendo a mesma.

Ainda no mesmo jornal, nas edições dois, três e quatro dos dias de 30 de maio, 2 e 6 de junho de 1812, respectivamente, o editor utiliza referências ao iluminismo equiparando o uso da religião e da razão como motivos fundamentais para que os americanos se juntassem na luta.

La nación americana á los europeos habitantes de este continente

Hermanos, amigos y conciudadanos la santa religión que profesamos, la recta razón, la humanidad, el parentesco, la amistad, y quantos vínculos respetables nos unen estrechamente de todos los modos que pueden unirse los habitantes de un mismo pueblo, que veneran a un mismo soberano, y viven baxo la protección de unas propias leyes, exigen imperiosamente que prestéis atento oído á nuestras justas quejas y

<sup>141</sup>

*Ilustrador Americano* número cinco do dia 10 de junho de 1812.



pretensiones.<sup>142</sup>

Sin querer daros por entendidos de quales sean estas nos habéis llamado hereges, excomulgados, insurgentes, rebeldes, traidores al rey y á la patria: habéis agotado los epitetos mas denigrativos, y las mas atroces calumnias para figamar á la faz del orbe á la nación mas fiel á Dios e a su rey que se conoce sobre la superficie de la tierra.<sup>143</sup>

Habéis tenido la temeridad de arrogaros la suprema potestadam y baxo el augusto nombre del rey, mandar orgullosa y despóticamente sobre un pueblo libre que no conoce otro soberano que á Fernando séptimo, cuya persona pretende representar cada uno de vosotros con atropellamientos que jamás ha executado el mismo rey, ni los permitiría aún quando este asunto se pupusiera a la soberanía; el que conociendo vosotros por un testimonio secreto de vuestra conciencia concierne directa y únicamente a los particulares individuos, tratáis con mas severidad que si fuera relativo al mismo rey: habéis pretendido reasumir en vuestras privadas personas los sagrados derechos de religión, rey y patria.<sup>144</sup>

O *Ilustrador Americano* foi o jornal insurgente analisado com maior número de referências a Fernando VII. Editado por Jose Maria Cos, foi o sucessor do *Ilustrador Nacional*, impresso a mão. No número 2 do dia 18 de abril de 1812, o editor afirmou que,

El que con dolor nuestro estamos mirando en la presente lid, que continuaremos hasta derramar la ultima gota de sangre por el bien de la patria, por conservar estos dominios á Fernando VII, y porque no sea vulnerada la Religión santa que profesamos.<sup>145</sup>

A luta política do Exército insurgente apareceu, no ano de 1812, associada à religião e à soberania do monarca. Embora já houvesse uma concepção clara de separação com a

<sup>142</sup> *Ilustrador Americano* número dois do dia 2 de junho de 1812.

<sup>143</sup> *Ilustrador Americano* número três do dia 10 de junho de 1812.

<sup>144</sup> *Ilustrador Americano* número quatro do dia 6 de junho de 1812.

<sup>145</sup> *Ilustrador Nacional* número 2 do dia 18 de abril de 1812.

Espanha, o imaginário social do rei se sobressaía nessas relações. Até mesmo quando associado à Pátria Americana, como podemos observar na edição de número vinte do *Ilustrador Americano* do dia 1 de agosto de 1812, em que há a descrição de uma festa pela conquista da cidade de Tlalpujahuá.

En la noche se iluminaron todas las calles y las dos plazas del real, que con anticipación se habían limpiado de las inmundicias que las deformaba. Fue muy vistosa la simetría con que se pusieron las luces en el balcón de S. E. en cuyo medio se acomodó un decente dosel donde fue colocado el augusto retrato de nuestro Soberano el Sr. Don Fernando VII con una hermosa matrona al lado, símbolo de la América, en ademán de sostenerlo. En las extremidades se leían las siguientes octavas:

Tlalpujahuá feliz, Real venturoso,  
 alza la frente y la expresión admira  
 de ese augusto retrato magestoso  
 que gloria á un tempo y pesadumbre inspira;  
 es tu monarca amado, que lloroso  
 en dura esclavitud por tí suspira,  
 y desde allá con ahínco soberano  
 protege la honradez del pueblo indiano.<sup>146</sup>

Contudo, essa associação não apareceu no primeiro jornal da insurgência, publicado um ano antes. Em *El Despertador Americano*, o Pe. Francisco Severo Maldonado sempre fez alusão à Pátria quando se referindo às causas da guerra, mas sem nenhuma menção ao monarca. No número 4 do dia 2 de janeiro de 1811, o editor afirmou que lutavam apenas em defesa do território acusando a dominação espanhola das mais terríveis crueldades.

¿Peláis por vuestra Patria? Pero !Ay! que vuestra Patria, la América, la Madre legítima que os concibió en su seno, y os alimenta con su substancia, no tiene hasta ahora mas, que motivos de queixa contra vosotros, á quienes mira como hijos desnaturalizados y rebeldes que han tornado las

---

<sup>146</sup>

*Ilustrador Americano* número vinte do dia 1 de agosto de 1812.

armas contra ella. ¿No estáis asociados con los tiranos que por espacio de trescientos años han saqueado, devastado y aniquilado á la América, con los déspotas que han tenido á vuestra Nación siempre exhausta, siempre exangue, en la mas deplorable escasez, en la mas absoluta miseria? ¿Que otra cosa es la historia de la dominación española entre nosotros, sino la historia de las mais inauditas crueldades? ¿que otra cosa nos manifiesta esta historia, que una lucha tenaz y constante entre Dios, que se ha esmerado en enriquecer nuestro suelo, derramando en el con profusión las fuentes todas de la prosperidad?<sup>147</sup>

Logo na abertura do *Despertador Americano* no dia 20 de dezembro de 1810, o editor se dirigiu a seus leitores como sendo estes os “Habitantes de toda a América”. Os franceses foram acusados de usurpadores da religião que constituiria a verdadeira Pátria na América. O discurso do jornal associou frequentemente Estado e Religião e pediu a Hidalgo que garantisse a continuidade da luta armada uma vez que a associação dessas duas instituições parecia essencial para o fundamento social do México.

Por se tratar do primeiro da série dos jornais insurgentes da independência mexicana, o *Despertador Americano* teve um discurso que relacionou a luta pela Pátria Americana estritamente a valores religiosos, a fim de conseguir um maior apelo popular. Podemos concluir, que em outro estágio da luta a partir de 1812, os demais jornais tiveram que utilizar também para a imagem de Fernando VII, já difundida no movimento popular neste novo contexto.

Quando o *Ilustrador Americano* passou a se dedicar à publicação dos avanços militares, o *Semanário Patriótico Americano*, editado por Andrés Quintana Roo, tomou seu lugar nas discussões políticas da época.

No número quatro publicado no dia 9 de agosto de 1812, o editor recordou o percurso percorrido pelos jornais e seu papel na fundação de uma opinião pública.

---

<sup>147</sup> *El Despertador Americano* número 4 do dia 2 de janeiro de 1811

Casi veinte y tres meses han corrido desde que el cura Hidalgo proclamó la separación de esta América del gobierno español, aunque reconociendo al mismo soberano, su voz en el pueblo de Dolores fue un golpe eléctrico que momentáneamente se comunicó por toda la masa de la nación: está preparada de antemano à sacudir el yugo por las bexaciones que ha sufrido en todos tiempos del despotismo virreinal, y demás justicias subalternas, sintió un general sacudimiento en todos sus miembros: cada uno volviendo sobre si comenzó á reflexionar en su actual situación, á fixar sus ideas sobre el interés común, á oír los reclamos de su propio corazón á desconfiar del influxo de la Peninsula; y conociendo todos una esperanza lisonjera de mejorar la suerte del reyno, formaran muy en breve la opinion pública por el sistema de la insurrección, la que cundió con tanta rapidez por los pueblos, que no dio lugar à sus corifeos de tomar anticipadamente aquellas medidas necesarias para resistir la oposición con el mismo feliz excito con que había logrado conmover á la nación.<sup>148</sup>

Essa preocupação com a formação da opinião pública do movimento teria ditado, assim, os usos e desusos da imagem de Fernando VII no discurso político destinado à população que participava ou não da insurgência. Como vimos, a utilização da figura do Rei, num momento como esse, era natural para um território que ainda estava atrelado ao Antigo Regime.

Contudo, em uma carta de Morelos destinada a seus soldados em 1812, o general afirmou que o movimento não deveria mais lutar pelo rei espanhol, mas sim pela pátria americana.

Ya no hay España, porque el francés está apoderado de Ella. Ya no hay Fernando VII, porque o él se quiso ir a su casa de Bourbón a Francia y entonces no estamos obligados a reconocerlo por Rey, o lo llevaron a fuerza, y entonces ya no existe. Y aunque estuviera, a un reino conquistado le es lícito reconquistarse y a un reino obediente le es lícito no obedecer a su Rey, quando es gravoso en sus leyes, que se hacen insoportables, como las

---

<sup>148</sup>

*Semanário Patriótico Americano* número quatro do dia 9 de agosto de 1812.

que de día en día nos iban recargando en este reino los malditos gachupines  
adbistristas.<sup>149</sup>

Essa ambiguidade entre a relação de soberania política e a evocação a Fernando VII foi resolvida a partir de 1813, com o Congresso de Apatzingán, quando o nome do monarca deixou, totalmente, de ser citado. Como é possível observar nos jornais a partir desse ano, as discussões passaram a ser sobre o estabelecimento de um novo governo no México, onde a soberania passasse a residir no povo.

*El Correo Americano del Sur*, editado na cidade de Oaxaca por Carlos Maria Bustamante, fez constantes alusões à existência de um novo espírito americano e associa esse espírito à possibilidade de formar uma Confederação na Nova Espanha. No número quatro do dia 18 de março de 1813, o jornal incita a população a comemorar mais seu patriotismo.

Unas nuevas que pronostican tan cercano el triunfo de nuestra santa independencia, era natural que transportasen de júbilo á este pueblo generoso enterado ya de sus verdaderos intereses, y penetrado altamente de los sentimientos bien dirigidos de religión, fidelidad y patriotismo<sup>150</sup>.

Sobre a Junta de Zitácuaro, formada nesse ano, *El Correo Americano del Sur* relatou que todas os vivas foram dirigidos à Guadalupe e ao novo governo. O desaparecimento completo de seu nome dos documentos é o sinal de que o movimento mudou sua concepção de soberania e a transferiu para o povo. Hidalgo e Morelos são reinterpretados nesse momento como os grandes mártires da Pátria.

Parte desse processo está relacionado com o debate que fez parte da construção de um novo governo que pudesse garantir a defesa da religião e a felicidade pública da Pátria Americana. Nesse contexto, Fernando VII foi perdendo seu papel de soberano, enquanto os

---

<sup>149</sup> Primera reconvencción de Morelos a los criollos que militan en las filas realistas 1812, fevereiro, Cuatla In: HERREJÓN, Carlos **Morelos**, Antología documental México: Consejo Nacional de Fomento Educativo, 1985 p. 77.

<sup>150</sup> *El Correo Americano del Sur* número quatro do dia 18 de março de 1813.

líderes políticos e religiosos ganhavam força e apoio popular. A partir de então, as referências às Luzes e à Virgem de Guadalupe aumentaram nos periódicos insurgentes.

### 3.3 A proteção da Virgem e as Luzes da Razão

Ao lado de Fernando VII, a Virgem de Guadalupe também proporcionou uma coesão identitária ao movimento. Para fazer o intercâmbio cultural entre os *guadalupanos* e o exército indígena, Hidalgo outorgou a ela o título de Capitã Geral e passou a usar um grande medalhão com sua imagem no pescoço. Em março de 1813, já sob a liderança de Morelos, uma proclamação estabeleceu que todos os homens de seu Exército seriam obrigados a ter nos *sombreros* as cores da Virgem. Neste mesmo ano, em *Sentimientos de la Nación*, um documento que exprimia seu projeto político, propôs uma lei que estabelecesse o dia 12 de dezembro como dedicado à Virgem. Tal dia é guardado como feriado até a atualidade.

Na análise da utilização da imagem da Virgem de Guadalupe é fundamental entendermos a sua apropriação histórica durante o período colonial. O frequente uso de suas representações ao longo do movimento de independência permitiu a criação de uma identidade nacional que evocou também um passado pré-hispânico que fez uma releitura da Conquista espanhola da América com a finalidade de desenvolver um uma proposta de nacionalismo.

O historiador Eduardo Natalino dos Santos fez um ótimo estudo sobre o diálogo entre os padres e os indígenas mexicanos ao longo dos séculos XVI e XVII em seu trabalho *Deuses do México Indígena*.<sup>151</sup> A fim de compreender como ocorria a mediação cultural na tentativa de imposição da cultura do colonizado, o historiador observou as técnicas empregadas pelo clérigo para conquistar essa população considerada “pagã”. Dentre os métodos de

---

<sup>151</sup>

SANTOS, Eduardo N. **Deuses do México Indígena** São Paulo: Palas Athena, 2002.

catequização, merece destaque o de Bernardino de Sahagún<sup>152</sup> que utilizou a língua do povo conquistado como instrumento da conquista. Aprender a estrutura da comunicação indígena permitia um controle maior dos símbolos e a manipulação dos elementos escolhidos para o choque cultural. Contudo, nem sempre com o efeito desejado pelos clérigos.

Durante esse período, conforme Natalino dos Santos, ocorreu uma imposição religiosa cristã que era baseada no controle político da região por meio de alianças militares com os povos locais. O argumento mais utilizado era o da vitória do deus cristão sobre os deuses pagãos que não ajudaram seus povos a combater o colonizador. Essa versão corrente na explicação europeia da dominação não atingiu totalmente as expectativas.

[Diego] Durán afirma em várias partes de seu relato que seu objetivo era que os sacerdotes cristãos arrancassem as mazelas pela raiz, pois, apesar da aparente conversão, os antigos rituais persistiam nas celebrações católicas, principalmente na celebração do dia de finados, uma das maiores celebrações religiosas do México atual<sup>153</sup>.

É interessante notar que os indígenas conquistados aprendiam ao mesmo tempo qual era sua cultura por meio da visão ocidental do europeu e que, essa era falha, errada, pagã e herética. Coube, então, a esses povos, o papel de constituir, ou de reconstituir, novas relações com os seres e as coisas para preencher as falhas da Colonização Espanhola. Ao traduzir os seus próprios costumes a partir da imposição feita pelos religiosos católicos, a intenção dos nativos era criar uma religiosidade capaz de atender suas demandas espirituais.

No caso da Virgem de Guadalupe, seu culto se assemelhava à idolatria de Quetzacoatl por meio de uma série de rituais sagrados. Segundo Serge Gruzinski em *A Colonização do Imaginário*,

---

<sup>152</sup> Segundo Natalino, “Bernardino de Ribeira nasceu em 1499 na Província de Santiago, entrou para o convento de sua vila natal, Sahagún, e com treze ou catorze anos foi para Salamanca, um dos mais importantes centros culturais da Espanha. (...) Em Salamanca, recebeu o hábito da ordem dos franciscanos e passou a utilizar o nome da localidade em que nasceu.” Posteriormente, partiu para a Nova Espanha em uma missão de franciscanos. Idem p. 109.

<sup>153</sup> SANTOS, Eduardo N. **Deuses do México Indígena** São Paulo: Palas Athena, 2002. p.188.

A devoção à Virgem de Guadalupe expandiu-se gradativamente em torno de uma imagem, contra a vontade de parte da Igreja mexicana, indo ao encontro da piedade espanhola e da perpetuação do culto autóctone. Foi somente mais tarde, nas últimas décadas do século XVI e primeiras do XVII, que a tradição da aparição juntou-se às curas milagrosas realizadas pela imagem e se espalhou por todas as camadas sociais.<sup>154</sup>

Conforme a tradição, em 1531, o índio recém-convertido Juan Diego, ao escutar um chamado no alto de uma montanha, encontrou a aparição de uma bela senhora de voz doce que se assemelhava às imagens que ele havia visto de Maria, mãe de Jesus. Questionado por ela sobre seu destino, o índio respondeu que ia em direção aos padres católicos que o ensinavam. Ela declarou ser a Virgem Maria e pediu a ele que fundasse, naquele local, uma casa e um templo em sua homenagem, pois havia escolhido aquela terra para proteger.

Juan Diego tentou relatar o ocorrido ao bispo Juan Zumárraga duas vezes, mas como ele não acreditou, pediu que ele trouxesse uma prova. Contudo, o índio deixou de procurar a Virgem, porque seu tio estava doente. Após cuidar do doente por três dias, Juan Diego subiu novamente na montanha em busca de um remédio. Naquele instante encontrou a suposta aparição da Virgem, que lhe disse que não havia o que temer, pois ela cuidaria de todas as pessoas daquele lugar. Depois disso, fez o índio recolher todas as flores que encontrou para entregar ao bispo e creditar sua história. Como era inverno, havia poucas flores no morro, mas a Virgem fez brotar ali uma grande variedade de espécies para provar sua existência.

O símbolo da Virgem de Guadalupe acompanhou todo o movimento em prol da independência do México<sup>155</sup>. Pela afirmação de que teria escolhido o México para proteger, a

<sup>154</sup> GRUZINSKI, Serge **A Colonização do Imaginário**: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol séculos XVI-XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 283.

<sup>155</sup> Sobre a simbologia histórica dos estandartes, a historiadora Marta Terán afirma que “A composição iconográfica atende aos sentimentos religiosos de lealdade e patriotismo compartilhados por toda a população. As vivas eram dadas à Virgem de Guadalupe (por sua imagem), ao cativo de Napoleão, o rei Fernando (por suas armas) e ao México (por seu antigo escudo fundacional).” TERÁN, Marta **Banderas de la independencia con imágenes marianas: las de San Miguel El Grande, Guanajuato, de 1810** In: FRASQUET, Ivana (coord) **Bastillas, cetros y blasones: La independencia en iberoamerica**, 2006, p. 240.



figura da Virgem de Guadalupe foi responsável pela primeira constituição de uma instituição autônoma do clero na Nova Espanha. Representou o início da cristandade mexicana, pois teria aparecido para um índio e nativo. Neste instante, *criollos* e indígenas passaram a respeitar o culto da guadalupana constituindo um verdadeiro mito de veneração como é possível observar nestes versos populares do século XVIII:

El mundo se admire  
 el cielo, las aves, los ángeles y hombres  
 suspendan los ecos,  
 repriman las voces:  
 que en la Nueva España  
 de outro Juan se oye  
 nuevo Apocalipsis  
 aunque son distintas las revelaciones [...].<sup>156</sup>

No século XIX, a imagem da Virgem atraiu os indígenas, milhares de trabalhadores do campo e das minas, padres, militares, advogados e indivíduos pertencentes aos setores médios e populares das cidades para as filas da insurgência. Todos se identificavam com a insurgência por serem católicos e *guadalupanos*. Contudo, alguns desses homens eram letrados, e, assim como Hidalgo, haviam se formado nas ideias da Ilustração, portanto trazendo elementos novos ao movimento.

A utilização da imagem da Virgem de Guadalupe na insurgência mexicana chamou atenção até mesmo de Simón Bolívar, que notou uma aparente ambiguidade na relação entre religião e política que se fez presente na Nova Espanha em 1810.

Felizmente los directores de la Independencia de México se han aprovechado del fanatismo con el mejor acierto, proclamando a la famosa Virgen de Guadalupe por reina de los patriotas, invocándola en todos los casos arduos y llevándola en sus banderas. Con esto el entusiasmo político ha formado una mezcla con la religión, que ha producido un fervor

---

<sup>156</sup>

MAZA, Francisco de la **El guadalupanismo mexicano** México, 1953, p. 76.

vehemente por la sagrada causa de la libertad.<sup>157</sup>

Numa proclamação de Morelos aos indígenas que ainda não haviam se convertido ao movimento em março de 1812, é evidente que um dos motivos da luta armada é a defesa da Virgem e a possível extensão de seu culto.

Sabed que la soberanía, cuando faltan los reyes, solo reside en la nación; sabed también que toda la nación es libre y está autorizada para formar la clase de gobierno que Le convenga y no ser esclava de otra; sabed igualmente (que bastante noticias tendréis de ello), que estamos tan lejos de la herejía, que nuestra lid se reduce a defender y proteger en todos sus derechos nuestra santa religión, que es el blando de nuestras miras, y extender el culto de nuestra señora la Virgen María, como protectora y defensora visible de nuestra expedición.<sup>158</sup>

O clero apareceu neste discurso como uma autoridade tradicional e a religião como um dos valores pelo qual se combate. No estudo de David Brading sobre as origens do patriotismo mexicano, o autor atribuiu a evocação feita a esses elementos durante os movimentos sociais uma tentativa de amenizar a disparidade entre os grupos sócio-econômicos.

O vínculo que unia esta variada mescla de raças e classes era mais o catolicismo que uma consciência de nacionalidade. Os espanhóis, tanto europeus como americanos, desfrutavam de um virtual monopólio de todas as posições de prestígio, poder e riqueza. O líder natural desta sociedade colonial era o clero *criollo*. A evocação de temas históricos e religiosos como parte da retórica patriótica servia para reduzir a distância que separava a elite das massas e os unia sob uma bandeira contra a Espanha sem despertar nenhum conflito étnico ou social. Em última instância, o patriotismo *criollo* expressava os sentimentos e interesses de uma classe

<sup>157</sup> Simón Bolívar, Obras completas, 3 vol. Caracas, 1964, I, p. 174 Cit. BRADING, David **Los orígenes del nacionalismo mexicano** México : Ediciones Era primeira, 1991, p. 75.

<sup>158</sup> Segunda reconversión de Morelos a los americanos que militan en las filas realistas, 1812, março, Cuautla HERREJÓN, Carlos **Morelos: antología documental** México, Consejo Nacional de Fondo Educativo, 1985, p. 79.

alta, a quem se negava um direito de nascimento: o governo do país.<sup>159</sup>

Brading acredita que a evocação à Guadalupana constituía um chamado à história. Mais do que utilizar um discurso liberal, recorrente nos demais movimentos de independência da hispano-américa, o clérigo da Nova Espanha recorreu ao único elemento que fosse capaz de reunir em seu discurso os *criollos* e os nativos. Tratava-se, para o historiador, da produção de uma retórica nacionalista.

Conforme os documentos, a presença da imagem da Virgem de Guadalupe esteve ao lado de Hidalgo e de Morelos ao longo de toda a luta. Um relato de um espião realista descreveu a tomada de uma cidade pelo exército insurgente no dia primeiro de janeiro de 1812. Este evidenciou que a construção dessa retórica por meio da utilização das referências à guadalupana tornou-se um elemento distintivo entre os insurgentes e as tropas do vice-rei.

Dicen que el cura no ha dicho misa en Cuautla, que trae capellán y que él entra con su banda de General, sombrero al tres en cuello y sable, y que al tiempo del Evangelio se cubre y desenvaina la espada.

Trae un dieguino sacerdote artillero, y dicen que muy distro. Las repúblicas de todos estos pueblos se han declarado en su favor y traen la imagen de Guadalupe en los sombreros.<sup>160</sup>

Contudo, os mesmos homens que recorreram à imagem da Virgem para construir um discurso que os aproximasse de todos os grupos sociais da Nova Espanha, haviam se formado num ambiente cultural que também continuiam elementos da Ilustração.

No final do século XVIII e início do XIX, surgiu na Nova Espanha um movimento plural composto principalmente por padres e bispos que era inspirado no iluminismo europeu. As lutas contra as injustiças sociais e a denúncia da exploração indígena na colônia fizeram

<sup>159</sup> BRADING, David **Los orígenes del nacionalismo mexicano** México: Ediciones Era [1973], 1991 p. 15-16.

<sup>160</sup> Informe de un espía realista que describe la entrada de Morelos y su tropa en Cuautla, 1812, 1º de enero VILLICANA, Ernesto Lemoine **Morelos: su vida revolucionaria a través de sus escritos y de otros testimonios de la época México: UNAM, 1965 p. 187.**

parte das discussões desses homens letrados.

Em *¿Relajados o reprimidos?* *Diversiones públicas y vida social en la ciudad de México durante el Siglo de las Luces*, o historiador Juan Pedro Viqueira Albán<sup>161</sup> fez uma investigação sobre as diversões populares da Nova Espanha de meados do século XVIII na capital do Vice-Reino. Segundo sua análise, a penetração das ciências modernas, do pensamento ilustrado e das filosofias foi sustentada por um crescimento econômico devido ao aumento da produção mineradora que provocaram as mudanças nos costumes.

Porém, por trás da fachada de ampliação da riqueza mineradora, havia uma dura realidade. As múltiplas epidemias e os surtos de fome que castigaram a população nos indica que o nível de vida das classes baixas da população tendeu a diminuir. O crescimento do bandoleirismo e da mendicância são sinais desse empobrecimento dos grupos sociais menos favorecidos. As crises agrícolas contribuía para acelerar o processo de desintegração das comunidades indígenas submetidas às constantes pressões dos grandes latifúndios. Essas catástrofes rurais produziram um êxodo rural que aumentou a população marginalizada nas grandes cidades. Este fenômeno era percebido na época pelos homens ilustrados que participaram, ou não, da guerra de independência<sup>162</sup>.

A má situação econômica e social dos indígenas na passagem do século XVIII para o XIX foi percebida e relatada em carta pelo Conde de Revillagigedo, vice-rei da Nova Espanha entre 1789 e 1794, ao Ministro da Fazenda e da Guerra em 1790.

Los miserables indios, por naturaleza, por falta de educación y por la suma pobreza y decadencia en que se hallan, no respiran más que humillaciones y abatimiento, y se reputan como felices cuando tienen con qué satisfacer escasamente la primera necesidad de su alimento, sin cuidarse de vestir, ni tener cama en qué descansar.

---

<sup>161</sup> ÁLBAN, Juan Pedro Viqueira *¿Relajados o reprimidos?* *Diversiones públicas y vida social em la ciudad de México durante el Siglo de las Luces*. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.

<sup>162</sup> Ver KATZ, Friedrich *Revuelta, rebelión y revolución* : la lucha rural en México del siglo XVI al siglo XX México : Ediciones Era, 1990.

En tal situación, sólo una carestía de maíz extraordinaria, o unas imposiciones que no pudiesen absolutamente pagar, serían capaces de ponerlos en un estado de desesperación que les obligase a emprender algún atentado.<sup>163</sup>

Dentre o grupo de bispos ilustrados da Nova Espanha, Manuel Abad y Queipo (1775-1823) produziu análises interessantes sobre a realidade social, econômica e cultural que atingia os indígenas e mestiços. Embora não tenha participado da insurgência, foi um dos tutores mais influentes de Hidalgo durante sua estadia em Valladolid. Por discordar dos métodos empregados por seu aluno na guerra contra os *gachupines*, Abad y Queipo excomungou-o em 1811.

Em 26 de dezembro de 1804, Abad y Queipo escreveu uma carta em nome dos trabalhadores e comerciantes de Valladolid, de Michoacán, sobre a alta cobrança de tributos que revela o caráter rural dos indígenas da Nova Espanha.

La Nueva España es agricultora solamente, con tan poca industria, que no basta a vestir y calzar un tercio de sus habitantes. Las tierras mal divididas desde el principio se acumularon en pocas manos, tomando la propiedad de un particular (que debía ser la propiedad de un pueblo entero), cierta forma individual opuesta en gran manera a la división, y que por tanto siempre ha exigido y exige en el dueño facultades cuantiosas.<sup>164</sup>

As características da sociedade rural dos indígenas mexicanos revelam um sistema de exploração e de pagamento de tributos rigoroso em relação às atividades comerciais desenvolvidas nas cidades das províncias. Ao iniciar o movimento de insurgência na região mineradora de Guanajuato, Miguel Hidalgo pretendia lutar contra o novo vice-reinado

<sup>163</sup> Informe del Conde de Revillagigedo al Ministro de Hacienda y guerra [1790] TORRE VILLAR, Ernesto **Historia documental de México** México: UNAM, 1974, p. 21.

<sup>164</sup> Representación a nombre de los labradores y comerciantes de Valladolid de Michoacán en que se demuestran con claridad los gravúsumos inconvenientes de que se ejucute en las Américas la real cédula de 26 de diciembre de 1804, sobre enajenación de bienes raíces y cobro de capitales de capellanías y obras pías para la consolidación de valles [1804], TORRE VILLAR, Ernesto **Historia documental de México** México: UNAM, 1974, p.25.

imposto por José Bonaparte durante a ocupação francesa da Espanha. Contudo, a guerra foi interpretada por esse grupo excluído da sociedade colonial como um movimento eficaz para o combate às injustiças sociais. A partir deste momento, o discurso insurgente precisou contemplá-los e propor novas organizações sociais que pregassem não apenas novas relações de soberania política, mas também o fim da exploração econômica.

Caracterizar a insurgência como um fenômeno que pudesse atender a felicidade pública e a imprensa como o instrumento utilizado para divulgá-la foi um dos temas trabalhados pelo jornal insurgente *Ilustrador Nacional*, como é possível observar no seu texto de abertura em Sultepec no dia 2 de abril de 1812:

Americanos: La primera vista de estos caracteres os llena de complacencia, asegurando en el justo concepto que habéis formado de los incesantes desvelos, y activos conatos con que la nación se aplica infatigablemente a promover de todos modos su publica felicidad. Una imprenta fabricada por nuestras propias manos entre la agitación y estruendo de la guerra y en un estado de movilidad, sin artífices, sin instrumentos, y sin otras luces que las que nos han dado la reflexión y la necesidad, es un comprobante incontestable del ingenio americano siempre fecundismo en recursos e incansable en sus extraordinarios esfuerzos por sacudir el yugo deprecadante y opresor.<sup>165</sup>

Em comparação com esse ideal, a sociedade realmente existente aparecia como um conjunto de ambiguidades políticas. Castas e estamentos em vez de indivíduos, hierarquia no lugar de igualdade e associações políticas impostas pelo colonizador espanhol ao invés de serem pautadas na vontade do povo. Somente uma ruptura com uma nova fundação de soberania aliada a existência de um novo pacto social parecem possíveis para construir esse novo mundo.

Conforme Xavier-Guerra,

---

<sup>165</sup> *Ilustrador Nacional* texto de abertura do dia 2 de abril de 1812.

En el imaginario dominante en todo el mundo hispánico de esta época, el "pueblo", origen de la soberanía, se piensa ante todo como un conjunto de "pueblos", origen de la soberanía, se piensa ante todo como un conjunto de "pueblos", es decir, como comunidades políticas particulares con sus ciudades capitales. El viejo imaginario medieval, aún intacto en la época de los Austrias, permanece todavía muy vivo.<sup>166</sup>

Contudo, o autor considera que as elites ilustradas da Hispanoamérica não tinham paciência para lidar com o tradicionalismo da população. Por isso, na construção de um modelo ideal de sociedade, os grupos ilustrados da Nova Espanha desconsideravam a realidade social do povo. Mesmo neste cenário contraditório, Xavier Guerra considera que foi possível o surgimento de homens especializados na ação política que transferiam a soberania ao povo.

Es este proceso de transmutación de la sociedad en pueblo que explica el papel central de los hombres de la palabra o de la pluma en la política moderna: los únicos capaces de decir lo que el pueblo o la nación quieren o piensan.<sup>167</sup>

Neste sentido, a exaltação patriótica de todos os impressos americanos era dotada de um tradicionalismo como a fidelidade ao rei, defesa da religião, dos costumes e da pátria associadas a um desejo universal de mudança comum ao período. Por isso, se fez necessário para os líderes insurgentes a utilização de um vocabulário específico do movimento ilustrado para a construção de um novo projeto político que produzisse mudanças efetivas na sociedade da Nova Espanha sem, contudo, afetar totalmente as tradições culturais que motivavam indígenas e mestiços a se filiar ao movimento.

No número 7 do *Despertador Americano* editado por Maldonado, vemos claramente essa ligação na medida em que o padre associa as luzes da razão à luta pelas injustiças e

---

<sup>166</sup> GUERRA, François-Xavier **Modernidad e independencia**, México, Fondo de Cultura Económica, 2000. p. 124.

<sup>167</sup> Idem p. 91.

queixas da população.

Americanos, Compatriotas muy amados, oid la voz de razon, escuchad los gemidos de la angustiada militante Patria, mostraos sensibles al clamor de sus justisimas queixas.<sup>168</sup>

Por outro lado, em um discurso de Morelos aos oaxaqueños em 23 de dezembro de 1812, o General afirma que a luta feita com base nas “luzes naturais” é também a defesa da liberdade concedida pelo “Autor da Natureza” não respeitada por seus inimigos.

En efecto, si queréis usar de vuestras luces naturales y examinar la causa que defendemos, conoceréis que no puede ser más justa de lo que es; pues nuestro designio no se recuse a otra cosa que a defender la libertad que nos concedió el Autor de la naturaleza, y de la cual se trata de despojarnos injustamente, según los principios mismos que asientan y que tenazmente practican nuestros antagonistas.<sup>169</sup>

A associação feita durante o movimento de insurgência entre a ilustração e as antigas tradições culturais da Nova Espanha pode ser explicada a partir da formulação do discurso que esteve presente na construção da identidade nacional do país. Os principais temas presentes – exaltação do passado indígena, denigração da Conquista, ressentimento xenofóbico contra os *gachupines* e a devoção pela Guadalupana – surgiram a partir desta lenta mudança que se operou na insurgência que repudiava cada vez mais o espanhol para exaltar suas características particulares.

Assim, a mediação política constituída pelos jornais insurgentes a partir da utilização desses elementos simbólicos foi responsável pela configuração de espaços de sociabilidade com um caráter ambíguo, mas específico do Antigo Regime nas colônias ibero-americanas. O fato de permitir o diálogo entre os editores letrados e a população rebelde configurou a

<sup>168</sup> *Despertador Americano* número 7 do dia 17 de janeiro de 1811.

<sup>169</sup> Morelos muestra a los oaxaqueños el despotismo español y la justicia de la revolución 1812, 23 de dezembro, Oaxaca. HERREJÓN, Carlos **Morelos**: antología documental México, Consejo Nacional de Fondo Educativo, 1985. p. 94.



formação da luta por meio de diferentes atores sociais, num espaço propício para o debate. Os jornais não articularam somente como divulgadores da luta, como vimos, mas como um momento de formação da opinião política de alguns setores sociais da sociedade nova-hispana no início do século XIX. Atuaram como uma expressão das inquietudes políticas e trouxeram nessa interlocução novas questões a respeito da própria história mexicana e da formação de uma nova sociedade política.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Marta, SOIHET, Rachel e GONTIJO, Rebeca (orgs) **Cultura política e leituras do passado**: historiografia e ensino de história Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007. p. 13-14
- ÁLBAN, Juan Pedro Viqueira **¿Relajados o reprimidos?** Diversiones públicas y vida social en la ciudad de México durante el Siglo de las Luces. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- ANDERSON, Benedict **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. São Paulo, Cia das Letras, 2008.
- ANNA, Timothy Eagan: **Mexico City in the war of Independence 1810-1821**, Universidad de Duke (EU), Doctorado, 1969
- \_\_\_\_\_ **The fall of the royal government in Mexico City**, Lincoln University of Nebraska Press, 1978
- ANNINO, Antonio e ROJAS, Rafael, **La independencia**: herramientas para la Historia México: Fondo de Cultura Económica, 2008.
- ANNINO, Antonio e GUERRA, François Xavier (Orgs.) **Inventando la nación. Iberoamérica**. Siglo XIX. México, Fondo de Cultura Económica, 2003.
- ÁVILA, Alfredo, **En nombre de la nación**: la formación Del gobierno representativo em México 1808-1824, México, Taurus/Centro de Investigación y Docencia Económicas, 2002
- ÁVILA, Alfredo, GUEDEA, Virginea (coord) **La independencia de México**: temas e interpretaciones recientes México: UNAM, Instituto de Investigaciones Históricas, 2010
- BACZKO, Bronislaw. **Les imaginaires sociaux**. Paris : Payot, 1984.
- BENSON, Nettie Lee (editor), **México and the Spanish Cortes**, 1810-1822. Eight essays, Austin, University of Texas Press, 1966.
- BERSTEIN, Serge "A cultura política", em RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François (dirs), **Para uma história cultural**, Lisboa, Editorial Estampa, 1998. p. 349-363.
- BLOCH, Marc **Os reis taumaturgos** São Paulo: Companhia das Letras, 1983
- BONFIL BATALLA, Guillermo. **México Profundo**: una civilización negada. México: SEP-CIESAS, 1987
- BURKE, Peter (org) **A escrita da História: Novas perspectivas** trad. Magda Lopes São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992
- \_\_\_\_\_ **Cultura da tradição nos primórdios da Europa Moderna**. BURKE e

- POCHIA HSIA, R. (orgs). **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo, UNESP, 2009.
- BUSHNELL, David e MACAULAY, Nelly, **El nacimiento de los países latinoamericanos**, Nerea, Madrid, 1989.
- BRADING, David **Orbe indiano**. De la monarquía católica a la república criolla, México, FCE, 1991.
- BRADING, David A. **Mito y profecía en la historia de México** México, Fondo de Cultura Económica, 2004.
- \_\_\_\_\_ **La virgen de Guadalupe**. Imagen y tradición. México: Taurus, 2002
- \_\_\_\_\_ **Una Iglesia asediada: el obispado de Michoacán, 1749-1810**. México, Fondo de Cultura Económica, 1994.
- CASANOVA, Jose. **Public religion in the modern world**. The Un. Of Chicago Press, 1994.
- CARDOZO GALUÉ, Germán Michoacán em el siglo de las luces, Mexico, El Colegio de México, 1973.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger **Cultura escrita, Literatura e História: conversa de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit Porto Alegre**, Artmed, 2001.
- CHIARAMONTE, Jose Carlos **Cidades, províncias, Estados: origens da nação argentina (1800-1846)** São Paulo, Hucitec, 2009.
- \_\_\_\_\_, "El federalismo argentino en la primera mitad del siglo XIX", In: **Federalismos latinoamericanos**, México, Brasil, Argentina, México, FCE-El Colegio de México, 1993.
- CONNAUGHTON, Brian F., **Dimensiones de la identidad patriótica: religión, política y regiones en México, siglo XIX**, México, Universidade Autónoma Metropolitana Miguel Ángel Porrúa, 2001.
- CRUZ SOTO, Rosalba Las publicaciones periódicas y la formación de una identidad nacional In: **Estudios de Historia Moderna Contemporanea de México** Vol. 20 Doc. 253, 2000
- DARNTON, Robert **O grande massacre dos gatos: e outros episódios da história cultural francesa** São Paulo: Graal, 2011.
- \_\_\_\_\_ **Os best-seller proibidos da França pré-revolucionária** trad. Hidegard Feist Companhia das Letras, 1998.
- DUTRA, Eliana de Freitas "História e culturas políticas- definições, usos, genealogias", **Varia história**, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, n. 28, 2001, p. 13-28

- ESTRADA, Dorothy Frank de La enseñanza de la lectura em la Nueva España, 1700-1821 In **História de la lectura en Mexico**- Seminario de Historia de la Educación en Mexico El Colegio de Mexico, Centro de Estudios Históricos, 2000
- EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.
- FLORESCANO, Enrique **Memoria mexicana**. México: Fond de Cultura Económica, 1994.
- \_\_\_\_\_ **Notas sobre las relaciones entre memoria y nación em la historiografía mexicana**. *Historia Mexicana*, v. 53, n. 2, 2003, p. 391-416.
- \_\_\_\_\_ **Quetzacóatl y los mitos fundadores de mesoamericana** México, Taurus, 2007.
- GENNIS, Carlos Fregoso **Las ideas insurgentes y su difusión em la prensa del occidente mexicano: estudio de caso *El Despertador Americano***. Disponível em <http://sincronia.cucsh.udg.mx/fregoso.htm> acessado em novembro de 2007.
- GINZBURG, Carlo **O queijo e os vermes** São Paulo: Companhia das Letras, 1987
- \_\_\_\_\_ **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_ **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e História** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GRUZINSKI, Serge **A colonização do imaginário** São Paulo, Cia das Letras, 2003.
- GUARDINO, Peter, *Campesinos y política*, México, Centro de Estudios Eduardo Neri/Congreso del Estado, 2000; Peter Guardino, “Las bases sociales de la insurgencia em la Costa Grande de Guerrero” , Ana Carolina Ibarra (coord.), **La Independencia em el Sur de México**, México, FFyL-IIH, UNAM, 2004
- GUEDEA, Virginia, **En busca de un gobierno alterno**: Los Guadalupes de México Mexico, UNAM, 1992.
- \_\_\_\_\_ Los voluntarios de Fernando VII. **Estudios de Historia Moderna y Contemporánea de México**, Álvaro Matute (editor), México, Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas, v. 10, 1986
- \_\_\_\_\_ **The process of mexican idenpendence** - Disponível em <http://www.historycooperative.org> acessado em 31/01/2008
- GUERRA, François-Xavier **Modernidad e independencia**, México, Fondo de Cultura Economica, 2000.
- GUERRA, François Xavier e LEMPÉRIÈRE, Annick **Los espacios públicos em Iberoamérica: ambigüedades y problemas**. Siglos XVIII-XIX. Mexico: Fondo de cultura económico, 1998.

- HABERMAS, J. **The theory of communicative action**. Beacon Press, 1981.
- HABERMAS, Jürgen **Mudança estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria de sociedade burguesa** trad. Flávio R. Kothe Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2003.
- HALPERIN DONGHI, Tulio **Tradición política española e ideología** revolucionaria de mayo. Centro editor de America latina, Buenos Aires, 1965.
- HAMMIL, Hugh **The Hidalgo revolt. Prelude to Mexican independence**, Gainesville, University of Florida Press, 1966.
- HAMNET, Brian **Roots of insurgency: Mexican Regions, 1750-1824**, Cambridge, Cambridge University Press, 1986.
- HERREJÓN, Carlos **La independencia según Ignacio y Rayón México**, Consejo Nacional de Fondo Educativo, 1985.
- \_\_\_\_\_ **Morelos: antologia documental México**, Consejo Nacional de Fondo Educativo, 1985
- \_\_\_\_\_ **Del sermón al discruso cívico. México 1760-1854**, Zamora, El Colegio de Michoacán, 2003.
- HUNT, Lynn A **Nova História Cultural** trad. Jefferson Luiz Camargo São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- IBARRA, Alfredo Corona , **Memorias y Revista de la Academia de Ciencias** (Antigua Sociedad Científica Antonio Alzate) Tomo LIX nos. 1-2 México 1960.
- IBARRA GONZÁLEZ, Ana Carolina: **El cabildo eclesiástico de Oaxaca: el cabildo catedral y la insurgencia**, UNAM, Facultad de Filosofía y Letras, Doctorado en Historia, 1997.
- KATZ, Friedrich **Revuelta, rebelión y revolución : la lucha rural en México del siglo XVI al siglo XX México** : Ediciones Era, 1990.
- LAFAYE, Jacques **Quetzalcátl y Guadalupe: la formación de la consciencia nacional en México. Abismo de conceptos. Identidad, nación, mexicano. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.**
- \_\_\_\_\_ Mesías, cruzadas, utopías: **El judeo-cristianismo en las sociedades iberoamericanas México: Fondo de Cultura Económica, 1997.**
- LUCA, Tania de História dos, nos e por meio dos periódicos In: PINSKY, Carla B (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo, Ed. Contexto, 2006.
- LUNA, Juan Hernández, **El mundo intelectual de Hidalgo**, historia mexicana, 10, III:4, octubre-diciembre de 1953.

- LYNCH, John **The Spanish-American revolutions** (1808-1826), New York, Norton, 1973.
- MAGASICH-AIROLA, Jorge e BEER, Jean-Marc **América Mágica: quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o paraíso**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- MAZA, Francisco de la **El guadalupanismo mexicano** México, 1953.
- MIGUEL Y VERGÉS, José María, **La Independencia Mexicana y la Prensa Insurgente**, El Colegio de México 1985, p. 11. In: <http://sincronia.cucsh.udg.mx/fregoso.htm#7>. acessado em 19 de novembro de 2007.
- MONTEIRO, John **Unidade, diversidade e a invenção dos índios: entre Gabriel Soares de Sousa e Francisco Adolfo de Varnhagen** **História** 149, 2º, 2003.
- MONTERO, Paula **Índios e missionários no Brasil: para uma teoria da mediação cultural** In: MONTERO, P. (org.) **Deus na aldeia: missionários, índios e mediação cultural**. São paulo, Globo, 2006.
- MORENO MONTES DE OCA, Rafael **La filosofía de la ilustración en México**, estudios interpretativos, tesis de maestría, México, Universidad Nacional Autónoma, Facultad de Filosofía y Letras, 1966.
- NEAL, Clarice **La libertad de Imprenta en Nueva España 1810-1820** In: BENSON, N. L. **México y las Cortes Españolas 1810-1822**, México, Cámara de Diputados, 1985.
- NEBEL, Richard. **Santa María Tonantzín Virgen de Guadalupe**. Continuidad y transformación religiosa en México. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- NESVIG, Martín A. **Religious Culture in Modern Mexico** Rowman & Littlefield Publishing Group, 2007.
- NOGUEZ, Xavier **Documentos Guadalupanos: un estudio sobre las fuentes de información tempranas en torno a las mariofanías en el Tepeyac** México, Fondo de Cultura Económica, 1993.
- PALACIOS, Marco **Las independencias hispanoamericanas: interpretaciones 200 años después** Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2009.
- PAMPLONA, Marco A. e MÄDER, Maria Elisa (org.) **Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas Nova Espanha São Paulo**, Paz e Terra, 2008.
- PAZ, Octavio. **El laberinto de la soledad**. Edición de Enric Mario Santf. Madri: Ediciones Cátedra, 1993.
- POCOCK, John **The Enlightenments of Edward Gibbon**, Cambridge University Press, 1999.
- PRADO, Maria Ligia Coelho – **América Latina no século XIX**. Tramas, telas e textos, São Paulo: EDUSP; Bauru: EDUSC, 1999.

REYES, Raúl Cardiel **La primera conspiración por la independencia de México**. México: SEP, 1980.

ROJAS, Rafael **La escritura de la independencia**. El surgimiento de la opinión pública en México, México, Centro de Investigación y Docencia Económica/Taurus, 2003.

SANTOS, Eduardo N. **Deuses do México Indígena** São Paulo: Palas Athena, 2002.

SERRANO, José Antonio **Jerarquía territorial y transición política: Guanajuato 1790-1836**, 2001.

\_\_\_\_\_ “La imprenta se fue a la guerra. La libertad de imprenta en la Nueva España (1811-1821)” **Memorias de la Academia Mexicana de la Historia Correspondiente de la Real de Madrid**, México, v. XXXVI, 1993.

SOARES, Gabriela Pellegrino História das Ideias e mediações culturais: breves apontamentos In: JUNQUEIRA, Mary Anne e FRANCO, Stella Maris Scatena (org.) **Cadernos e seminários de pesquisa** - vol II Projeto Temático/FAPESP - Cultura e Política nas Américas: Circulação de Ideias e Configuração de Identidades São Paulo: USP-FFLCH-Editora Humanitas, 2011

\_\_\_\_\_ Letramento e mediações culturais em *pueblos* indígenas do centro sul do México no século XIX. **História Revista** (UFG), v. 15, p. 97-118, 2010.

\_\_\_\_\_ **Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954**. Belo Horizonte: UFMG, 2007

SLEMIAN, Andréa e PIMENTA, João Paulo **O “Nascimento político” do Brasil: as origens do Estado e da Nação (1808-1825)** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

TESTA, Lilián Álvarez, **Ilustración, educación e independencia. Las ideas de José Joaquín Fernández de Lizardi**, México, Universidad Nacional Autónoma de México, Coordinación de Humanidades, 1994

TERÁN, Marta Banderas de la independencia con imágenes marianas: las de San Miguel El Grande, Guanajuato, de 1810 In: FRASQUET, Ivana (coord) **Bastillas, cetros y blasones: La independencia en iberoamerica**, 2006.

\_\_\_\_\_ **¡Muera el mal gobierno!: las reformas borbónicas en los pueblos michoacanos y el levantamiento indígena de 1810**, El Colegio de México, Centro de Estudios Históricos, Doctorado en Historia, 1995.

TORRE VILLAR, Ernesto de la **Testimonios Historicos Guadalupanos**. México, FCE, 1982.

TUTINO, John **From insurrection to revolution in Mexico: social bases of agrarian violence, 1750-1940**, Princeton, N.J., Princeton University Press, 1986

VAN YOUNG, Eric **La Otra Rebelión: la lucha por la independencia de México 1810-1821** Mexico, Fondo de Cultura Económica, 2006.

VANDERWOOD, Paul J. The Millennium and Mexican Independence: Some interpretations In: consensus In: ARCHER, Christon I. (org) **The birth of modern Mexico, 1780-1824.** Wilmington, Delaware: A. Scchoolarly Resources Inc. Imprint, 2003.

VERNANT, Jean Pierre. **Mito e Política.** Edusp, 1996.

VERGÉS, Miguel, **La independencia Mexicana y la prensa insurgente,** Ed. INEHRM, México 1985.

VILLICAÑA, Ernesto Lemoine **Morelos: su vida revolucionaria a través de sus escritos y de otros testimonios de la época México:** UNAM, 1965.

VILLORO, Luis **El proceso ideológico de la Revolución de Independência México:** Cien de México (1ª ed. 1951), 2002.

\_\_\_\_\_ **Los grandes momentos del indigenismo en Mexico** México, Fondo de Cultura Económica, 2005.

ZEA, Leopoldo **Filosofía de la historia americana.** México, 1976.



